UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

OLGA MARIA DO NASCIMENTO LOPES CABRAL

A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E MUSEU NA MEDIAÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA PARA ESTUDANTES DO IFPB

João Pessoa
2016

OLGA MARIA DO NASCIMENTO LOPES CABRAL

A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E MUSEU NA MEDIAÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA PARA ESTUDANTES DO IFPB

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE como requisito para obtenção do título de Mestra em Artes Visuais.

Orientadora: Profª Drª Renata Wilner.

João Pessoa
2016

L864r Lopescabral, Olga Maria do Nascimento.
A relação entre escola e museu na mediação da arte contemporânea para estudantes do IFPB / Olga Maria do Nascimento Lopescabral.- João Pessoa, 2016.
131f. : il.
Orientadora: Renata Wilner
Dissertação (Mestrado) - UFPB-UFPE
1. Artes visuais. 2. Arte contemporânea. 3. Mediação Cultural. 4. Estação Cabo Branco. 5. IFPB.

UFPB/BC CDU: 7.01(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

OLGA MARIA DO NASCIMENTO LOPES CABRAL

A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E MUSEU NA MEDIAÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA PARA ESTUDANTES DO IFPB

Aprovado em: 30 / 03 / 2016

Comissão Examinadora:

Drª Renata Wilner (Orientadora)

Drª. Maria Betânia e Silva (Examinadora Interna)

Drª. Fabiane Pianowski (Examinadora Externa)

A **JESUS**,

Essência da minha existência, amor maior; Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte – Is 9:6; Pai da Eternidade e Príncipe da Paz – Is 9:6; Porta e Pastor – Jo 10:10; Luz do mundo– Jo 8:12; Caminho, Verdade e Vida – Jo 14:6; Libertador – Jo 8:36; Videira Verdadeira – Jo 15:1 R; Ressurreição e Vida – Jo 11:25; Adão – I Co 15:45; Advogado – I Jo 2:1; Alfa e Ômega – Ap 1:8 ; 22:13;Apóstolo da nossa confissão – Hb 3:1; Autor da Salvação – Hb 2:10; Autor da Vida – At 3:15; Autor e Consumador da Fé – Hb 12:2; Bem- aventurado – I Tm 6:15; Único soberano – I Tm 6:15; Braço do Senhor – Is 5:19; 53:1; Cabeça da Igreja – Ef 1,22; Chefe – Is 55:4; Consolação de Israel – Lc 2:25; Cordeiro de Deus – Jo 1:29; Criador – Jo 1:3; Cristo de Deus – Lc 9:20; Desejado de todas as nações – Ag 2:7; Deus bendito – Rm 9:5; Deus Unigênito – Jo 1:18; Deus – Is 40:3; Emanuel – Is 7:14; Eu Sou – Jo 8:58; Filho Amado – Mt 12:18; Filho de Davi – Mt 1:1; Filho de Deus – MT 2:15; Filho do Altíssimo – Lc 1:32; Filho do Homem – Mt 8:20; Filho do Deus Bendito – Mc 14:61; Glória do Senhor – Is 40:5; Grande Sumo Sacerdote – Hb 4:14; Guia – Mt 2:6; Herdeiro de todas as coisas – Hb 1:2; Homem de dores – Is 53:3; Imagem de Deus – 2 Co 4:4; Jesus de Nazaré – Mt 21:11; Jesus – Mt 1:21; Juiz de Israel – Mq 5:1; Justiça nossa – Jr 23:6; Justo – At 7:52; Leão da Tribo de Judá – Ap 5:5; Legislador – Is 33:22; Mediador – 1 Tm 2:5; Mensageiro da Aliança – Ml 3:1; Messias, o Ungido – Dn 9:25, Jo 1:41; Nazareno – Mt 2:23; Nossa Páscoa – I Co 5:7; Pão da Vida – Jo 6:35; Pai Eterno – Is 9:6; Pastor e Bispo das Almas – 1 Pe 2:25; Pedra Angular – Sl 118:22; Poderoso de Jacó – Is 60:16; Poderoso Salvador – Lc 1:69; Precursor – Hb 6:20; Primogênito – Ap 1:5; Príncipe dos Pastores – 1 Pe 5:4; Princípio da Criação de Deus – Ap 3:14; Profeta – Lc 24:19; Raiz de Davi – Ap 22:16; Redentor – Jó 19:25; Rei dos reis – I Tm 6:15; Rei dos santos – Ap 15:3; Rei dos Judeus – Mt 2:2; Rei dos séculos – 1 Tm 1:17; Rei – Zc 9:9; Renovo – Is 4:2; Resplandecente Estrela da Manhã – Ap 22:16; Rocha – I Co 10:4; Rosa de Sarom – Ct 2:1; Santo de Deus – Mc 1:24; Santo de Israel – Is 41:14; Santo servo – At 4:27; Santo – At 3:14; Semente da mulher – Gn 3:15; Senhor da glória – I Co 2:8; Senhor de todos – At 10:36; Senhor Deus – Is 26:4; Senhor dos senhores – I Tm 6:15; Siló – Gn 49:10; Soberano dos reis – Ap 1:5; Sol da justiça – Ml 4:2; Sol nascente – Lc 1:78; Testemunha fiel – Ap 1:5; Testemunho – Is 55:4; Todo-Poderoso – Ap 1:8; Verbo de Deus – Ap 19:13; Verbo – Jo 1:1; Verdade – Jo 1:14; Doador do Espírito Santo – Mt 3:11; Primeiro e Último – Is 41:4; Fundamento da Igreja – Mt 16:18; Onipresente – Ef 1:20- 23; Onipotente – Ef 1:20- 23; Onisciente – Ap 1:8 – Jo 21:17; Santificador – Hb 2:11; Mestre – Lc 21:15; Inspirador dos profetas – I Pe 1:17; Supridor deMinistros à Igreja – Ef 4:11; Salvador – Tt 3:4- 6

Aos pais José (in memoriam) e Ivani.

A Emanuel (in memoriam), Nicácio, Aparecida e Alseni.

A Gutemberg, aos filhos Enver, Even, Tulio e aos pequenos Emanuele e Gutierrez.

Dádivas e expressões do amor de Deus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fundamento e essência de minha vida!

Aos meus pais José Batista (in memoriam) e Ivani Lopes pela primeira educação.

A minha orientadora Renata Wilner pela forma como conduziu o processo de construção deste trabalho, com ética e sabedoria.

Aos estudantes do curso técnico em Instrumento Musical em especial a Letícia, Beatriz, Ila, Rafael e Lucas.

A Nicácio pelo apoio, incentivo e acompanhamento através da revisão do projeto e deste trabalho "final".

Aos professores do PPGAV pelo desempenho, dedicação e profissionalismo.

Aos colegas do PPGAV em especial a Valentim sempre prestativo, dotado de boas ideias e de um sorriso que acolhe e anima.

Á Emi e Lúcia: amigas de fé e presentes mesmo distantes.

A Gutemberg pela compreensão nas ausências.

A Enver, Even, e Túlio, extensões de mim e por quem aprendi que a vida tem mais sentido e é sempre melhor quando amamos gratuitamente.

A todos que de alguma forma contribuíram para a concretização desse trabalho...

O meu muito obrigada!

“É belo o problema que nos estimula à superação”.
(Nietzsche)

“Escrever é fácil. Você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca ideias”.
(Pablo Neruda)

“Se você não consegue explicar algo de modo simples é porque não entendeu bem”.
(Albert Einstein)

RESUMO

Esta pesquisa trata de um processo pedagógico desenvolvido com educandos do Curso Técnico em Instrumento Musical, do IFPB campus João Pessoa, envolvendo a mediação cultural entre a escola e a Estação Cabo Branco, Ciência, Cultura e Artes. O objetivo foi o de analisar a contribuição que tais espaços, formal e não formal respectivamente, proporcionaram para a compreensão da arte contemporânea pelos estudantes. A pesquisa é qualitativa, com a utilização de questionários, consulta a documentos das instituições e observação como instrumentos para a coleta de dados. Abordo sobre a arte contemporânea, mediação cultural, a mediação na escola e no museu e educação formal e não formal ou a relação entre escola e museu. Neste estudo apresento e analiso as concepções da coordenadora de mediação e do mediador do museu sobre arte contemporânea, mediação e relação entre escola e museu, entre outras. Trago, como foco principal, a compreensão dos estudantes do IFPB sobre a arte contemporânea antes e após o processo pedagógico e faço uma análise comparativa entre suas concepções sobre essa arte em fases distintas deste processo.

Palavras-chave: Estação Cabo Branco. IFPB. Mediação Cultural. Arte Contemporânea.

RESUMEN

Esta pesquisa trata de um processo pedagógico desarrollado com educandos del Curso Técnico en Instrumento Musical del IFPB – Campus João Pessoa, envolviendo la mediación cultural entre la escuela y la Estação Cabo Branco, Ciência, Cultura e Artes. El objeto fue lo de analizar la contribución que tales espacios, formal y no formal respectivamente, proporcionaron para la comprensión del arte contemporáneo por los estudiantes. La pesquisa es calitativa, con la utilización de cuestionarios, consulta a documentos de las instituciones y observación como instrumentos para la colecta de datos. Abordo sobre el arte contemporáneo, mediación cultural, la mediación en la escuela y en el museo y educación formal y no formal la relación entre escuela y museo. En este estudio presento y analizo las concepciones de la coordinadora de mediación y del mediador del museo sobre el arte contemporáneo, mediación y relación entre escuela y museo, entre otras. Traigo, como foco principal la comprensión de los estudiantes del IFPB sobre el arte contemporáneo antes y después del proceso pedagógico y hago un análisis comparativo entre sus concepciones sobre ese arte en fases distintas de este proceso.

Palabras-clave: Estação Cabo Branco. IFPB. Mediación Cultural. Arte Contemporáneo.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....12

CAPÍTULO 1 - A ARTE CONTEMPORÂNEA E O PÚBLICO.....18

1.1 LEITURA DA OBRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA.....26

1.2-MEDIAÇÃO CULTURAL.....30

1.2.1-Mediação na escola.....35

1.2.2-Mediação no museu.....38

CAPÍTULO 2 - RELAÇÃO ESCOLA E MUSEU.....41

2.1 - NOTAS SOBRE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS.....47

2.1.1-O museu vai à escola.....47

2.1.2 - Mediadores e professores mediadores: a experiência da 7ª Bienal de Artes Visuais do MercosuL.....48

2.1.3 - Traços e passos: visitas ao Museu Lasar Segall.....49

2.1.4- Diálogos e reflexões com educadores: a instituição cultural como potencialidade na formação docente.....50

2.2 - UMA EXPERIÊNCIA PRELIMINAR DE MEDIAÇÃO COM ESTUDANTES DO IFPB.....53

2.2.1 - Visita ao museu.....53

2.2.2 - Desdobramentos em sala de aula.....56

CAPÍTULO 3 – PROCESSO EDUCATIVO PARA A COMPREENSÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA PELOS ESTUDANTES DO IFPB.....58

3.1 - O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IFPB.....58

3.1.1 -Perfil dos estudantes do curso técnico integrado em Instrumento Musical.....60

3.2-O MUSEU ESTAÇÃO CABO BRANCO-CIÊNCIA, CULTURA E ARTES.....61

3.2.1- Concepções da coordenadora de mediação e do educador.....64

3.3 - PROCESSO EDUCATIVO PROPOSTO ENQUANTO PESQUISA-AÇÃO.....68

3.3.1-Desenvolvimento das ações na escola IFPB e no Estação Cabo Branco.....69

3.3.1.1-*1ª Etapa: Diagnóstico preliminar acerca da compreensão da arte contemporânea pelos estudantes do IFPB*.....71

3.3.1.2-*2ª Etapa: Apresentação de uma imagem pelos estudantes e relato escrito*.....75

3.3.1.3-*3ª Etapa: Visita a primeira exposição*.....78

3.3.1.3.1 – Mediação na exposição.....**79**
3.3.1.4 - *4ª Etapa: Debate e relato escrito sobre a exposição com escolha de uma de suas obras*.....**80**
3.3.1.5 - *5ª Etapa: Exibição do filme " Isso é arte? ": relato escrito e debate*.....**85**
3.3.1.6 - *6ª Etapa: Exibição do filme " o que é arte contemporânea? ": relato escrito e debate*.....**86**
3.3.1.7 - *7ª Etapa: Apresentação oral de imagens de arte contemporânea pelos estudantes e entrega de um relato escrito sobre essas obras*.....**87**
3.3.1.8 - *8ª Etapa: Modalidades de arte contemporânea*.....**88**
3.3.1.9 - *9ª Etapa: Etapa: Elaboração de uma proposta de um trabalho artístico*.....**89**
3.3.1.10 - *10ª Etapa: Montagem e exposição de um trabalho artístico e elaboração de um conceito sobre arte contemporânea*.....**89**
3.3.1.11 - *11ª Etapa: 2ª Visita a exposição*.....**95**
3.3.1.12 - *12ª Etapa: Desdobramento da visita na escola*.....**97**
3.3.1.13 - *13ª Etapa: Aplicação de questionário*.....**99**
3.3.2 - Compreensão da arte contemporânea pelos estudantes e as contribuições do IFPB e do Estação Cabo Branco Ciências, Cultura e Artes.....**100**
3.3.2.1 - *Conceito e gosto pela arte contemporânea*.....**103**

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**109**
REFERÊNCIAS.....**111**
APÊNDICE A Questionário aplicado aos estudantes do IFPB antes da mediação.....**118**
APÊNDICE B Questionário aplicado aos estudantes do IFPB após cada visita.....**121**
APÊNDICE C Questionário aplicado aos educadores do museu.....**123**
APÊNDICE D Questionário aplicado à coordenação do setor educativo do museu.....**126**
ANEXO A Imagem de obra.....**127**

INTRODUÇÃO

Sou professora de Artes, com especialização em Artes Visuais e experiência em ensino há 20 anos na rede pública, dos quais 17 vivenciados na rede municipal de João Pessoa, 13 na rede Estadual, 14 na rede municipal de Bayeux. Atualmente, há 5 anos, exerço minhas ações de docência no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, atuando em três turmas do Ensino Integrado, das áreas de Contabilidade, Eletrônica e Instrumento Musical. Entende-se por Integrado o ensino que é Médio e Técnico, com duração de quatro anos.

O *campus* João Pessoa, onde atuo profissionalmente, é o mais antigo do IFPB. Nele a vertente do humanismo permeia o aspecto relacionado à fruição estética, à expressão artística nas diversas modalidades, dentre as quais se destacam as Artes Visuais. Atuando nesse campo, tenho a grata satisfação de constatar que os cursos técnicos ministrados pelo Instituto Federal da Paraíba contemplam a formação de base humanística, e mais especificamente, a ocorrência e recorrência dos fenômenos artísticos. Tenho plena consciência de que a investigação científica ora apresentada pode suscitar uma contribuição relevante para o mundo da docência e da assimilação das artes, à medida que explicitará a desenvoltura da vertente humanística no universo do tecnicismo, como é o caso do perímetro dos cursos técnicos, nos quais atuo como professora.

Além desse aspecto, convém assinalar que o desenvolvimento da pesquisa poderá contribuir na formulação de uma nova proposta curricular pertinente às Artes Visuais, da disciplina Artes do IFPB. Esta pesquisa tem como tema a mediação cultural no ensino de Arte. A análise se dará a partir da mediação cultural realizada no museu Estação Ciência do Cabo Branco e IFPB, com grupo de estudantes para os quais leciono neste Instituto. Consiste, pois, num trabalho dissertativo em que abordarei sobre a ampliação do olhar dos educandos a partir da relação de reciprocidade entre o museu e a escola.

A escolha por estudar mediação cultural realizada pelo Estação Ciência, deve-se ao fato dele ter como missão levar cultura, arte, ciência e tecnologia à população de forma gratuita e ter obras expostas, de forma ininterrupta, durante todo o decorrer do ano. Além disso, realizei, com os alunos da rede municipal de ensino de João Pessoa, visitas às exposições nessa instituição e sempre vinha me questionando sobre a importância dessa ação, para a formação deles, daqueles “passeios”, como costumavam chamar. Era visível a empolgação e o clima festivo presente naquela atividade diferenciada. Entretanto, ao observar aquela cena, me questionava: “Além desse entusiasmo e alegria, o que esse encontro ou contato com a arte, num ambiente fora da escola, pode provocar ou proporcionar à formação desses estudantes? ” Essa pergunta ficou sem resposta. Emociono-me ao lembrar que não dispunha de tempo suficiente para refletir sobre a minha prática, chegando muitas vezes a realizá-la de forma “atropelada”, sem planejamento e tendo como suporte e estratégia o

cumprimento da sequência dos livros didáticos. Na ocasião, eram 20 turmas em duas escolas e o cargo de vice-diretora que me ocupavam 70 horas semanais.

Atualmente, como professora do IFPB, *campus* João Pessoa, constato que a maioria dos estudantes recém-ingressos nunca frequentou uma exposição de artes visuais e tão pouco sabe o que é arte contemporânea. Tenho, então, para este trabalho, a seguinte hipótese: a mediação cultural, através da escola e museu, proporciona contribuições para a compreensão da arte contemporânea pelos estudantes. Assim, trago para o meu atual contexto como professora a seguinte questão: quais contribuições a mediação cultural, vivenciada pelos estudantes no IFPB e na Estação Cabo Branco de Ciência, Arte e Cultura, traz para a sua compreensão sobre arte contemporânea?

Esta proposta de estudo é coerente ou adequada à área de concentração do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV) e uma das linhas de pesquisa, Ensino das Artes Visuais no Brasil, já que se trata de uma investigação acerca do ensino de arte realizado em escola e museu – localizado na cidade de João Pessoa – e suas contribuições aos estudantes do Ensino Médio. Atende também ao objetivo do Programa no sentido de proporcionar subsídios para ampliar ou aprofundar a compreensão do processo de aprendizagem de adolescentes.

Esse estudo, enfim, será organizado em três capítulos:

1-Arte contemporânea e o público;

2-Relação entre escola e museu;

3-Processo educativo para a compreensão da arte contemporânea pelos estudantes do IFPB.

No primeiro capítulo discorro sobre arte contemporânea, contextualizando-a historicamente, tecendo considerações sobre características gerais que a definem como tal e sua receptividade pelo público espectador. Apresento, a partir de suas características, imagens de obras de arte de Lígia Clark, Vik Muniz, Carlito Carvalhosa, Élida Tessler, Valéria Martins, Song Dong. Abordo também sobre a leitura de obra de arte contemporânea, mediação cultural no que concerne a concepções e práticas desenvolvidas no museu e na escola.

No segundo capítulo, teço considerações sobre educação formal e não formal, já que escola e museu estão, respectivamente, inseridas nestas categorias. Abordo ainda a relação de reciprocidade entre escola e museu, com exemplos que demonstram esse tipo de relação, incluindo uma experiência preliminar de mediação realizada com os estudantes do IFPB no Estação Cabo Branco Ciências Cultura e Artes.

O terceiro capítulo se refere aos resultados da pesquisa, levando em conta todo o processo de desenvolvimento deste trabalho. Aqui o leitor terá uma ideia mais concreta da metodologia adotada, das dificuldades e soluções encontradas e finalmente das contribuições que a

escola e o museu proporcionaram aos estudantes do IFPB para a compreensão da arte contemporânea.

. Faço um breve levantamento histórico do Instituto Federal da Paraíba, além de mencionar informações sobre o curso Integrado e mais especificamente sobre o de Instrumento Musical, além do perfil dos estudantes envolvidos na pesquisa. Abordo também sobre o Estação Cabo Branco – Ciências, Cultura e Artes, instituição cujo contexto é parte da pesquisa.

Relato a experiência na qual procuro identificar a leitura que tais estudantes fazem na arte contemporânea antes e após a mediação cultural, que ocorreu através de duas visitas ao museu e em sala de aula.

A interpretação dos resultados da pesquisa fundamenta-se em alguns teóricos que considero pertinentes à elucidação das questões que envolvem o objeto de estudo.

Abordo a arte contemporânea em estudos empreendidos por autores como Freire (2006), Parsons (1999), Archer (2008), Bourriaud (2009) através dos quais é possível chegar ao entendimento dessa categoria de arte quanto a origem, conceito, características, etc.

A leitura ou a receptividade da arte contemporânea pelo grande público estão fundamentados também em Archer (2008), De Fusco (1988), Chiarelli (2009), Canclini (2012), Ghiraldelli (2015), Spricigo e Silveira (2007), Plaza (1990), Sgarioni (2009) e Menezes (2007).

Ao abordar sobre mediação cultural busco fundamento em Darras (2009), Martins (2005), Pinto (2010), Coutinho (2011), Honorato (2010), Alencar (2008), e Silva (2009). Ainda no que concerne a esse tema, mas especificamente sobre mediação na escola, faço referências a Uriarte (2015), Chiovatto (2012), Penharbel (2010) e em se tratando da mediação ocorrida no museu, Pinto (2012), Coutinho (2008 e 2009) e Grinspum (2012) são as referências.

Finalmente, em se tratando de educação formal e não formal ou da relação entre escola e museu, respaldo este trabalho em autores como Gohn (2006), Graebin e Paz (2012), Barbosa, Coutinho e Sales (2005), Martins, Piosque e Guerra (1998), Pinto (2012), Lima (2009), Orofino (2009) e Bay (2012).

O trabalho de campo foi desenvolvido com estudantes do ensino Integrado do IFPB, *campus* João Pessoa, aos quais leciono, mais precisamente aqueles que pertencem a uma mesma turma do curso Instrumento Musical. Entenda por ensino Integrado, o Médio e o Técnico. O grupo é composto por 9 estudantes que vivenciaram a experiência de mediação cultural, via IFPB e visitas a exposições de arte no Estação Cabo Branco – Ciência, Cultura e Artes. As visitas ocorreram no primeiro e no segundo semestre do ano letivo 2015. Tais exposições eram de arte contemporânea, uma vez que minha intenção foi a de identificar a compreensão a partir da mediação cultural no que tange a esse tipo de arte. A pesquisa é de natureza qualitativa, com a utilização de vários

instrumentos para a coleta de dados: questionários compostos de perguntas abertas e fechadas, entrevistas, documentos como folders e panfletos do museu e observação em campo.

A metodologia aplicada é de pesquisa-ação. Sobre ela Thiollent escreve:

> "...é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo". (2011, p. 20)

O enunciado traduz bem o caráter dessa pesquisa: trata-se de uma intervenção junto ao grupo de educandos do Ensino Médio Técnico em Instrumento Musical, do IFPB Campus/João Pessoa, para o qual leciono, onde participarão de uma ação de mediação cultural envolvendo escola e museu. A ação tem como uma de suas justificativas a existência de uma lacuna na compreensão de educandos, acerca da arte contemporânea, trazida da sua formação do ensino fundamental e de sua própria vivência.

A imagem seguinte ilustra a dinâmica dessa ação:

Figura 1 Etapas da pesquisa ação

Fonte: www.educador.brasilescola.com/trabalho-docente/pesquisa-ação.htm

Trata-se de um processo em que planejo as ações, executo a intervenção, observo todo o processo e obtenho resultados e conclusões reflexivas. A intervenção não foi executada apenas por mim, mas contou com a participação dos educadores do museu, fato que a torna uma intervenção compartilhada.

A seguir as etapas da intervenção:

1ª Aula: Aplicação de um questionário aos estudantes da turma do curso técnico em Instrumento Musical. Proposta de trazerem uma imagem de uma obra de arte de acordo com o gosto pessoal de cada um.

2ª Aula: Apresentação da imagem, trazida de casa, e justificação da escolha.

3ª Aula: Visita a 1ª exposição no Estação Cabo Branco Ciências Cultura e Artes.

4ª Aula: Debate e relato escrito com a escolha de uma das obras exposta no museu.

5ª Aula: Exibição do filme "Isso é arte? ". Relato escrito e debate.

6ª Aula: Exibição do filme "O que é arte contemporânea? ". Relato escrito e debate.

7ª Aula: Apresentação oral, pelos estudantes, de imagens de arte contemporânea.

8ªAula: Exposição oral, pela professora, de modalidades de arte contemporânea.

9ª Aula: Elaboração de uma proposta de um trabalho artístico a partir da vivência sobre arte contemporânea na escola e no museu.

10ª Aula: Montagem, exposição de um trabalho artístico e elaboração de um conceito sobre arte contemporânea.

11ª Aula: 2ª visita a exposição e seu desdobramento

12ª Aula: Aplicação de um questionário.

Dessa forma, foi possível analisar o impacto da mediação na compreensão dos educandos sobre arte contemporânea.

Para caracterizar o tipo de mediação cultural exercida junto aos estudantes, foi aplicado um questionário ao educador (mediador)[1], e coordenadora do setor educativo[2] do museu, através do qual são abordadas questões-referentes à sua formação, o planejamento que faz, suas estratégias de mediação, suas concepções de arte contemporânea e da relação entre escola e museu, etc.

Para melhor compreender como a mediação acontece num determinado espaço, nesse caso no Estação Cabo Branco e no IFPB, é fundamental contextualizá-los enquanto ação inserida num espaço institucional. Para isso recorro, em se tratando do Estação Ciências, à consulta de

[1] Apêndice C
[2] Apêndice D

documentos elaborados pela instituição e disponível em seu site oficial[3], além de material impresso (panfletos, folders, etc.), situando-a historicamente e possibilitando conhecer a sua dinâmica no que concerne às atividades ali realizadas e mais especialmente, as exposições de arte.

Quanto ao IFPB/Campus João Pessoa a busca dos dados ocorreu através de bibliografia publicada e de consulta ao seu site oficial[4].

A observação, outro instrumento de coleta de dados utilizado, segundo LAVILLE (1999) é importante num processo de pesquisa e pode ser combinada com outras técnicas e instrumentos. Segundo o autor, as técnicas de observação variam pelo grau de estruturação e grau de proximidade entre o observador e objeto observado. No caso deste estudo, ela foi aplicada tanto em sala de aula, como também durante o momento da realização da mediação no museu, uma vez que estive com os estudantes nesse percurso cultural, como professora. O registro foi feito por fotos e anotações em caderno de campo da pesquisadora

[3] www.joaopessoa.pb.gov.br/**estacao**cb/
[4] www. **ifpb**.edu.br/institucional/**historico**

1-ARTE CONTEMPORANEA E O PÚBLICO

Falar sobre arte contemporânea é falar de uma arte executada no momento atual, cuja produção tem origem, historicamente, na década de 1960, período em que o experimentalismo modernista, de modo geral, foi fundamental para as experiências posteriores. Para um melhor entendimento é necessário reportar a um espaço e um tempo ainda anterior e encontrar um nome que se tornou importante no desenvolvimento dessa arte, mais especificamente, da arte conceitual. Refiro-me a Marcel Duchamp que inaugurou, através dos readymade[5], o que atualmente denominamos arte conceitual. Ele, literalmente, se apropriou de elementos do cotidiano e os deslocou para um espaço expositivo de arte, dando-lhe, portanto, um novo significado. Estou me referindo a "Roda de bicicleta"(de 1912, uma roda de bicicleta fixada sobre um banquinho), seu primeiro readymade, entretanto foi com a "Fonte" (de 1917, um urinol invertido), tão falada e polêmica, através da qual ocorreu o confronto com o sistema de arte, no caso da submissão ao Salão por um pseudônimo.

Sobre a chamada arte conceitual, Cristina Freire a define como "movimento internacional com duração definida na história da arte contemporânea – diferente de conceitualismo - tendência crítica à arte objetual constituída por diversas e diferentes propostas, como performance, instalação, land art, vídeoarte etc." (FREIRE, 2006, p.8). Tal distinção é difusa, segundo a referida autora.

Deparando-me com a arte conceitual, vejo que o produto final não é enfatizado, mas o conceito, a ideia. O artista americano Sol Le Witt elaborou "Sentenças sobre Arte Conceitual", de 1969, refere a essa questão: "Ideias em si podem ser uma obra de arte; estão em uma cadeia de desenvolvimento e podem finalmente encontrar alguma forma. Nem todas as ideias precisam ser concretizadas". Essa ênfase também é citada em outra sentença: "Uma obra de arte pode jamais sair da mente do artista" (LEWITT apud BIGI e STRECKER,1983, p.1).

Se a ênfase recai sobre o conceito e a ideia, ao ponto de já se constituir como obra de arte, a forma encontrada para concretizá-la assume um papel coadjuvante. O artista pode delegar a

---

[5] O termo é criado por Marcel Duchamp (1887-1968) para designar um tipo de objeto, por ele inventado, que consiste em um ou mais artigos de uso cotidiano, produzidos em massa, selecionados sem critérios estéticos e expostos como obras de arte em espaços especializados (museus e galerias). Duchamp chama esses ready-mades compostos de mais de um objeto de ready-mades retificados. Os ready-mades de Duchamp constituem manifestação cabal de certo espírito que caracteriza o dadaísmo. Ao transformar qualquer objeto em obra de arte, o artista realiza uma crítica radical ao sistema da arte. Assim, objetos utilitários sem nenhum valor estético em si são retirados de seus contextos originais e elevados à condição de obra de arte simplesmente ao ganhar uma assinatura e um espaço em exposições. Os princípios de subversão mobilizados pelos ready-mades podem ser também observados nas máquinas antifuncionais de Francis Picabia (1879-1953) e em algumas imagens fotográficas de Man Ray (1890 - 1976). Disponivel em http://enciclopedia.itaucultural.org.br. Acessado em 02/01/2016

outros, detentores de conhecimentos técnicos, a função de executar aquilo que está em sua mente. Lembramos que esse procedimento não é característico apenas da arte conceitual, mas já ocorreu em outros tempos, quando artistas tinham artesãos como auxiliares para execução das obras. Percebemos claramente a divisão do trabalho intelectual e manual, assim como a valorização do primeiro sobre o segundo, onde neste último que consiste na etapa da materialização, o sujeito (que pode ser marceneiro, soldador, ceramista, artesão, etc.) simplesmente não é citado, não aparece, assumindo a condição de anonimato. Isso é justo? É ético? Cheguei a me perguntar em certo momento desse processo de busca e aprofundamento. Entretanto, considerando que a materialidade na arte conceitual assume um papel secundário e a obra de arte existe independente de ser concretizada ou materializada, eu concluo que esse anonimato é coerente com o que se propõe essa arte e consiste numa consequência desse processo. Em outras palavras, os operários que apenas executam aquilo idealizado e determinado pelo artista, não aparecem também como autores porque não a criaram e, portanto, a autoria não lhes pertence. É o que acontece com a arquitetura: a autoria da obra é do arquiteto que a concebeu, projetou, idealizou. No caso dos *ready-mades*, não faz sentido considerar os operários como co-autores no processo criativo, porque quando fazem o objeto não imaginam que ele poderá ser deslocado para um espaço diferente daquele para o qual foi criado, perdendo a sua função utilitária e adquirindo o status de objeto de arte. Não há aqui, no ato de construção, nenhuma intencionalidade artística.

Pode ocorrer também o que Cristina Freire (2006) chama de autoria compartilhada, na qual "envolve o artista na concepção e realização do projeto... e aquele que o executa nas diversas situações em que venha a se materializar" (FREIRE, 2006, p.40), ou seja, nesse caso os sujeitos – artista e operários- participam do processo de criação, trocando ideias e conhecimentos específicos dos quais são dotados.

A autoria compartilhada da produção artística contemporânea ocorre também em relação ao espectador:

> "Duchamp com sua obra, desmistifica a figura do artista. Afinal o *ready-made* como objeto industrial sem qualquer apelo estético, torna-se o paradigma de uma operação na qual a autoria é compartilhada. "Quem fez o *ready-made*? "Indaga o artista com seu gesto... a obra é realizada duas vezes: primeiro pelo artista, depois pelo observador". (FREIRE, 2006, p. 34 e 35)

Essa ação que Duchamp realizou, possibilitou, portanto, alargar o limite de uma obra de arte em se tratando de sua autoria, incluindo a participação do espectador. Na obra existe o sentido que o artista quis manifestar através dela, mas que é completado por aquilo que o observador apreende e que não foi intenção do artista. Isso consiste numa premissa daquilo que chegou a ser a

participação do espectador diante de uma obra contemporânea, onde a experiência com essa arte é múltipla, envolvendo não apenas a visão, mas todos os sentidos.

A arte conceitual é de significativa importância para a história da arte contemporânea e apresenta certos princípios que contrariam outros, norteadores do que seja uma obra de arte, ou seja:

> "Em vez da permanência, a transitoriedade; a unicidade se esvai frente à reprodutibilidade; contra a autonomia, a contextualização; a autoria se esfacela frente às poéticas da apropriação; a função intelectual é determinante na recepção". (FREIRE, 2006, p. 8 e 9)

Percebe-se, portanto, que os novos princípios são contraditórios àqueles já estabelecidos, provocando uma nova postura diante da arte, seja de quem se depara com ela, seja de quem se propõe a experiência do fazer arte. Estamos diante de um novo paradigma.

PARSONS também nos aponta mudanças no mundo da arte e da estética, com o advento da arte contemporânea:

> ...um interesse na história, de apropriação e citação; o aumento da arte comprometida com várias causas sociais e culturais; o uso de novos meios e um interesse relativamente grande tanto no conteúdo quanto no meio; a passagem da crença na objetividade embutida na obra de arte […] crescente conscientização da importância das atividades interpretativas do espectador e das possibilidades de interpretações alternativas do mesmo trabalho. (PARSONS, 1999, p.1)

O autor faz um contraponto com a arte moderna, mencionando algumas das características que podem ser constatadas ao nos depararmos com a arte contemporânea. Em se tratando da questão da apropriação e citação[6], isso pode se dar através do uso de imagens pré-existentes como histórias em quadrinhos, obras de arte realizadas em diferentes momentos históricos, imagens veiculadas pela televisão, internet, ou propaganda em geral, etc.

No caso da figura 2, percebe-se de forma evidente que o artista não apenas usou o recurso da apropriação, mas fez uma "meta apropriação", ou seja, sua obra é uma apropriação da obra de Andy Warhol com apropriação da Mona Lisa.

---

6 "... apropriação e citação, algo muito próprio de nossa contemporaneidade pós-moderna. Aproprio-me de imagens da História da Arte e incluo-as em minha obra, ou seja, tiro a imagem do seu local de origem e a utilizo para construir outra imagem [...] também cito muito em meu trabalho [...] qual é a diferença? Quando cito não existe referência direta. Posso utilizar o modo de trabalhar, da cor mais comum do artista ou da obra que estou citando. No entanto quando me aproprio da imagem, ela está contida em meu trabalho, inteira ou desconstruída, mas está presente. " (BARBOSA, 2005, p.145)

Figura 2 Vik Muniz *After Warhol – Double Mona Lisa* (A partir de Warhol, Mona Lisa Dupla), Fotografia de imagem produzida com pasta de amendoim e geleia.

Fonte: https://esteticafaap.wordpress.com/2009/05/

Em outra obra (figura 3) o autor faz referência a Ticiano, mais precisamente à obra "Ícaro", utilizando materiais atípicos e jamais pensados em outros momentos históricos bem anteriores à nossa contemporaneidade.

Figura 3 Vik Muniz- *Ícaro* - Fotografia de imagem produzida com Materiais diversos

Fonte:https://esteticafaap.wordpress.com/2009/05/

O que vemos na contemporaneidade é o deslocamento constante de objetos os mais inusitados possíveis e sua consequente ressignificação em função de um conceito e de uma ideia. É um processo no qual o artista manipula signos mais do que os produz e o espectador que antes era apenas um contemplador/consumidor, passa a ser "um ativo leitor de mensagens". (FREIRE, 2006, p. 38).

Outra característica marcante dessa arte é, sem dúvida alguma, a liberdade para criar, num contexto muito longe da discussão sobre cânones ou regras de composição as quais eram submetidos os artistas. E nessa liberdade, a utilização de novos meios, materiais e suportes ou a ausência deles, fazem parte do processo:

> "Sobre uma estante de metal há um fogãozinho aceso que mantém em ebulição uma panela de água. Em volta da estante, espalham-se materiais de acampamento, sem nenhuma composição. Junto à parede há caixas de papelão, na maioria abertas, contendo pacotes de sopas chinesas desidratadas que o visitante pode consumir à vontade, acrescentando a água fervente que está à sua disposição". (BOURRIAUD, 2009, p. 35)

Estou diante de que? O que é isto? Isto é arte? Arte é isso? Deparamo-nos com uma arte que frequentemente "foge" ou se "recusa" muitas vezes a ser enquadrada em modalidades artísticas. No caso específico, trata-se de uma peça de Rirkrit Tiravanija que foi realizada no Aperto 93 da Bienal de Veneza.

ARCHER (2008, p. IX) comenta sobre essa questão do uso de materiais diversos: "não parece haver mais nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material de arte: a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas". Tais materiais, que se constituem em elementos na construção de obras, se fazem presentes nos trabalhos a seguir, como a instalação de Carlito Carvalhosa que traz os elementos Luz e som:

Figura 4 Instalação de Carlito Carvalhosa - A soma dos dias /
Sum of Days MoMa Nova York (2011)

Fonte: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/12.050/4112

A instalação *A soma dos dias* traz a ideia de encobrir para revelar. Toda a arquitetura é revestida e coberta de tecido, formando uma construção alta e volumosa. Com a instalação ocorre a interrupção do fluxo e a percepção dentro daquele espaço. Tal construção é flexível e sensível ao vento e ao movimento se contrapondo a rigidez da arquitetura. Há também um jogo de lâmpadas sobre as paredes, proporcionando diferentes zonas de luz e sombra, dando um aspeto cinemático a esse espaço. Aqui não se vê mais o museu, pois este cedeu lugar a um mundo de vultos e sombras que executam movimentos ao som de uma trilha discreta e constante. À trilha sonora que é executada soma-se conversas e passos de quem vai a esse espaço. Microfones fazem a captação do som e alto falantes, a reprodução no exato momento. A cada dia novos sons são registrados, sobrepondo os anteriores e construindo uma memória da experiência naquele museu. (MESQUITA, 2011).

Percebe-se que um projeto assim que envolve uma multiplicidade de recursos técnicos, se constitui num trabalho de equipe, pois muitas vezes o artista, mentor, não tem domínio dos saberes necessários a sua elaboração. Por outro lado, o ambiente foi incorporado à obra e esta se completou com a participação do público que por ali passou.

A Performance de Valéria Martins composta por pessoas e som:

Figura 5 Performance de Valéria Martins (2014) “Zona de Lançamento”.
Projeção de imagens em fachada do MAR (Museu de Arte do Rio)

Fonte: JoãoPenoniwww.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=HkKQVZSJNsSU8Qf1_oGICA#q=val%C3%A9ria+martins

A performance “Zona de lançamento” de Valéria Martins trata da relação entre corpos, cidade e arte contemporânea, fazendo com que performers interajam com criações artísticas. Durante as sessões, gotas d´água ampliadas são projetadas sobre a fachada e partindo dessas

imagens os movimentos acrobáticos são criados pelos bailarinos. Além desse estímulo imagético, os performers também criarão respondendo às intervenções sonoras, ou seja, os sons da cidade serão captados por microfonistas de cinema e instrumentistas que serão reprocessados através de meios digitais e devolvidos ao ambiente em tempo real (REIS, 2014, s/p).

A instalação de Elida Tessler da exposição " Elida Tessler: gramática intuitiva" que apresenta o elemento Palavra:

Figura 6 Instalação de Elida Tessler da exposição " Elida Tessler: gramática intuitiva (2013) Fundação Iberê Camargo

Fonte:http://www.revistaluminus.com/site/2013/05/27/arte-contemporanea-brasileira-em-junho-na-fundacao-ibere-camargo/

A instalação "gramática intuitiva" de Elida Tessler traz em sua composição a palavra. O termo "gramática intuitiva" tem sido utilizado pela artista há alguns anos, pois em suas leituras criava regras ao sublinhar palavras. A artista estabelece um diálogo entre imagem e palavra ou entre aquilo que é visto e dito. Na obra as palavras não transmitem qualquer significado completo ou mensagem verbal compreensível, mas são simplesmente significantes, atraindo a atenção do espectador para si próprias. (PLASTINA, 2013).

A autora, portanto, como numa espécie de jogo quebra regras da gramática transformando-a em intuitiva, daí a justificativa do termo que nomeia a instalação.

A Instalação de Song Dong elaborada com os elementos comestíveis:

Figura 7-Instalação de Song Dong “Comendo a cidade” 2014). Composta por biscoitos e balas.

Fonte:http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/arte-e-livros/2014/11/17/noticia_arte_e_livros

A instalação de Song Dong faz referência ao crescimento maciço das cidades, num processo de substituição de suas caraterísticas tradicionais por instalações comuns ou típicas de outras. O artista constrói uma maquete de Belo Horizonte com guloseimas industrializadas- biscoitos e doces – e ao terminar o público é convidado a saborear, devorando literalmente a obra. (DANTAS, 2014)

Esses exemplos são ínfimos, considerando a extensa produção, mas através deles podemos perceber quão inusitados e infinitos, em termos de variação, podem ser os materiais utilizados nessa arte, dentro de um processo de constante experimentação, provocando, instigando e convidando o espectador a participar, à reflexão. Isto é arte? Arte é isso? Estranhamento, rejeição, espanto, frustração, medo, são algumas das reações que podem ser suscitadas na sua recepção pelo grande público ou na leitura que ele faz dessa arte.

Entretanto esse estranhamento pelo público diante da arte não ocorre apenas nos dias atuais. Se nos voltarmos para o passado depararemos, por exemplo, com a incompreensão ou não aceitação das obras de Van Gogh, que não conseguiu vender além de uma de suas pinturas, Anita Malfatti que foi dura ou severamente criticada por Monteiro Lobato e os impressionistas rejeitados pelo público e pela crítica, pois se mantinham fiéis aos princípios da pintura acadêmica. São casos em que a história da arte não coincide com a história dos gostos, assim como ocorre na relação entre a arte atual e o público. O novo causa atrito com o hábito e os códigos já aprendidos e normalizados. O estranhamento, portanto, está embutido no novo.

1.1 LEITURA DA OBRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA

O estar diante de uma obra de arte contemporânea pode trazer inúmeros questionamentos e incertezas sobre aquilo que se observa: “De início, parece que quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo que afinal, permite que as obras sejam qualificadas como “arte”, pelo menos do ponto de vista tradicional” (ARCHER, 2008, p IX).

No Brasil, essa arte, que tem mais de 50 anos, ainda causa estranhamento e indagações de espectadores que são constantes, somadas a reações adversas a ela.

Renato De Fusco (1988) introduz seu livro sobre História da Arte Contemporânea com a pergunta: “ Por que não é a arte contemporânea compreendida como era a arte do passado? ” (p. 9). E aponta como principal causa o desaparecimento de um “código múltiplo” que servia para explicar a arte do passado, composto por várias características: uma narrativa, uma cena, uma ordem compositiva, um sistema cromático, um simbolismo e modelos advindos da natureza. A arte atual desprovida desse código, faz-se incompreendida por parte do público. Conceito, ideia, referência, hibridização, termos que entraram em definitivo no vocabulário da arte, pedem ao espectador outra forma de ver e pensar a produção atual.

Imaginem a cena: pessoas entrando em museus, galerias e outros espaços expositivos como as bienais e se deparando com um tipo de arte diferente e sem conexão com aquilo que durante muito tempo aprenderam e estavam acostumados a considerar como arte. Seus conceitos já estavam formados e acomodados àquela ideia primeira, tida como verdade. Não veem pintura e esculturas, mas uma arte exótica. “O amargor inicial é substituído por um sentimento de desprezo perante aquelas proposições exóticas, agora vistas como empulhações, não merecedoras de nenhuma atenção” (CHIARELLI, 2009, p. 12).

Segundo esse autor, essa é a razão porque muitas pessoas deixam de frequentar exposições de arte contemporânea. O não entendimento dessa arte causa nas pessoas a sensação de não serem cultas, ocasionando consequentemente, seu afastamento e desinteresse em visitar exposições desse tipo. Para ele, a responsabilidade por essa falta de compreensão é das instituições que expõem a arte contemporânea como se fosse tradicional, e entre pinturas, desenhos, esculturas:

> “Negligenciar as diferenças entre formas distintas de expressão artística, não assumir efetivamente o papel de intermediador entre a proposição do artista e a capacidade de intelecção do público é abdicar de um objetivo que toda instituição, sobretudo no Brasil, não poderia esquecer: o pedagógico”. (CHIARELLI, 2009, p. 16)

De fato, o público em geral necessita dessa intermediação, que é pedagógica, para que novos conceitos e paradigmas sejam formados. Acredito que com isso o gosto pela arte

contemporânea também vai se adquirindo. Decididamente, não se gosta daquilo que se desconhece, que é estranho e incompreensível.

Indiferença: essa é a atitude do público que prevalece diante da arte contemporânea para Canclini (2012). Isso pode ser comprovado através do fato de museus como a Tate, o MoMA e o Pompidou, conseguirem atrair um público maior por meio de exposições de obras de arte dos séculos passados.

O público faz sua avaliação questionando se o que vê é arte e o que aquilo quer dizer ou significar, numa reação de espanto, ironia, rechaço, etc. Ele, com frequência, não se detém nas instalações e vídeos experimentais ou outra obra que lhe parece estranha ao seu repertório. Também não é possuidor do conhecimento necessário à compreensão dessa arte que traz em seu bojo rupturas e ocupa um campo vasto, explorando infinitas possibilidades em variados suportes, ambientes ou espaços e fazendo uso de materiais os mais variados e inusitados. Sem as devidas informações, o julgamento do leitor se restringe ou se constitui meramente em argumentos moralistas ou de cunho político, religioso ou cívico, longe, portanto, de critérios utilizados pela estética.

Práticas artísticas desenvolvidas nas duas últimas décadas, como a interatividade de vídeos, diminuíram a distância entre a obra e os espectadores, passando, inclusive a compartilhar os poderes criativos. Por outro lado, a espetacularização da dor e a pretensão de obras em obrigar a reação militante ou ainda com fins pedagógicos, produzem, geralmente, o sentimento de forte rejeição por parte do público. “Sugerir, insinuar, trabalhar com a iminência mais do que com representações literais valorizam estes trabalhos”. (CANCLINI, 2012, p. 223).

Que outros motivos ou razões levariam o chamado grande público, ou seja, aquele não especializado em arte sentir estranhamento, rejeição, espanto, frustração, medo, diante de uma obra contemporânea? A educação escolar e a universitária, segundo Canclini (2012), não proporcionam a esse público as informações especializadas para que ele tenha uma atitude diferente diante de obras contemporâneas. Será mesmo? Essa afirmativa não seria generalizante? No 3º capítulo respondo a essa questão. Para Maria Tornaghi, ex-coordenadora do departamento educativo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), a arte ao separar-se do artesanato no século XVIII ganhou autonomia e afastou-se do cotidiano, dificultando sua comunicação com o público. Ela também atribui esse estranhamento ou não reconhecimento, à própria natureza ou proposta da arte contemporânea: muito parecida com a vida. Assim o espectador ao vê-la, mas não a reconhece como tal. Também para Cocchiarale (2006), o medo diante da arte contemporânea ocorre porque essa arte é abrangente demais e muito próxima da vida. Tal abrangência se refere à interface com outras artes e a inserção de temas alheios à natureza da própria arte. A arte que hoje nos é

apresentada não está presa a molduras e pedestais e confunde-se com a vida do homem contemporâneo não só pelas formas, mas também pelos temas. O entendimento que o senso comum tem sobre o que é arte, se constitui, para Freire (2006), na maior dificuldade das pessoas aceitarem ou de assimilarem a arte contemporânea, isto porque ainda estão calcadas no conceito de que uma obra de arte é desenho, pintura ou escultura. Há uma "verdade" arraigada pela história que consiste num empecilho, num entrave frente à compreensão dessa arte atual, ocasionando insegurança e desconforto para um público detentor de parâmetros cujos fundamentos são típicos de concepções clássicas e modernas. A autora se refere, especificamente, àquela produção artística típica e situada, historicamente, desde o Renascimento até aquela do período que antecede a ruptura com a arte tradicional e que faz parte ou se constitui nesse repertório ainda muito presente, para o grande público, interferindo, formando ou até mesmo determinando juízo de valor. Fica difícil alcançar o entendimento da arte contemporânea e julgá-la se o fizermos com fundamentos em parâmetros da arte do passado e alheios à sua especificidade. Diante daquela arte a atitude do espectador era de contemplação e, frequentemente, de passividade. Hoje ele pode ser também sujeito, pois é instigado ou provocado através de sua participação, a completar, dar sentido, fazer a obra.

Falando sobre interatividade com a obra, Spricigo e Silveira (2007) descrevem efeitos desse processo para o mundo da arte:

> O espectador passou a ser um participador, ou seja, a interação do indivíduo com o trabalho artístico tornou-se menos passiva e mais ativa-esta interação poderia ser física ou mental-mais ou menos intensa; a obra de arte perdeu sua "aura" sendo que sem a presença do espectador o trabalho não se realiza; a obra de arte tornou-se "aberta" e "inacabada", aberta a participação do espectador e inacabada pois depende deste para sua completa realização. (SPRICIGO e SILVEIRA, 2007, p. 35)

Nesse sentido, "é o espectador que faz a obra", dizia Marcel Duchamp. E comungando com a mesma ideia afirmava Lygia Clark: "No meu trabalho, se o espectador não se propõe a fazer a experiência, a obra não existe" (PLAZA, 1990, p. 15). Para exemplificar ou ilustrar esse ato de complementaridade em Lygia Clark, recorro a Hirszman:

> Ao dar ao espectador uma simples fita de Moebius de papel e uma tesoura, propondo que ele recorte essa fita transversalmente, transformando-a em linhas cada vez mais finas, ela promove uma mudança fundamental na sua relação com o objeto de arte, deslocando-o da função de espectador para o de agente. (HIRSZMAN, 2014, p. 221)

Comungo com o pensamento do curador Paulo Sérgio Duarte, em entrevista a Sgarioni (2009), se a experiência de contato com a obra de arte, como a que foi acima descrita, for vivenciada repetidas vezes pelo espectador, desencadeia nele o entendimento ou compreensão acerca da arte: "quem vai a uma exposição uma vez por ano não entende de arte... os conceitos se

formam pela repetição da experiência". É, pois, o contato constante que torna concreta e possível a capacidade de compreender as múltiplas poéticas, extraindo daí uma vivência e reflexão particular.

Figura 8- Obra de Lygia Clark –Caminhando (1964)

Fonte:www.artifixx.blogspot.com

Em novembro do ano 2015 uma obra causou polêmica entre o público leigo: "Macaquinhos"[7]. Nas redes sociais, muita gente criticou e a rejeitou severamente. Esse público não entende e consequentemente não aceita essa ação como arte que eu atribuo à falta de uma vivência nessa área. Conforme Paulo Ghiraldelli,[8] a causa dessa reação adversa a arte está relacionada aos hábitos culturais dos brasileiros que não costumam, em sua maioria, frequentar exposições de arte, espetáculos de dança, teatro, shows e cinema. Nesse sentido Júlia Pinto (2012, p. 89) afirma: "só entende o valor simbólico agregado ao objeto artístico quem se sente familiarizado com aquele bem cultural".

Também somos informados através das redes sociais, da imprensa[9] que em dezembro de 2015 houve uma reação do público que eu chamaria de positiva: ele aplaudiu a performance realizada por estudantes, através da qual protestavam contra a reorganização da rede estadual de ensino de São Paulo que previa o fechamento de 92 escolas. O público entendeu que se tratava de um protesto, porém eu me questiono: ele também entendeu que aquela ação é tida como arte contemporânea, intervenção urbana e mais especificamente, performance? Ou não estabeleceu essa relação devido ao fato de ter sido realizada na rua e abordar sobre uma temática – ou problema –

---

[7]Trata-se de uma performance baseada no livro *O povo brasileiro*, de Darcy Ribeiro realizada na Mostra Sesc Cariri de Culturas, em Juazeiro do Norte. O projeto surgiu em 2011, tendo sido apresentado em diversas partes do país. Nessa ação performática 9 atores, através de pantomima, imitam macacos que se movimentam, nus, em círculo, tocando o ânus uns dos outros.

[8]Filósofo e escritor. Trabalha como escritor, cartunista e professor. Tem doutorado em Filosofia pela USP e doutorado em Filosofia da Educação pela PUC-SP. Tem mestrado em Filosofia pela USP e mestrado em Filosofia e História da Educação pela PUC-SP. Disponível em http://ghiraldelli.pro.br/cv/. Acesso em 30/11/2015

[9] http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/12/1715678-imobilizados-e-em-silencio-estudantes-fazem-perfomance-na-av-paulista.shtml?cmpid=facefolha. Acesso em: 29/12/2015.

atual que mexeu com a opinião pública? Arte para esse público não é, ainda, apenas aquela exposta em museus, centros culturais e galerias e que não esteja tão próxima da realidade?

Para Menezes (2007) a incompreensão e o distanciamento entre o público e a arte da atualidade são reforçados pela existência de um ensino de arte voltado, com maior ênfase, para a arte clássica e moderna. Por que isso acontece? Seria despreparo dos professores? Por outro lado, quando ocorre o contrário, ou seja, quando através do ensino de arte é proporcionado o contato com a arte atual, assistimos ou tomamos conhecimento que preconceitos antigos vão sendo substituídos por conceitos e paradigmas formados e/ou assimilados diante dessa realidade que é apresentada aos educandos, conforme podemos perceber através dos depoimentos a seguir:

> Antes qualquer obra de arte parecia não ter significado, principalmente a contemporânea. Depois que aprendemos a dar novos significados às obras e a interpretá-las de modo diferente, tudo ganha novos sentidos, a arte ganha novo sentido. A arte me ensina a pensar e abrir novos horizontes. (E.L)
>
> Me ajudou a mudar de ideia sobre arte contemporânea, pois minha habilidade de desenhar não ajudou em nada na confecção do trabalho, quando os outros colegas, mesmo sem essa habilidade, superaram minhas expectativas. (B.L.)
> A experiência me mostrou que a arte contemporânea está mais próxima de mim do que eu imaginava. (B.A.)
>
> Percebi que o sentido de uma obra depende mais do público do que do artista. (L.R.)

Tais afirmações são de estudantes da 1ª série do Ensino Médio que fizeram parte de uma experiência de ensino da professora Greice Gohn (2009), realizada no Colégio Pedro II, Unidade Centro, uma escola pública federal na cidade do Rio de Janeiro, onde os estudantes cursam a disciplina Artes Visuais durante todas as séries do Ensino Fundamental (I e II) e na primeira série do Ensino Médio, ano em que é abordado o ensino da arte contemporânea. O objetivo da experiência foi analisar as mudanças ocorridas nos estudantes e professores através da abordagem da arte contemporânea no ensino. Entre as ações do planejamento, foram incluídas visitas a obras de arte contemporânea em museu, galerias e/ou centros culturais. Nesse processo de aprendizagem houve ação de mediação, tema do tópico a seguir, através da qual é possível desenvolver a compreensão, um novo olhar e consequentemente nova postura diante da arte atual.

1.2-MEDIAÇÃO CULTURAL

A abordagem sobre mediação cultural, aqui proposta, consistirá em considerações acerca do seu conceito, seguindo do seu desenvolvimento na escola e no museu.

Nesse sentido, o termo mediação no sentido genérico, se refere a uma ação que permeia ou perpassa diversas áreas, funções, profissões e seus respectivos autores, conforme podemos constatar no enunciado:

> 1. Ato ou efeito de mediar. 2. Intervenção, intercessão, intermédio(...). 3.Jur. Intervenção que se busca produzir um acordo. 4. Jur. Processo pacífico de acerto de conflitos internacionais (...). 5. Agenciamento, corretagem. 6. Mat. Operação de somar termo a termo duas frações ordinárias. 7. Rel. Segundo a doutrina da Igreja Católica, função de Maria e dos Santos junto a Jesus Cristo e a Deus. (AURÉLIO, 1975, p. 903)

Além dessas funções que trazem em seu bojo a ação de mediação, outras mais específicas podem ser citadas em se tratando de museus: educador, curador, museólogo, coordenador de oficinas artísticas e culturais, etc. Entretanto se fossemos refletir mais sobre a generalidade do termo, não pararíamos por aqui, pois chegaríamos a conclusão que a todo momento e em diferentes ambientes ou contextos, estamos exercendo a função de mediadores, sob a condição de diversificados papéis que desempenhamos na sociedade, mais precisamente no mercado de trabalho (coordenadora, diretora, orientadora, supervisora, professora...).

Os significados do termo mediação como se vê é muito abrangente e como nos aponta Davallon (2007, p. 3) "estão bastante distantes de uma qualquer reflexão sobre o estatuto científico do termo". O autor ao falar isso se refere a mediação cultural que a define pelo viés da funcionalidade: "visa aceder um público a obra (ou saberes) e a sua ação consiste em construir um interface entre esses dois universos estranhos um ao outro (o do público e o do objeto cultural) a fim de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro" (2003, p. 4). O autor, portanto, sai do campo genérico e amplo do termo para o que se pretende tratar aqui: mediação cultural.

Nesse sentido para Martins, mediação:

> ... não é imposição de ideias, mas leva o público em geral a perceber ângulos inusitados com diferentes perspectivas de seu próprio pensamento. Ampliação de conhecimento. Tem que fazer sentido e relacionar com experiências para desenvolver o estético, estimulando e ressignificando o conhecimento. (MARTINS, 2005, p.76)

O que a autora nos apresenta é um conceito que traz em seu bojo não só o caráter funcional da mediação, mas também procedimentos metodológicos intrínsecos a ela. O conceito ora apresentado tem fundamento numa educação que respeita o que o estudante traz como experiências de vida, sejam elas pessoais ou sociais. Considero que o tipo de mediação sobre a qual a autora se refere é aquela que se constitui numa ação com a intenção de ampliar repertórios, desvendar

conhecimento, conceitos, preconceitos e provocar ou suscitar transformação, onde o "ver", que é simplesmente desatento, desinteressado e ligeiro evolui para o "olhar" que para sem pressa, se fixa, reflete, estabelece conexões com outros contextos, ideias, valores, etc. percebendo o que está oculto, implícito, entranhado, encontrando e dando sentido àquilo que os olhos não só veem, mas também conseguem enxergar. E isso é possível através da mediação onde a relação dialógica é inerente ao processo, onde não se impõe ideias, mas as discute. Paulo Freire aborda sobre esse tipo de relação que é horizontal onde se estabelece confiança mútua e os sujeitos envolvidos não temem serem superados, se abrindo para a contribuição do outro. A autossuficiência não é inerente ou típica deste tipo de relação. "Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação é uma devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada" (FREIRE, 2013, p. 112 e 116). Notem que o autor fala "educador-educando", expressão que indica a horizontalidade dessa relação onde quem educa é educado também. É o que ele chama educação para a liberdade, onde os homens se libertam em comunhão. O pensamento de Freire é condizente com o de Lev Vygotsky quando este afirma que é na presença do outro que o homem se constrói e a "interação entre os indivíduos possibilita a geração de novas experiências e conhecimento". (VYGOTSKY apud FERRARI, 2003).

Quanto ao conceito de mediação num campo mais específico, compreendido como museus e espaços expositivos, conforme Barbosa:

> tornou-se mais difundido no campo da arte, a partir da proposta da Ação Educativa da 4ª Bienal do Mercosul, em 2003, elaborada por Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. A partir de então, entende-se que, provavelmente, esse conceito começou a ser assimilado pelos educadores nos museus de arte brasileiros. (BARBOSA, 2011, p. 195).

Segundo Martins (2011) o desafio maior da mediação é provocar uma experiência estética e estésica. Não é ser ponte entre obra e espectador ou entre o que sabe e o que não sabe, mas estar entre tantos, entre muitos, vivendo uma experiência e sendo capaz de potencializá-la aos demais. Isso implica :

> estar atentos às falas, aos silêncios, às trocas de olhares, ao que é desvelado e velado, aos conceitos e repertórios que ditam os gostos, os modos de pensar, perceber e deixar-se ou não envolver pelo con-tato com a experiência de conviver com a arte. Convívio que nos exige sensibilidade inteligente e inventiva para pinçar conceitos, puxar fios e conexões, provocar questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamento de hipóteses, socializar as diferenças, problematizando também para nós o convívio com a arte. Muito mais do que ampliar repertórios com interpretações de outros teóricos, a mediação cultural como a compreendemos,

> quer gerar experiências que afetem cada um que a partilha, começando por nós mesmos. (MARTINS,2011, s/p)

E uma atitude assim pressupõe a ideia de planejamento considerando as características peculiares do público para o qual é direcionada a medição. Entretanto o conhecimento desse público só será possível de se obter de forma mais concreta no ato da mediação. Dessa forma cada experiência, para o mediador, se constitui num desafio e ao mesmo tempo num aprendizado. Não há receitas prontas, o que deve haver é abertura para o novo, para aquilo que ainda não se conhece, para os possíveis imprevistos. É uma prática que se estabelece fundamentalmente permeada pelo diálogo.

No contexto brasileiro o termo mediação, segundo Coutinho (2011) está associado a práticas educativas desenvolvidas em espaços museológicos e culturais, sendo utilizado para qualificar ações educativas com orientações sócio construtivistas em contraposição a orientações tradicionais e reprodutivistas. (p. 1102)

Corroborando com essa concepção de mediação com orientações sócio construtivistas, Pinto (2010) apresenta a figura do mediador, termo mais contemporâneo em relação ao termo guia e monitor, sendo designado para aqueles que estabelecem um tipo de relação com o público, extraindo dele sua própria contextualização acerca da obra de arte. O papel deste profissional é importante, pois através de sua ação, conforme Martins (2005, p. 17) ele "é capaz de abrir diálogos internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais e culturais de cada produtor/ fruidor /aprendiz". Isso é feito considerando que a relação do espectador com a obra, é subjetiva, interpretativa e estimulada pela obra de arte contemporânea e pela ação de mediação, cujo objetivo não é o julgamento estético, mas antes estimular a relação estética, cognitiva e reflexiva específica e singular de cada obra com cada espectador.

As orientações tradicionais e reprodutivistas sobre as quais Coutinho (2011) menciona, estão contempladas nas ações desenvolvidas pelo Guia e pelo Monitor, descritos por Pinto (2010, p.3):

"Guia" é um termo usado para designar aquele profissional que recebe o público neste espaço não formal que é um museu. A ele cabe decorar o máximo de informações possíveis sobre a obra, pois o seu objetivo é repassar ou transmitir esse conhecimento para um público que ele pressupõe ser ignorante e cego ao ponto de precisar ser guiado. Já o "Monitor" é um termo usado para aquele que não determina mais tanto limite para o público, mas o comanda dentro do espaço e a ele concede explicações. (Pinto, 2010, p. 2 e 3).

HONORATO (2010) relata sua experiência conforme essa postura:

> Além de oferecer todo tipo de informações sobre o artista e sua obra, um requisito principal foi o de que lêssemos integralmente os três volumes de Dante... tínhamos assim muitas histórias para contar e desempenhávamos com alguma competência o que se chama "visita palestra", sem considerar o repertório e a participação do público...conduzíamos o público do inferno ao paraíso. (HONORATO, 2010, p. 340)

Analisando tais tipos, percebo que a diferença de postura entre eles está no fato do guia considerar o espectador como um cego que necessita ser guiado. Sua atitude é muito mais diretiva em relação ao monitor que apenas concede explicações, caso seja solicitado. Considero que me tais posturas remetem a educação bancária que Paulo Freire criticava: "...ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". (FREIRE, 1996, p. 47). Embora Freire tenha direcionado sua abordagem especificamente ao professor e não ao guia e ao monitor de museu, encontramos semelhanças de postura entre estes profissionais e por outro lado, se faço essa relação é porque os considero exercendo a função de educador, pois concordo com a afirmação de Alencar (2008) quando diz: "seja na educação formal ou não-formal, numa abordagem tradicional, construtivista, ou qualquer outra, o educador é o profissional a quem compete fazer a mediação entre o conhecimento, o objeto do conhecimento, a instituição, os sujeitos da aprendizagem". (p. 71).

Até o momento estamos tratando o mediador como um termo profissional, conforme concepção de Coutinho (2011) e Pinto (2010). Entretanto Darras (2009) se contrapõe a isso ao apresentar três tipos de mediação: de imersão – aquela que se faz de maneira informal, no meio cultural; a diretiva em que a mediação é formal e de transmissão de conhecimentos eruditos dos que detêm o saber para aqueles que não sabem; e *construtivista*, onde a mediação se constitui numa relação de troca, de interação entre os envolvidos. Nesse caso, para a autora todos seriam mediadores, havendo, pois, nuances de mediação. Entretanto, apesar de haver contradição entre tais concepções, eu vejo que é possível estabelecer uma relação entre elas, ou seja, em se tratando da diretiva e da construtivista, apontada por Darras (2009) se fizermos uma comparação com os tipos de agentes citados por Pinto (2010), perceberemos que elas correspondem, respectivamente a atitude ou postura do guia/monitor e mediador.

Silva (2009) respaldada numa perspectiva de educação construtivista, aborda a necessidade atual dos museus, locais onde se constrói conhecimento, repensarem seu papel, identidade e importância nesse contexto social contemporâneo. O museu, fundamentado nessa perspectiva, potencializaria a construção de múltiplas leituras, proporcionando a ampliação dos conhecimentos prévios ou iniciais de cada sujeito, propondo desafios e estimulando a interpretação.

Coutinho (2009) também corrobora com uma concepção de mediação fundamentada numa pedagogia dialógica:

> "Quando pretendo deslocar a questão da mediação para o campo educacional, tomo como referência uma perspectiva crítica de educação e sobretudo, de arte-educação, tendo a pedagogia dialógica como concepção norteadora e proposições contemporâneas de ensino de arte como modo de articular as ações de mediação." (2009, p. 3739).

Assim também entendemos o papel fundamental de mediador conforme essa postura ou atitude. Por outro lado uma prática condizente a essa postura por parte do professor é aquela que valoriza e promove o contato direto do estudante com as obras de arte, que contempla no seu programa o conteúdo de leitura de imagens, considerando-as como "modelos instigadores de caminhos pessoais e jamais 'fôrmas' a serem copiadas nem 'transmitidas' (MARTINS, 2008, p. 57). Além disso considera a cultura na qual o estudante está inserido e, enfim, promove a aproximação do estudante com a arte. Uma atitude assim implica ou pressupõe a constante busca, pelo professor, em atualizar-se, ampliando seus conhecimentos teóricos e metodológicos através de leituras especializadas, participação em cursos de formação e frequência a exposições de arte, além de manter um olhar atento à cultura visual.

Com o propósito de entender melhor o processo de mediação na escola, discorrerei a seguir sobre essa questão.

1.2.1-Mediação na escola

Segundo Barbosa (2011) a introdução do conceito de mediação no campo de educação ocorreu a partir dos estudos de Vygotsky, segundo o qual a construção do conhecimento ocorre nas relações sociais, onde os sujeitos se interagem; "a aprendizagem se dá por meio da mediação entre eles com o uso do sistema de instrumentos (objetos) e do sistema de signos (linguagem)" (VYGOTSKY apud BARBOSA, 2011, p. 194).

A quem poderíamos chamar professor mediador? Qual a atitude do professor que se propõe a mediar a arte? Conforme Uriarte:

> é aquele que favorece o contato com obras dos mais diferentes gêneros (nem sempre possível no original) permitindo que elas estabeleçam a comunicação com o público escolar[...] pode atuar como um mediador que amplia essas relações oportunizando atividades criativas, buscando que cada um explore suas ideias[...]postura que poderá alargar o acesso cultural dos alunos[...] é o professor mediador que se preocupará em estimular visitas a espaços expositivos, teatros, cinemas, assim como aos projetos e aos programas do entorno da escola, para que o próprio espaço se encarregue de gerar curiosidade e estesia...(URIARTE, 2015, P. 160).

É pois, aquele que procura estabelecer conexões com a realidade do estudante e do contexto no qual está inserido. Completando eu diria que o professor que se propõe a ser mediador deve considerar a especificidade do estudante em termos de perfil quanto a faixa etária, situação sócio econômica e saberes, incluindo suas referências culturais. Ao levar em consideração esses aspectos terá maior probabilidade de promover uma aprendizagem que lhe faça sentido e efetive o seu desenvolvimento.

Em se tratando de arte contemporânea, que estratégias poderiam ser utilizadas para mediá-la em sala de aula?

> Tentar explicar porque um bloco de gordura animal colocado sobre uma cadeira é arte (como na obra de Joseph Beuys) soará um tanto ridículo frente ao incômodo - para dizer pouco - que tal imagem oferece. Neste caso é fundamental explorar a sensação de incômodo, ir fundo nos sentimentos e sensações percebidos e, a partir disso, oferecer dados sobre a vida do artista, seu momento histórico e sua relação com os materiais artísticos, bem como sua filosofia em arte que trarão à obra mais sentido, e não justificativa. (CHIOVATTO, 2012, s/p).

Nesse enunciado está implícita a ideia de que não é pela tão tradicional transmissão de conteúdos que se chegará a um resultado satisfatório, mas dando condições ao estudante dele experimentar o que a obra pode provocar em termos de sensações. Partindo desse sentir, as informações que se seguirem soarão com sentido e com menos estranhamento. Entretanto esse procedimento é específico a esse caso e não deve ser encarado como uma receita pronta ou modelo para ser aplicado a toda obra. Caberá ao professor ter a perspicácia e sabedoria de planejar suas estratégias de mediação levando em consideração a natureza da obra, como materiais utilizados, poética do artista, etc. São nessas experiências, testando as diversas possibilidades que o professor mediador vai construindo e ampliando seu conhecimento assim como contribuindo para o desenvolvimento do estudante. Nesse sentido concordo com Barbosa (2009) quando compara a sala de aula como um laboratório. E assim o é com desafios, inúmeras possibilidades e resultados diversos, onde todos aprendem.

Neste tópico apresento um exemplo que se constitui em um ínfimo universo, considerando a existência de infinitas possibilidades. Entre tantas experiências desenvolvidas por professores selecionei essa, por ser direcionada ao Ensino Médio e ainda se constituir numa pesquisa ação, fatores comuns a este trabalho que agora desenvolvo.

Trata-se de uma intervenção, desenvolvida durante um ano, que integrou o Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE) do Estado do Paraná, como uma ação inserida na formação

continuada de professores da rede pública daquele Estado. A partir do que surgiu e com qual propósito, nos fala Penharbel, autora da ação:

> O presente projeto surgiu da reflexão sobre o trabalho com a leitura de imagens, o papel do professor/mediador e como o professor pode desenvolver uma curadoria educativa. Existe uma preocupação com o trabalho referente às imagens, pois muitas vezes o trabalho realizado fica meramente ilustrativo ou é utilizado como facilitador do ensino, sem a problematização necessária ao desenvolvimento estético e crítico do aluno. Acredita-se que um trabalho consciente e comprometido com as imagens faz com que o aluno - experimente situações significativas; - se provocado, pode transformar o olhar e ter uma postura mais crítica diante do mundo a que pertence. (2010 s/p)

O propósito em utilizar imagens na sala de aula de modo que haja uma contribuição na formação estética e crítica do estudante, evidencia uma postura condizente com o que se espera de um educador na contemporaneidade.

O projeto desenvolvido compreendeu algumas etapas descritas a seguir:

1ª Etapa: Elaboração de um material instrucional denominado ”caderno pedagógico”, com a finalidade de proporcionar a participação do estudante e dar apoio nas discussões sobre arte contemporânea em sala de aula. Sua parte introdutória contém, segundo Penharbel (2010), a abordagem sobre materiais, objetivos e a forma de utilização. Contém cartas que se assemelham aquelas de baralho e que receberam denominações com respectivas ações e objetivos

2ª Etapa: Execução do trabalho com os estudantes:

A professora abordou, sequencialmente, como conteúdos uma instalação da artista Carmela Gross, a fotografia de Vik Muniz, a pintura de Beatriz Milhares e os objetos de Nazareth Pacheco. Os procedimentos metodológicos que utilizou para mediar o conhecimento artístico foram: exibição de vídeo seguida de discussão e culminando em trabalho pictórico, fotográfico, assemblages e feitura de objetos**.**

A abordagem da arte contemporânea na escola permite vir à tona possíveis preconceitos e estranhamento em um momento inicial. Para desconstruir o que a vivência reforçou como arte, é importante apresentar esse conhecimento “novo”, pois, se de imediato pode causar estranheza, decepção ou algo semelhante, paulatinamente essa reação vai sendo substituída por uma nova visão ou compreensão sobre esse tipo de arte e consequentemente uma nova postura diante dela. Além disso conforme a autora, com a revelação desse universo antes desconhecido houve a quebra ou rompimento do mito de que arte é feita para decorar e tem que ser “perfeita”- dentro dos cânones clássicos – além de proporcionar reflexões sobre o padrão de beleza veiculado através da mídia.

> “...concluiu-se que ao colocar-se à frente do novo, foi promovido um olhar mais curioso, atento, sensível, mais crítico do aluno do Ensino Médio. Todas as

> atribuições e reflexões feitas das formas artísticas da instalação, fotografia, pintura e objeto-arte, tornou viável um trabalho que ultrapassou as vias de estranhamento, impulsionando para a investigação das manifestações artísticas contemporâneas, ampliando o entendimento e a compreensão da Arte, oportunizando o desvelar de realidades subjetivas, construção de conhecimento e também de convivência social, uma oportunidade onde os alunos falaram de suas preferências, seus desejos e sonhos, enfim, do seu modo de ser e de estar no mundo.”Penharbel (2010 s/p).

O interessante em mediar arte contemporânea na escola é que, por ela ser bastante abrangente – quanto às possibilidades de uso de materiais, técnicas, temas e múltiplas linguagens – também é atual, fala da vida, acontece na contemporaneidade. Por causa de tais características pode gerar na escola discussões multidisciplinares do contexto atual. Isso possibilita ao estudante estabelecer conexões e realizar reflexões relacionadas ao seu cotidiano, quebrando preconceitos e assumindo novas posturas não só em relação a arte mas diante de questões de sua vida.

1.2.2-Mediação no museu

O museu, cuja função primeira era de pesquisar, coletar e conservar, adquiriu função educativa a partir do século XVII, período em que as coleções reais europeias passaram a ser públicas. O museu que nasceu atrelado ao colecionismo de uma elite abastada, teve como primeira função social a de preservar a propriedade cultural. Ele surgiu, pois, como um lugar detentor de um acervo destinado a ser conservado para a posteridade. A partir da Revolução Francesa ocorreu o acesso pelo público às coleções, de modo que as exposições tornaram-se dominantes ao ponto de haver a necessidade das instituições culturais incorporarem o trabalho de um educador (PINTO, 2012). No século XX a educação tornou-se relevante dentro dessa instituição e isso é um consenso no panorama museológico, Grinspum (2012). Na contemporaneidade, portanto, falar sobre museu é atribuir a ele a função educativa que pode ser ampla no sentido de envolver muitas ações. Conforme Lima (2009):

> A otimização por meio de ações educativas do contato do público com o bem cultural nesse espaço planejado proporciona a relação entre as informações latentes nos objetos e as trazidas de seus repertórios pessoais que, quando exteriorizadas, alimentam a percepção e estimulam o aprendizado, conjugando prazer e conhecimento, ao permitir aos diversos públicos uma possibilidade de experiência diferente do que teriam visitando individualmente. (LIMA, 2009, p. 235)

Considero que as obras não falam tudo por si só e possuem uma carga de significados possíveis de serem apreendidos pelo público através de uma ação de mediação. Daí sua importância. Tais ações podem ser concretizadas através de legenda, textos de parede, material informativo referentes às exposições e o educador intermediando obra e público. Especificamente falando sobre mediação para a arte contemporânea encontro em Coutinho (2008) uma proposta de

estratégia performática que desenvolveu junto a equipe Arteducação Produções[10], a qual integra, para a exposição Yoko Ono[11]/Uma retrospectiva. Nessa proposta a performance do educador foi ampliada de modo que "além do discurso e das questões sobre as obras e a artista, podia vivenciar junto com o público uma qualitativa experiência estética". (p.1391). A atitude do educador seria parecida com a do artista no sentido de suscitar no público participação, respostas e estranhamento, relacionando a arte com a vida. Nas obras da artista existiam instruções[12] que suscitaram na equipe a questão: "O que fazemos todo dia e nunca paramos para pensar ?" Esse foi o norte do trabalho de mediação e a intenção era de provocar no público uma atitude reflexiva que se estendesse a vida, ao cotidiano. Como uma forma de prolongar o ato de mediação, a equipe elabora um material gráfico – folder – direcionado principalmente aos estudantes que visitam as exposições, alcançando também os educadores e público como um todo. A natureza da ação performática, além de outras questões, segundo Coutinho (2008), foram compartilhadas com os educadores das exposições em curso de formação inicial.

Nota-se que a mediação no museu ocorre como um processo que não começa nem termina no ato de visita, envolvendo planejamento, estudo e reflexão, tendo a participação dos educadores - aqueles que lidam diretamente com o público - na elaboração da proposta. Aqui ocorre um fato semelhante ao processo de mediação na escola: a configuração da mediação está atrelada ao caráter da obra ou exposição, de modo que estas últimas se constituem em fatores determinantes numa ação mediadora:

> Quando nos encontramos diante do desafio de elaborar estratégias de mediação para uma determinada exposição, o primeiro passo é mergulhar nesse universo procurando fazer um levantamento das principais questões implícitas no contexto. São essas questões que vão direcionar os percursos e o desenvolvimento de estratégias que favoreçam a mediação. Em todos os casos procurou-se manter a integração da prática reflexiva na mediação. (COUTINHO, 2009, p. 180)

---

[10] O ARTEDUCAÇÃO PRODUÇÕES/AEP iniciou sua atuação em 2001 a partir do convite do Centro Cultural Banco do Brasil para estruturar e desenvolver o programa educativo desta instituição inaugurada em São Paulo no mesmo ano. A parceria entre o AEP e o CCBB-SP gerou projetos de mediação para exposições, o programa Diálogos & Reflexões com Educadores, seminário sobre mediação cultural e social e publicações entre 2001 e 2007. Fundado pela artista/educadora Ana Amália, então professora do Núcleo de Apoio à Arte/Educação da ECA-USP, o AEP conta com a participação de artistas, educadores e produtores interessados em pesquisar e desenvolver projetos artísticos e de mediação cultural, como Camila Lia, Edna Onodera, Erick Orloski, Guilherme Nakashato, José Minerini Neto, Moa Simplício e Rejane Coutinho. Disponível em http://www.arteducacaoproducoes.com.br/historico.html. Acessado em16/02/2016.

[11] Yoko Ono, uma das figuras-chaves da produção cultural dos últimos 40 anos, tanto no campo das artes visuais como no da música, modalidades que não têm fronteiras delimitadas em suas produções. Desde o advento da chamada Arte Conceitual e do movimento Fluxus nos anos 1960, Yoko Ono tem sido considerada uma das principais artistas dessa vertente. Disponível em anpap.org.br/anais/2008/artigos/126.pdf. Acessado em 16/02/2016.

[12] Ouça o som da terra girar. [Yoko Ono] .
Penetre surdamente no reino das palavras. [Carlos Drummond de Andrade].
Algo impossível na realidade, mas possível na nossa imaginação. [Yoko Ono]. Disponível em anpap.org.br/anais/2008/artigos/126.pdf. Acessado em 16/02/2016.

Conforme a autora acima citada, para se iniciar um processo de planejamento de mediação em museu não se faz necessário partir de longe já que a própria obra ou o conjunto delas reunidas numa exposição aponta caminhos, fornece subsídios e respostas traduzidas em procedimentos. Além disso, a autora optando por uma prática reflexiva como norte das estratégias, faz referência a uma educação dialógica (FREIRE, 2012) onde a relação é de horizontalidade e todos os seus envolvidos são sujeitos e construtores do seu próprio conhecimento.

Como é a relação entre o museu - espaço educativo não formal – e a escola, formal, no processo de aprendizagem? No tópico a seguir abordo sobre essa relação, mencionando características inerentes a cada uma dessas categorias.

2 - RELAÇÃO ESCOLA E MUSEU

Falar agora sobre a relação de reciprocidade entre escola e museu, é a minha intenção, entretanto considero necessário, inicialmente, conceituar educação formal e não formal uma vez que escola e museu estão inseridos, respectivamente nessas categorias. Nesse sentido, com fundamento em Gohn (2006, p. 28 a 30), cito algumas características relativas e específicas a cada uma delas, através de tabela para facilitar a comparação entre as referidas categorias e consequentemente sua compreensão.

Quadro 1-Características relativas e específicas a educação formal e educação não formal

CARACTERES	EDUCAÇÃO FORMAL	EDUCAÇÃO NÃO FORMAL
Conceito	Aquela desenvolvida na escola com conteúdos previamente estabelecidos.	Aquela que se aprende através de experiências compartilhadas em espaços e ações coletivos.
Agente educador	Professor Todos os demais agentes que integram o espaço escolar: diretor, supervisor, psicólogo, bibliotecário, merendeira, porteiro, secretário, etc.	Aquele com o qual há uma integração ou interação. Exemplo: mediador, monitor ou educador.
Espaço onde se educa	Instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas de acordo com diretrizes nacionais, ou seja, a escola em seus diversos níveis, esferas e setores.	Onde existem processos interativos intencionais: ONG, projetos sociais, clubes, associações, museu, galeria, etc.
Como se educa	Através de regras e padrões de comportamento previamente estabelecidos; propostas	Geralmente a participação do indivíduo é optativa, havendo uma intencionalidade na ação,

	metodológicas construídas ao longo da história.	seja de participar, aprender, transmitir ou trocar conhecimentos.
Objetivos	Entre outros, aqueles referentes ao ensino e aprendizagem de conteúdos sistematizados no percurso da história e normatizados por leis.	Capacitação dos indivíduos para exercerem sua cidadania; transmissão de informação e formação política e sociocultural.
Principais atributos	Tem caráter metódico. Divide-se por idade e nível de conhecimento. Necessita de tempo, local específico, organização, inclusive curricular; sistematização das atividades em sequência; regulamento, leis, etc.	Não se organiza por série, idade e conteúdos; é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo.
Resultados esperados	Aprendizagem efetiva; certificação e titulação.	Entre outros, indivíduos formados para a vida e seus desafios; que saibam ler e interpretar o mundo em seu entorno; desenvolvimento de sentimento de auto-valorização.

Fonte: GOHN, M. da G. Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2006

Situando ou classificando a escola na categoria de ensino formal e o museu como não formal, percebemos que neles há especificidades que os diferem entre si. Sobre isso abordam Graebin e Paz:

> ... museus e escolas são instituições diferentes, com objetos, propostas, naturezas de atividades, relações com o público, ações, ritos, códigos, apresentação de conteúdos e práticas diferenciadas. Mesmo o museu não sendo uma escola, uma das suas funções centrais é a educativa. Por meio das exposições, os museus criam discursos, tendo como suporte, os objetos do seu acervo, a partir das quais comunica informações, ideias e conceitos aos visitantes. (GRAEBIN E PAZ, 2012, p. 103)

O caráter educativo, típico ou intrínseco em ambos, os tornam semelhantes, mas se traduzem em práticas, específicas ou que apresentam particularidades, os tornando diferentes, de modo que se completam no processo de construção do conhecimento. Quanto ao museu, como vimos em tópico anterior, não surgiu desempenhando a função educativa. Essa necessidade ocorreu depois, atrelada ao fato das coleções reais europeias passarem a ser públicas. Hoje, conforme Grinspum (2012), as exposições consistem no principal meio de comunicação entre o museu e os visitantes que o buscam. Conforme Orofino (2009) a escola pode fazer articulação com os conteúdos referentes às exposições, sem no entanto, deixar de lado seu currículo, considerando ou incluindo a educação pelo patrimônio.

Quanto ainda as especificidades de cada um podemos citar características referentes a:

-**Espaço físico**: O espaço na escola em que o estudante passa a maior parte do seu tempo é a sala de aula, geralmente com carteiras, quadro etc , ou seja, aquele cenário bem típico. No museu é diferente: dependendo de qual seja, seus ambientes podem ser amplos, desprovidos de carteiras, e alguns podem trazer, ainda, um diferencial que é a paisagem natural que o espectador poderá contemplar, como é o caso do Museu Estação Ciências, Cultura e Artes no Estado da Paraíba e de modo mais direto, majestoso, intenso e completo, o Instituto Inhotim, maior centro de arte contemporânea a céu aberto do mundo, em meio a um jardim botânico, em Minas Gerais. Entretanto seja qual for o museu, ele "pode inserir o sujeito em outro mundo, abrindo possibilidades e desconstruindo paradigmas, abre a possibilidade de ressignificar o olhar para as coisas que nos cercam" (PINTO, 2012, p. 82). Nele o estudante e o público em geral terá maior liberdade para circular entre as obras, elegendo aquela em que se deterá diante dela, procurando quem sabe um sentido para aquilo que vê. Se nunca frequentou um ambiente assim, tudo será novidade e, portanto, uma motivação para que a aprendizagem flua ou aconteça mais facilmente. Fundamentada em minha experiência de 22 anos de magistério afirmo que quando há motivação, a aprendizagem flui, acontece, pois se constitui num processo que parte de dentro, da disponibilidade interior de cada indivíduo, no caso específico, de cada estudante. Tanto o museu como a escola podem ser considerados como espaços de socialização propícios a experiências afetivas, sensoriais e cognitivas.

-**Clientela**: A clientela na escola é mais estável e é organizada em classe, considerando a idade e a formação; no museu o público é passageiro e sem distinção de idade ou formação, exceto quando se trata das visitas escolares.

-**Tempo**: O ciclo de tempo de ensino/aprendizagem na escola é de um Ano letivo enquanto no museu é de uma ou duas horas.

Ao analisarmos esses dados, podemos concluir que as instituições em questão, apresentam diferentes pontos mais favoráveis à formação do estudante. Em relação à escola, é a duração do tempo e no que se refere ao museu é o fato de ser detentor do acervo de obras e objetos.

O tempo maior se constitui num "aliado" favorável à escola, por que o educador poderá conhecer melhor o educando e consequentemente propor estratégias de mediação, considerando as especificidades desse público.

Já o museu, ao ser detentor de obras e objetos, proporciona uma aprendizagem que só é possível através do contato direto com tal acervo. Para Martins e Picosque (2012) " a frequentação em museus, galerias, exposições não pode ser substituído por imagens, CD-ROM ou qualquer outra tecnologia" (p.28). Se considerarmos, por exemplo, as cores, as texturas, as pinceladas de uma obra pictórica, elas nunca serão as mesmas numa reprodução, de modo que só é possível o conhecimento real e de fato sobre esses elementos, observando-os diretamente, sem intermédio das mídias. Em se tratando de instalações e objetos interacionais, essa dificuldade é ainda maior, pois só através da experiência do contato direto é possível apreender a real dimensão e significado da obra, já que é esse contato interativo do público que completa a obra e lhe dá significado ou sentido. Entretanto deve-se ter a preocupação de não trazer da escola para o museu as mesmas estratégias, lá aplicadas, de modo a praticar as chamadas "visitas escolarizadas" nas quais é imposto ao estudante que ele se comporte como se estivesse no ambiente escolar, se organizem em filas, façam silêncio, etc. A disciplina durante as visitas deve existir como forma de potencializar esse momento, porém não se trata aqui de impor aquela disciplina, digamos do tipo militar que ainda se verifica em algumas escolas. Esse momento pode ser muito proveitoso em termos de aprendizagem e ao mesmo tempo agradável, cabendo tanto ao professor quanto ao educador, que os acolhe e intermedeia a exposição, direcionar para isso. Nesse sentido, as atitudes do professor já começam na escola, na aula que antecede a ida ao museu, preparando previamente os estudantes, seja colocando-os a par do que os esperam no museu, dissipando possíveis dúvidas e questionamentos a respeito da visita, como também expor os objetivos, propor alguma atividade relacionada ao conteúdo, etc.

No que compete ao mediador, deve ter uma linguagem e tom de voz acessível, sempre considerando as peculiaridades do público atendido. Problemas como "espera em filas, superlotação no espaço expositivo e percurso denso" (GRINSPUM, 2012, s/p), podem ser a causa do não retorno desse público ao museu.

Sabemos, e isso já foi aqui mencionado, que o museu possui um acervo em exposição para ser visto, apreciado, conhecido. Nesse sentido, a escola pode ser uma importante aliada. Estudo de Grinspum (2000) têm mostrado o papel relevante da escola na formação de público de museus. Através dele se constatou que os pais não tinham o hábito de levar seus filhos para o museu, por não acharem que isso era de sua responsabilidade, delegando ou atribuindo à escola essa atitude. Comprovou-se também, através do referido estudo, que houve um retorno espontâneo ao museu de 40% dos estudantes que participaram do programa de formação continuada do museu pesquisado, ou seja, Lasar Segall.

O ato de levar estudantes ao museu se constitui num procedimento metodológico presente no ensino de arte no Brasil, entretanto isso nem sempre foi adotado pelos arte educadores brasileiros e ainda não são todos que o fazem. As razões, a meu ver, podem ser várias: inexistência de museus na cidade, dificuldade de transporte, como mostra estudo de Vilela (2012) ou mesmo a opção espontânea de não querer ir ao museu, apesar de ter esses fatores favoráveis. Cito essa última razão, fundamentada novamente em minha experiência como docente. Nas escolas nas quais trabalhei, o ato de levar estudantes ao museu, para alguns professores, era visto como atividade que dispendia muito trabalho, cansaço, estresse ou não era considerado importante para a aprendizagem dos estudantes. Ainda alegavam que o seu conteúdo não tinha relação com o que estava no museu e como o conteúdo precisava ser cumprido, não via sentido no deslocamento até o museu.

Vemos que nas escolas brasileiras há uma pluralidade de ações, citadas por autores como Barbosa (2008), Martins, Picosque e Guerra (1998). Tais ações como o ensino de desenho geométrico, conforme a tradição positivista, e a livre expressão, são resultantes da influência de manifestações ou contribuições ocorridas anteriormente, no decorrer da história e que refletem a concepção de arte do professor que as executa.

Dentro dessa diversidade, também se encontram ações que se enquadram em uma perspectiva de ensino de arte considerado contemporâneo ou pós-moderno: trabalho com imagens em sala de aula e ida com os estudantes a museus, proporcionando o contato direto deles com a arte. Em outros termos, ir onde a arte está, aproximando o educando dos códigos dessa linguagem bem específica, cujo discurso implícito ou explícito é indizível através de outros meios.

Esses procedimentos metodológicos foram incentivados através da Abordagem Triangular, amplamente divulgada no Brasil, tendo sua introdução ocorrida dentro de um museu-MAC-Museu de Arte Contemporânea, na década de 1980, por Ana Mae Barbosa. Com essa proposta veio, pois, o incentivo ao professor a ampliar o espaço de aprendizagem e conhecimento, antes restrito apenas à sala de aula, para ruas, teatros, galerias, museus. A autora faz um paralelo entre as posturas modernista e pós-modernista no ensino de arte:

> Enquanto o modernismo privilegiava, dentre as funções criadoras, a "originalidade"[...''] a pós-modernidade vem enfatizando a "elaboração"... o modernismo apelava para a "emoção" na abordagem da obra de arte nas escolas brasileiras; já a pós-modernidade aponta a "cognição"... enquanto a modernidade concebia a arte como "expressão", a pós-modernidade remete à "construção do objeto" e sua "concepção inteligível", como elementos definidores da arte. (BARBOSA, 1989, p.129)

Toda mudança exige certo tempo e no processo dessa passagem do moderno ao pós-moderno o museu pode desempenhar um papel fundamental de formação do professor. Assim o fez o Museu Lasar Segall e o MAC/USP (Museu de Arte Contemporânea) que contribuíram, na década de 1980, na formação dos professores de arte "introduzindo-os à condição pós-moderna" (BARBOSA, 1989, p. 17). Segundo a autora, o MAC em 1987, quando reestruturou sua equipe de arte educadores, teve como prioridade fundamentar teoricamente estes profissionais "aprofundando a metodologia de trabalho, baseada nas inter-relações da história da arte, crítica da arte e fazer artístico" (BARBOSA, 1989, p. 129).

A relação entre museu e escola está consolidada e é atualmente considerada fundamental para a existência e sobrevivência dos museus, garantindo um alto índice de visitação e público cativo para o futuro (BAY, 2012), mesmo considerando o fato de não se ter um número maior de escolas envolvidas nesse processo de busca de parceria. Para a autora se faz necessário estabelecer um maior diálogo entre tais instituições e uma forma concreta seria transpor para o ambiente escolar algumas ações ou experiências exitosas desenvolvidas no museu, ou seja, "elaboração de bancos de imagens fixas, de criação de coleções de objetos culturalmente representativos, de exposições itinerantes destinadas para a circulação em ambientes escolares, de presença ocasional de artistas na escola, e de programas de Artista Residente comuns em alguns países" (BAY, 2012). Essa ideia de trazer para a escola experiências bem sucedidas no museu considero interessante por se constituírem em ações que terão nesse novo ambiente uma repercussão ampla, no sentido de ultrapassar a sala de aula e atingir demais agentes como coordenadores, supervisores, diretor, professores de outras disciplinas, além da comunidade do entorno, se esta for convidada a participar. Isso me faz lembrar um projeto que coordenei no Ensino Fundamental II, de caráter interdisciplinar, cuja culminância ocorreu através da organização de uma Mostra Cultural. Eu e a professora de Português ficamos responsáveis para orientar os estudantes pertencentes ao 9º Ano. Eles fizeram uma instalação que suscitou questionamentos da supervisora da escola: "como é mesmo o nome desse trabalho que vocês fizeram? Eu ainda não tinha ouvido falar sobre isso". E o projeto foi premiado como o melhor da rede municipal; ganhamos esse reconhecimento e um Data show para a escola que até aquele momento estava desprovida desse recurso.

Além das transposições de ações desenvolvidas no museu, os professores também podem incorporar em seu cotidiano escolar novas estratégias de como abordar o conteúdo ou mediá-lo junto ao estudante, como podemos perceber ao ler o tópico "Diálogos e reflexões com educadores..." exposto adiante.

Os benefícios trazidos pelo estabelecimento da relação museu/escola são para todos os seus envolvidos direta ou indiretamente: para os estudantes que tem a sua formação ampliada através do acesso direto ao patrimônio cultural, ao mesmo tempo em que o preserva ressignificando as obras em exposição; para os professores que tem oportunidade de atualizar seu conhecimento e com isso potencializar sua prática docente e para o museu que conta com a contribuição da escola na formação de público para espaços expositivos.

2.1 - NOTAS SOBRE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

Neste tópico intenciono abordar sobre algumas experiências que envolvem a escola e o museu numa relação de reciprocidade, além de relatar uma experiência própria e preliminar à pesquisa.

2.1.1-O museu vai à escola

"O Museu vai à escola" foi um projeto desenvolvido pelo MAC na década de 1980 e direcionado a um público que não teve acesso à arte. O seu objetivo ou meta era aproximá-lo da arte. Através dele o arte-educador executou as seguintes etapas:

-Organização de uma exposição com reproduções de obras do MAC;

-Montagem dessa exposição a uma escola de periferia, deixando-a por um mês;

-Escolha de uma classe de estudantes para a qual ministrou uma aula sobre as obras;

-Promoção de uma visita dessa classe ao museu onde os originais puderam ser apreciados, analisados e fruídos;

-Trabalho, com os estudantes, no ateliê do museu, utilizando materiais de qualidade que a escola não dispunha.

Os estudantes vivenciaram através desse projeto o processo de leitura de obras de forma comparativa, sendo também estimulados a fazerem outras leituras e comparações com outras obras. Na etapa do fazer artístico tiveram a oportunidade de ampliar o seu saber quanto ao manuseio de materiais não utilizados por eles antes dessa experiência, devido às condições precárias das escolas nas quais estudavam.

Esse é um, entre muitos exemplos que podemos encontrar, ao revisar a literatura, de ações que envolvem ou promovem uma relação de reciprocidade entre museu e escola. Notemos que ambas as instituições são beneficiadas: de um lado o museu, que ao contar com a participação da escola na formação de público, está legitimando a sua existência e o seu acervo, pois é a presença do espectador que completa as obras, nele expostas. Por outro lado a escola, através do museu, tem mais um recurso para ampliar e complementar os conhecimentos dos estudantes e educadores, além de dinamizar sua rotina, tornando o processo de aprendizagem mais prazeroso e atrativo.

Em se tratando da escola, ela só entraria para fazer número na visitação? Como os saberes nela desenvolvidos poderiam ser considerados nesse processo? Acredito que uma das formas disso acontecer seja com o seu retorno ao museu, através de trabalhos realizados pelos estudantes a partir das exposições nele contempladas ou independente delas. É através de uma parceria assim onde os parceiros, detentores de especificidades, se interagem alcançando o objetivo da construção e concretização de uma educação de qualidade.

2.1.2 - Mediadores e professores mediadores: a experiência da 7ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul

Neste levantamento de experiências que tenham como característica uma relação recíproca entre Escola e Museu, deparei-me com esta que foi realizada em 2009, a partir da 7ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul.

A ação consistiu na realização de um curso de Formação de Mediadores e Professores-Mediadores[13] promovido pela Fundação Bienal do Mercosul para atuarem na bienal como mediadores de sua respectiva turma, durante a visita à exposição. Junto deles estariam também os mediadores. Nessa experiência constatou-se, no entanto, que a mediação dos professores na Bienal não ocorreu de forma satisfatória. Observou-se na maioria deles sentimentos de insegurança e constrangimento, além de preferirem seguir o direcionamento dos mediadores, delegando a estes uma ação que também é sua junto aos estudantes: a de mediação.

Um curso de formação deve ser bem vindo, pois traz sempre algo novo que é acrescentado ao nosso repertório de saberes e competências. Deve ser considerado como uma

[13] O curso de Formação de Mediadores e Professores-Mediadores ocorreu de 21 de julho a 8 de outubro de 2009, em Porto Alegre, no Auditório do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano em duas turmas, uma no turno manhã, das 8h30 às 12h, e outra no turno noite, das 18h30 às 22h. Contou com a participação de cerca de 150 alunos presenciais e 50 a distância, e com a utilização da plataforma virtual de aprendizagem Moodle Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Disponível em http://www.ufrgs.br/gearte/artigos/artigo_gabriela01.pdf . Acessado em 22/02/2016.

oportunidade de crescimento profissional, através do qual é possível fortalecer a prática docente com fundamentos teóricos e metodológicos, além de ser útil para a vivência como pessoa e cidadã. Acredito que, no caso específico dessa experiência, apenas um curso tenha sido insuficiente para se alcançar resultados satisfatórios e transpor os possíveis obstáculos para uma efetiva participação e envolvimento. Talvez uma formação continuada de forma mais sistemática, duradoura e com a devida avaliação no final do processo, fosse mais exitosa no sentido de tornar o professor mais seguro a ponto dele assumir seu papel de mediador, apropriando-se de conteúdos e procedimentos típicos ou próprios da mediação.

2.1.3 - Traços e passos: visitas ao Museu Lasar Segall

O projeto "Traços e Passos: Visitas ao Museu Lasar Segall" foi desenvolvido, segundo LIMA (2009) em agosto de 2005, cuja realização ocorreu através da Área de Ação Educativa do Museu e da Secretaria de Estado de Educação de São Paulo (SEE). Consistiu em três etapas, realizadas após a reedição do MD, Material Didático Lasar Segall. Este foi atualizado e ampliado, em formato de um livreto composto por textos históricos e biográficos de Lasar Segall, unidades didáticas de vinte obras pertencentes ao acervo do Museu e acompanhadas de 25 pranchas (vinte imagens de obras e cinco fotos do arquivo da instituição) (LIMA, 2009, p 230).

Esse projeto visava promover ações para aprimorar a formação de professores do Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos; otimizar o uso dos materiais didáticos disponibilizados pelo Museu e proporcionar a experiência ou a vivência de leitura de obra aos estudantes e professores, assim como o conhecimento acerca de Lasar Segall, em se tratando de sua vida e carreira artística.

Como foi dito "Traços e Passos..." foi estruturado em três etapas:

- 1ª Etapa: Curso para professores:

No curso os professores entraram em contato com o MD (material didático) obtiveram conhecimento sobre os princípios teóricos de apreciação estética e vivenciaram exercícios de ateliê. No que se refere aos objetivos mais específicos, o projeto através desse curso,

> tem como objetivos capacitar professores para a apreciação estética de obras de arte; utilizar material didático e elaborar unidades didáticas; e cooperar para o aperfeiçoamento de estratégias educacionais a serem adotadas por escolas no uso pedagógico das instituições culturais.
> (LIMA, 2009, p. 231).

Nota-se que a proposta é de promover uma ação de reciprocidade, onde a escola, através da figura do professor, dá um retorno nesse processo que eu chamaria de construção de

conhecimento, no qual os agentes do Museu e da Escola compartilham saberes e experiências que lhes são específicos e consequentemente ampliam seus repertórios.

- 2ª Etapa: Visita ao Museu Lasar Segall:

Essa etapa ocorre após a utilização, pelo professor, do MD em sala de aula e é estruturada em três partes, ou seja, introdução, visita à exposição e atividade de ateliê. A parte introdutória há uma orientação sobre as regras, informação das etapas da visita e apresentação dos contextos históricos e biográficos de Lasar Segall.

Quanto ao momento da visita, o grupo é dividido em dois, com a finalidade de otimizar a participação de cada estudante. Na metodologia trabalhada os educadores estabelecem diálogo com os visitantes, ou uma "discussão dirigida". Tal diálogo ocorre com fundamentos na teoria de compreensão estética de Abigail Housen, onde o educador faz um diagnóstico, através de questionamentos, do nível em que o grupo se encontra.

Após a análise das obras, cujo roteiro é definido previamente durante a primeira etapa do projeto pelo professor e educador, eles vivenciam exercícios de ateliê, relacionados ao que foi abordado na exposição.

A referida visita foi organizada de forma a contemplar os três eixos de aprendizagem: a contextualização, a apreciação e o fazer.

3ª Etapa: Seminário de Avaliação.

O Seminário de Avaliação ocorre a cada semestre, quando finaliza o projeto. Todos os professores envolvidos são convidados a participar. As atividades são: palestra feita por um profissional da educação e posterior debate; compartilhamento dos resultados obtidos pelos professores através de comunicações e painéis, onde são apresentados os seus projetos, etapas e avaliação; e uma mesa redonda coordenada por um parecerista técnico convidado, após fazer uma análise do processo.

As ações associadas a uma reflexão são imprescindíveis para que novos ajustes sejam feitos, visando a otimização dos trabalhos e consequentemente a concretização de suas metas, numa construção coletiva, onde os saberes são socializados.

2.1.4- Diálogos e reflexões com educadores: a instituição cultural como potencialidade na formação docente

Na relação Escola/Museu que respostas podemos obter, como resultado, por professores que participaram de ações de programas que tem como objetivo aprimorá-los no seu exercício profissional?

Orloski (2009) narra e analisa as possibilidades e potencialidades da formação docente a partir do programa "Diálogos e reflexões com educadores", instituído pelo CCBB (Centro Cultural

Banco do Brasil de São Paulo) no ano de 2003, primeiro ano do programa que se estendeu até 2007. Segundo o autor, o programa era constituído de encontros gratuitos, abertos não apenas ao professor de arte, mas a quem se interessasse em aprofundar conhecimentos específicos à arte e ao seu ensino. Tais encontros ocorreram a cada exposição, onde foi distribuído material gráfico relacionado a ela, contendo imagens das obras e texto. Os objetivos eram preparar os docentes para a visita ao museu com a sua turma de estudantes e desenvolver um planejamento anterior e posterior a essa ação, usando os conteúdos das exposições como complemento dos já existentes no currículo escolar.

A avaliação desse programa e sua contribuição são relatadas através de depoimentos ou falas de professores participantes:

- "Tenho dificuldade em não ser cartesiana [...]a experiência por que passei aqui foi fundamental para eu começar a ver outras possibilidades de trabalho a partir das obras, que não é sempre o fazer prático, mas é o fazer reflexivo. (Andréia Amaral A. S. Biella, professora de Arte in ORLOSKI, 2009, p. 210).
- "Além da gente ter a aprendizagem, ter a possibilidade de dialogar a respeito, de refletir, ainda a gente tem a possibilidade de trabalhar com os alunos e propor a eles também. Não fica uma formação exclusiva para o professor, há a possibilidade de uma prática imediata! (Maria Lúcia L. Prado, professora de Alfabetização de crianças in ORLOSKI, 2009, p. 222).
- "A importância do material que vocês tem em relação às exposições, porque é um material...bem favorável, não sei se favorável é a palavra, mas assim, a facilidade que tem de compreensão para você passar para o aluno". (Edna Maria L. de Jesus, professora de Arte in ORLOSKI, 2009, p. 224).
- "Os encontros de uma maneira geral foram tão interessantes, mexeram tanto comigo, que eles conseguiram mexer...na minha formação intelectual e até na decoração da minha casa". (Oriovaldo C. M. M. Pinto, professor de História in ORLOSKI, 2009, p. 214).
- "Me deram muita segurança...eu aprendi muito aqui com vocês a provocar o aluno. Eu faço perguntas que às vezes eu nem quero respostas, só quero saber como é que eles estão pensando...eu aprendi aqui"(Pio de S. Santana, professor de Arte in ORLOSKI, 2009, p. 219).

Esses depoimentos, pequena amostra de um universo maior, expressam a contribuição resultante dessa relação entre Museu/Escola, onde temos de um lado o Museu que disponibiliza seu acervo, materiais, promove e coordena encontros de formação e por outro lado a Escola, através do docente que, a partir do conhecimento ali construído em interação com os demais, dá a sua resposta no seu cotidiano como educador e cidadão. Como educador, incorporando ideias, conceitos, atitudes, procedimentos metodológicos, enfim, inovando e consequentemente alcançando resultados

positivos em relação a aprendizagem dos estudantes. Como cidadão, exercendo o seu direito de acesso e usufruto ao bem cultural.

Falando ainda sobre o programa Diálogos e Reflexões com Educadores, no ano de 2004 foi realizada uma pesquisa pelas arte-educadoras Ana Mae Barbosa, Rejane Coutinho e Heloisa Margarido Sales e encomendada pelo CCBB-SP, resultando na publicação do livro Artes Visuais: da Exposição à sala de aula (2005). O propósito da realização dessa pesquisa era o de obter dados avaliativos acerca da utilização do material distribuído aos professores, aferindo sua recepção junto a eles.

Naquele ano (2004) aconteceram as seguintes exposições: Arte da África; Nuno Ramos: Morte das Casas; Rosana Palazyan: O Lugar do Sonho; Antoni Tàpies.

Os professores escolhidos para fazerem parte da pesquisa lecionavam na 5ª série e possuíam Licenciatura em Artes Plásticas[14] ou equivalente. A sua maioria era composta por mulheres e tinham em média 16 anos de magistério.

As ações ou procedimentos adotados na pesquisa foram:

- Divisão dos professores em 4 grupos (G1, G2, G3 e G4);
- Para cada exposição ocorria um encontro cujo conteúdo abordado era sobre o que estava sendo exposto
- Em cada encontro os professores recebiam o material referente a exposição onde continha imagens das obras e texto.
- Os professores eram orientados a enviarem os relatórios sobre o seu trabalho desenvolvido em sala de aula.
- Cada escola recebia a visita de uma agente de campo para dar apoio ao professor, inclusive recolhendo os trabalhos elaborados pelos estudantes.
- Os trabalhos dos estudantes foram instrumentos para avaliar o desenvolvimento deles e dos professores.

Segundo as autoras Barbosa, Coutinho e Sales (2005) a pesquisa trouxe as seguintes evidências e constatações:

- Utilização do material pelo professor na preparação dos estudantes para a visita e atividades posteriores a essa ação;
- Maior diversificação de materiais e repertório da sala de aula;
- Realização, pelo professor, de propostas inclusivas e relacionadas à vida dos estudantes;
- Discussão sobre arte e principalmente arte contemporânea;

[14] Nomenclaturas vigentes na época. Atualmente são, respectivamente, 6º Ano e Licenciatura em Artes Visuais.

- Os materiais e os encontros realizados a cada exposição foram elogiados por quase todos os professores, com exceção de um.

Essa pesquisa demonstrou que o professor valorizou os materiais e conteúdos abordados em cada encontro, de modo que os incorporou ao seu planejamento e, portanto, ao currículo escolar, numa atitude de abertura ao novo, tornando seu trabalho mais eficaz, produtivo e inovador. A pesquisa evidenciou as contribuições recíprocas entre escola e museu, ou seja, ao museu possibilitou o enriquecimento do fazer docente enquanto que a escola, através da participação dos professores, contribuiu no processo de avaliação das ações do museu. Um aspecto importante que precisa ser destacado é o fato do professor ter realizado propostas inclusivas e relacionadas à vida dos estudantes, conforme foi mencionado acima. Isso é algo inalcançável ao museu sem a parceria da escola, pois ela lida ou se relaciona com o estudante de forma mais duradoura, fator favorável a obtenção do conhecimento sobre a vida do estudante. Outro aspecto imprescindível é o discutir acerca da arte e principalmente a contemporânea. Se isso se constituir numa ação que não seja esporádica, mas constante, paradigmas e preconceitos serão paulatinamente quebrados, contribuindo, portanto, para que leitores tenham novas atitudes diante dessa arte.

No caso do CCBB, houve um acompanhamento e um retorno da escola posteriormente à exposição. O trabalho não teve como finalidade última a visitação da escola ao museu, mas seu desdobramento em sala de aula. E os educadores do museu se interessaram em acompanhar e ter retorno da produção realizada na escola.

2.2 - UMA EXPERIÊNCIA PRELIMINAR DE MEDIAÇÃO COM ESTUDANTES DO IFPB

A atividade de mediação narrada a seguir foi desenvolvida com os estudantes do IFPB aos quais ministrava aulas. Foi aplicada em caráter preliminar à presente pesquisa e julgo conveniente apresentá-la como etapa da mesma por me possibilitar maior preparação ou capacitação em termos de segurança.

2.2.1 – Visita ao museu

Figura 9-Ida ao Museu Estação Cabo Branco-Ciências, Cultura e Artes com a turma do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPB (2014)

Fotografia: Rosa Tânia do PPGAV-UFPB/UFPE

Consistiu em uma visita realizada no museu Estação Cabo Branco - Ciências, Cultura e Artes, em junho de 2014. Eu e os estudantes do ensino Integrado do curso Instrumento Musical do IFPB tivemos o contato com duas exposições neste período: “Ambi-entes” e “Sussurros dos Rios”.

Quanto a “Ambi-entes”, tratava-se de uma exposição coletiva que constava de trabalhos de estudantes concluintes da disciplina Projeto II do curso de Artes Visuais da UFPB, com curadoria da professora e artista Maria Helena Magalhães. Eram obras que abordavam temáticas diversas referentes ao universo de quem as criou e fez. Os estudantes expositores foram: Roberto Câmara, Vanessa Coelho, Erika Oliveira, Juliana Alves, Marcela Luni, William Macêdo, Jô Cortez,

Logo após apreciarmos a exposição “Ambi-entes”, outro mediador nos apresentou a exposição “Sussurros dos Rios”. Tratava-se de uma exposição coletiva resultante de uma residência artística envolvendo artistas da Paraíba e do Pará, em torno da problemática ambiental dos rios desses estados, que são, respectivamente, Jaguaribe e Guamá. As obras eram compostas por instalações, objetos, pintura a óleo e acrílico sobre tela e objetos achados nos rios, fotografias feitas com máquina artesanal, grafite sobre madeira e desenhos sobre papel. Todas abordaram a poluição dos rios.

Cada exposição visitada nessa ocasião, tivemos educadores diferentes. Chamo “educadores” aqueles que nos receberam e nos apresentaram as exposições. Eles são estudantes de cursos superiores, não necessariamente em arte, mas de várias graduações, que são submetidos a uma seleção. Como não concluíram o curso, estão na condição de estagiários. Segundo eles, a preparação para receber o público inclui conversas com os artistas expositores e o curador, que lhes passam as informações que julgam necessárias e importantes a respeito das obras, ou seja, proposta

do trabalho, técnicas e materiais, processo de criação, dados sobre a vida do artista que são importantes para o entendimento da obra, etc.

O pesquisador Cayo Honorato problematiza a construção institucional da mediação:

> A mediação tem trabalhado, principalmente, para interesses que não são os seus...e sim dos curadores, dos patrocinadores ou mesmo dos públicos, como instância de reprodução e difusão, instrumento de marketing e como prestadora de serviços. (HONORATO, 2012. p. 48-59)

O autor fala de uma mediação subordinada a outros interesses e, portanto, da falta de autonomia ou a submissão dos mediadores aos discursos que lhes são transmitidos. Como os mediadores do museu Estação Cabo Branco veem essa questão? Reproduzem apenas as informações ditas pelo artista e pelo curador? A leitura da obra se esgota no que "o artista quis dizer"? Isso será abordado no 3º capítulo, especifico aos resultados da pesquisa.

Na primeira exposição a ser visitada e apreciada, "Ambi-entes", tão logo chegávamos próximos a alguma obra, ouvíamos todos os dados referentes a ela e que a explicavam. Não nos foi dado tempo para olhar e apreciar a obra ao ponto de tentar entendê-la ou interpretá-la, pois logo nos foi dado um banco de informações, direcionando a uma interpretação. A postura daquele educador me remete a Freire quando aborda sobre um tipo de educação:

> Narração ou dissertação que implica num sujeito – o narrador – e objetos pacientes, ou ouvintes – os educandos... Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração. (FREIRE, 2013, pg. 79)

O grupo também foi conduzido ou direcionado a cada uma das obras, através da mediação referente à exposição Sussurros dos Rios, entretanto teve um diferencial em relação à mediação anterior: antes de abordar sobre a obra, o mediador inicialmente nos questionava sobre o sentido daquela obra e, após ouvir o grupo, passava as informações das quais dispunha. Esse educador, a exemplo da outra educadora, também respondia às questões conforme iam sendo formuladas pelo grupo. Considerando as definições dos tipos de educadores citados por Pinto (2010), ou seja, guia e monitor, abordadas no primeiro capítulo, não vejo muita diferença entre eles e os educadores que fizeram a "mediação" da exposição no museu Estação Cabo Branco - Ciência, Cultura e Artes**,** apesar do segundo ter dado uma maior abertura para o questionamento e diálogo, inclusive permitindo e orientando que uma de nossas estudantes, portadora de deficiência visual, tocasse nas obras.

2.2.2 - Desdobramentos em sala de aula

Em sala de aula, pedi aos estudantes um relatório sobre a visita, através do qual eles expusessem suas leituras acerca das obras. Essa etapa foi extremamente gratificante, pois possibilitou-me conhecer a leitura deles em relação a obras de arte contemporânea. Segue alguns depoimentos extraídos desses relatórios:

- "Gostei da obra flor de jambo, que contou uma história muita curiosa sobre a cidade de Bayeux. " (A.B)
- "...pra mim significou o rio querendo escapar da sujeira em que se encontra e voltar a ser um rio limpo como um dia foi. "(A.M.)
- "Eu não gostei dos três primeiros trabalhos da primeira exposição, porque me passaram a sensação de morte". (C.J.)
- "Sussurros me emocionou porque me fez lembrar de uma criança que também indefesa foi maltratada. " (B.M.)
- "O objetivo dessa exposição é justamente alertar a população de que é possível fazer acabar com maus hábitos que prejudicam a natureza". (R.C.)
- "Nesta exposição -Sussurros- percebi como a arte vem servindo como uma linha de comunicação das questões sócio políticas da sociedade atual. Ela agora serve não só para expressão e compartilhamento de emoções, mas também de idéias e pensamentos." (A.C.)
- "Gostei mais da pintura que retratava a mata da UFPB. Tinha nela perspectiva." (J.A.)
- "Gostei especialmente da obra de pinturas de alguns locais da UFPB, que é a pintura que dava um efeito 3D." (A.L.)

Reportando à questão da relação do público leigo em arte com a arte contemporânea, esse público particular com o qual participei dessa experiência não apresentou nem demonstrou reação de estranhamento, repulsa, deboche, ou outra atitude de desaprovação ao observar as obras. Alguns julgaram as obras usando os termos como "gostei" e " não gostei" considerando o tema, elemento que guiou ou norteou suas leituras. Isso significa dizer que o valor da obra para eles e elas depende do tema. Se for desagradável, a obra considerada ruim, já se for agradável a obra será boa. Será considerada de má qualidade também aquela que não se assemelhar com a realidade a ponto de retratá-la: "Gostei mais da pintura que retratava a mata da UFPB. Tinha nela perspectiva". Esse tipo

de leitura demonstra o pouco conhecimento sobre arte e o estar preso ao aspecto da representação. Também houve comentários que se referiram à função da arte na atualidade "... agora serve não só para expressão e compartilhamento de emoções, mas também de ideias e pensamentos". Outro atribuiu à arte uma função política, engajada com uma questão social: "O objetivo dessa exposição é justamente alertar a população de que é possível fazer acabar com maus hábitos que prejudicam a natureza".

Após a etapa da leitura das obras, seguiu-se uma proposta de releitura para a turma. O conceito de releitura que adoto aqui é o mesmo de Pillar (2014, p. 14): "... criação com base num referencial, num texto visual que pode estar explícito ou implícito na obra final". Nesse sentido, a proposta foi de elaborarem uma *assemblage* a partir do que eles viram. Foi solicitado que saíssem da sala, observassem o ambiente escolar e trouxessem materiais para comporem o trabalho. De volta, ao invés de fazer uso de colagem, típica da *assemblage*, fotografaram com os seus celulares e editaram no computador que dispomos na sala, usando o programa Power Point. Em aula posterior, apresentaram aos demais colegas.

Percebi que alguns estudantes não se limitaram a *assemblage*, criando também objetos. Embora a proposta tenha sido a de fazerem releituras partindo das obras, enfatizaram o tema que lhes chamou muita atenção ao ponto de ser o guia de suas composições. Os materiais, como foi dito, foram coletados dentro da escola e um deles comentou: " veja, professora... todo esse lixo estava fora das lixeiras! ". A fala foi pronunciada em um tom de protesto e de espanto, como se não tivesse percebido isso antes. Esse comentário me faz lembrar do que diz Ana Mae Barbosa (2008, p. 18): "Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida..." No desdobramento da visita ao museu, através dos trabalhos realizados pelos estudantes, foi possível perceber valores e preocupação com o social. Nesse sentido obras de arte contemporâneas, conforme Chanda (2005, p. 74): "são tão discursivas que se prestam prontamente a discussões sociais".

Essa foi, portanto, uma experiência de caráter preliminar importante para a pesquisa propriamente dita por ter proporcionado o primeiro contato com aquele espaço expositivo com um olhar de professora pesquisadora, além da segurança quanto ao norte que tomaria o estudo a partir dali.

No próximo capítulo abordarei sobre o processo educativo para a compreensão da arte contemporânea pelos estudantes nos contextos institucionais específicos do IFPB e Estação Cabo Branco Ciências Cultura e Artes.

3-PROCESSO EDUCATIVO PARA A COMPREENSÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA PELOS ESTUDANTES DO IFPB

3.1 - O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IFPB

Contextualizar a escola envolvida nessa ação de mediação é fundamental no sentido de obter uma melhor compreensão de todo esse processo. É com esse propósito que discorro, embora brevemente, sobre a sua história, a modalidade Técnico Integrado ao Ensino Médio e especificamente o curso Instrumento Musical.

Figura 10- IFPB/campus João Pessoa

Fonte: www.ifpb.edu.br/campi/joao-pessoa

A fundação do atual IFPB – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – remonta ao longínquo ano de 1909, ocasião em que foi criado com a nomenclatura oficial de Escola de Aprendizes Artífices da Parahyba durante o governo do Presidente Nilo Peçanha e através do Decreto nº 7.566 de 23 de setembro de 1909, com o objetivo de oferecer educação profissional gratuita àqueles a quem precisava se profissionalizar e não dispunha de condições financeiras para pagar.

Conforme Lima (1995, p.55) em seus anos primordiais de criação, quando a abolição do regime escravocrata era um fato relativamente recente para a época (1888), o hoje Instituto Federal da Paraíba já foi considerado uma escola correcional de condutas desabonadoras de menores que perpetravam pequenos delitos. Grande parte de seu alunado era composto por filhos de ex-escravos, recém alforriados, que perambulavam pelas ruelas das cidades, ociosos, e a força pública os recolhia para obterem pequenos e simplórios ofícios que os tirassem das ruas. Recolhidos e encaminhados à Escola de Aprendizes Artífices da Parahyba, esses menores recebiam uma

formação básica de cursos como sapataria, alfaiataria, encadernação, mecânica, mediante atividades básicas, sob rígida orientação. Tais cursos eram oferecidos juntamente com o curso Primário, que hoje corresponde ao Ensino Fundamental I. Essa escola compunha um grupo de dezenove instituições, conforme consta em site oficial[15].

Da escola de Aprendizes Artífices, passou a ser Liceu Industrial; deste passou a ser Escola Técnica Federal da Paraíba que originou o CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica) e finalmente chegamos à denominação atual: IFPB.

Atualmente, o quadro de profissionais deste Instituto é composto por docentes e técnicos, considerados educadores atuantes. Os professores são, em sua maioria, detentores do grau de mestre e de doutores, e uma pequena parte composta por especialistas. No caso dos técnicos, prepondera uma maioria composta por graduados nas diversas áreas de formação acadêmica.

A estrutura física do campus é integrada por biblioteca, auditórios, complexo poliesportivo provido de piscina, ginásios, campo de futebol e espaços para práticas de ginástica e musculação, restaurante, gabinete médico-odontológico, laboratórios, salas de aulas com data show, computador e equipamento de som, dentre outros itens. O atual conjunto arquitetônico do campus João Pessoa foi construído no início da década de 1960, para sediar a Escola Técnica Federal da Paraíba (ETFPB).

Hoje uma instituição centenária, multicampi e pluricurricular, o Instituto Federal da Paraíba integra a rede federal de educação profissional e sua missão institucional e papel social estão nos dispositivos constantes da Lei 11.892/08, diploma legal que instituiu a nova rede e criou os Institutos Federais de Educação Profissional, os quais ofertam desde a formação continuada, perpassando pelo ensino básico, até a formação técnica, mediante os cursos técnicos das modalidades integradas e subsequentes, até atingir o nível superior, mediante as graduações variadas de tecnologias, licenciaturas e bacharelados.

Os Institutos Federais têm como missão oferecer formação profissional, nas esferas técnica e tecnológica, às diversas camadas da sociedade brasileira, compostas por jovens e adultos, de modo a propiciar-lhes a oportunidade de exercer, em sua plenitude, a cidadania. Além dos cursos tradicionais, os Institutos concebem e executam também programas e projetos de natureza social, objetivando a inclusão social de muitos brasileiros que se encontram em condições de vulnerabilidade social e à margem da cidadania e da ação governamental.

Conforme consta no site oficial do IFPB[16], a essencialidade das matrizes curriculares dos modelos de ensino dos cursos técnicos, particularmente, está focada em oferecer ao estudante

---

[15] www http://ifpb.edu.br/institucional/historico
[16]http://www.ifpb.edu.br/campi/joao-pessoa/cursos/cursos-tecnicos-integrados/ Acesso em 23/09/2015.

tanto a preparação técnica para a empregabilidade, mediante a qual ele possa atuar competentemente no mundo do trabalho, como também a formação humanística, que centraliza seu foco em oferecer ao estudante a percepção crítica e a capacidade analítica e reflexiva do mundo circundante. Essa dualidade, formada pelos eixos do tecnicismo e do humanismo, deve ser repassada de forma harmônica, mediante a simbiose do domínio de ferramentas, competências e habilidades técnicas com a percepção cognitiva e sensível do mundo no qual está inserido o estudante, de modo que, ao se formar, ele se torne um profissional competente do ponto de vista técnico e essencialmente consciente e interventor analítico do processo dialético da sociedade.

Os cursos técnicos integrados ao Ensino Médio são direcionados àqueles que já tenham concluído o Ensino Fundamental. Quem os conclui obtém habilitação profissional de nível médio. É, pois, um curso único organizado de forma integrada e interdependente, contemplando o Ensino Médio e o Ensino Técnico de Nível Médio. Sua matriz curricular é composta por disciplinas da formação geral – Português, Matemática, História, Geografia, Artes, Inglês, Educação Física, Química, Física – e de formação profissional, conforme a especificidade de cada curso. O que rege essa modalidade é o Decreto 5154/04, com o Parecer CNE/CEB 39/2004 e com a Resolução CNE/CEB 01, de 03/02/2005.

Em João Pessoa, temos um total de sete cursos inseridos nessa modalidade de ensino: Eletrotécnica, Eletrônica, Mecânica, Contabilidade, Controle Ambiental, Edificações e Instrumento Musical.

Em relação ao curso técnico Instrumento Musical foi autorizado pela Resolução nº 22 de 21/11/2008 e nº 35 de 26/12/2008 e possui, conforme informações disponibilizadas no site oficial do IFPB, campus João Pessoa, uma carga horária de 4.016 horas. Seu prazo de integralização é de 4 anos e funciona no turno manhã, sendo oferecidas 30 vagas anuais. Quem conclui esse curso deve estar apto a realizar performance instrumental – recitais, concertos, shows, gravações, programas de rádio e televisão – além de elaborar arranjos musicais, orquestração e harmonização. Esse curso, através do IFPB, é oferecido nas cidades de João Pessoa e Monteiro.

3.1.1-Perfil dos estudantes do curso técnico integrado em Instrumento Musical

A pesquisa foi realizada junto com os estudantes do curso técnico em Instrumento musical, aos quais leciono, pertencentes ao 4º Ano e portanto, concluintes. Ao todo são 9. Esse número reduzido em relação às outras turmas, cujo número chega a ser 45, é decorrente do processo de evasão que acontece ao longo do curso. Desses 9 estudantes, 7 responderam ao questionário, cujas perguntas e respectivas respostas estão descritas abaixo:

- Faixa etária: Entre 17 e 19 anos

- Ano de ingresso no IFPB: 2012
- Tipo de escola onde concluiu o ensino fundamental: 6 = Particular; 1=Estadual
- Linguagem artística que lhe é mais interessante: 6=Música; 1=Dança
- Tem interesse em visitar exposições de arte? 1 = Não; 6= Sim
- Frequência a museus, galerias e espaços expositivos: 2=Não;5=Sim (2 através da Escola e Família; 3 através da Escola, família e iniciativa própria)
- Havia nesses espaços obras de arte contemporânea? 4 = Não sei; 3=Sim
- Obteve na escola conhecimento sobre arte contemporânea? 2 = Não; 2=Não sei; 3=Sim
- Gosta de arte contemporânea? 2 = Não responderam; 1=Não sei; 1=Algumas linguagens; 3=Sim

Portanto, considerando os dados acima conclui-se que a maioria é oriunda de escola particular, tem a música como linguagem de maior interesse, já visitou e demonstrou interesse em visitar museus, galerias e espaços expositivos.

3.2 - ESTAÇÃO CABO BRANCO - CIÊNCIA, CULTURA E ARTES

O espaço expositivo escolhido como campo desta pesquisa consiste em um complexo turístico e cultural possuidor de 8.500m² de área construída, cujo projeto arquitetônico é de autoria do consagrado Oscar Niemeyer. Sua inauguração ocorreu no dia 03 de julho de 2008.

Figura 11- Estação Cabo Branco - Ciência, Cultura e Artes

Fotografia: Rosa Tânia

A estrutura arquitetônica desse espaço cultural já se constitui um convite atrativo à sua visitação que o faz se enquadrar na categoria daqueles museus e centros culturais que possuem um diferencial em relação aos demais. Eu diria que o próprio conjunto arquitetônico faz parte do seu acervo cultural. A sua localização – próximo ao ponto mais oriental das Américas, a ponta do Seixas em Cabo Branco, João Pessoa – enfatiza esse potencial turístico que lhe é peculiar.

Fazendo parte dessa estrutura, vemos a Torre Mirante, possuidora de um terraço panorâmico, que proporciona uma integração entre o espaço interno e o externo, ou seja, entre o espaço expositivo e a natureza. Isso se dá de tal forma que às vezes o espectador desvia seu olhar e sua atenção das obras, para contemplar outra exposição: a paisagem composta por vegetação atlântica e mar.

Figura 12- Espaço expositivo do Estação Cabo Branco, Ciências Cultura e Artes

Fotografia: Rosa Tânia

Além da Torre Mirante, tem salas de convenções, administração, um anfiteatro e um auditório com capacidade para 300 e 500 pessoas, respectivamente.

Conforme consta em material impresso distribuído pelo museu, a elaboração e concretização desse projeto arquitetônico destinou-se a abrigar e propagar atividades de caráter científico, artístico, educativo e cultural. Além das exposições de arte periódicas, durante todo o ano, a instituição apresenta também uma programação permanente envolvendo atividades destinadas à população. Elencarei algumas dessas atividades:

Na área de Ciência:

-Planetário que apresenta noções básicas de astronomia através de uma viagem pelo espaço cósmico;

-Caminho do Conhecimento, localizado no jardim da Estação, cuja função é proporcionar aulas de campo em matemática, física, química e ciência.

-Laboratório de Astronomia, que possui telescópio e lunetas para aulas de campo e observações dos astros.

-Laboratório de Robótica que proporciona exercícios de concentração, memória~~s~~, lógica e criatividade orientando o visitante a montar e programar protótipos.

-Semana da Ciência e Tecnologia, direcionada especialmente para crianças e jovens, promove a discussão sobre pesquisas científicas e tecnológicas.

Na área de Cultura:

-"Terça Tem" que ocorre uma vez por mês com apresentações de grupos artísticos;

-"Estacione" que consiste na exibição de filmes nacionais, internacionais e documentários;

-"Fim de Tarde", são apresentações de performance;

-"Estação Poética", promoção de recitais de poesia, música, leitura de cordel além de lançamentos literários;

-"Roda de Leitura", cujo objetivo é despertar o gosto e o interesse pela leitura;

- "Arraiá da Estação", trata-se de apresentações de grupos folclóricos, de cultura popular, de quadrilhas juninas, de trios de forró conhecidos como pé de serra.

- "Estação Criança", consiste em atividades, como o próprio nome já diz, destinadas a crianças e que acontecem no mês dedicado a elas, ou seja, outubro. São destinadas a crianças de escolas públicas e particulares. Sua programação prevê exibição de filmes, animações, recreação e brincadeiras, além de espetáculos teatrais.

- "Projeto 5ª com Jazz"**,** proporcionando o contato com essa modalidade musical, ocorre a cada 15 dias, sempre às quintas feiras;

- Semana do Músico, é destinado a professores, músicos e afins. A programação abrange workshops, apresentações musicais e oficinas no mês de novembro;

-Projeto 6ª com Choro foi criado com o objetivo de proporcionar o resgate da prática do chorinho através da apresentação de grupos que fazem pesquisa sobre esse gênero musical

-Cantata Natalina, através desse projeto grupos de canto, coral adulto e infantil, realizam apresentações com repertório exclusivamente de músicas natalinas no mês de dezembro.

Na área de Artes Visuais:

Quem visita esse espaço cultural poderá apreciar obras de artistas locais, nacionais e internacionais através das exposições. E o acervo exposto em caráter permanente, como o painel de Flavio Tavares "No Reinado do Sol" e esculturas de Abelardo da Hora.

Na área de educação:

Conforme documento impresso de divulgação do museu, as atividades educativas são elaboradas visando despertar no visitante o interesse pela ciência, cultura e artes. Essas atividades são:

- Aulas de Campo- Envolvem o Laboratório de Astronomia, Caminho do Conhecimento, Laboratório de Robótica e oficinas destinadas às instituições educacionais, ONGs, grupos de idosos e outros.
- Visitas monitoradas - Com agendamento prévio, são ações educativas sobre as exposições que se encontram em cartaz e projetos artísticos. Tais ações são destinadas aos visitantes, turistas e escolas.
- Oficinas Artísticas e Pedagógicas - Ministradas pelos arte-educadores da instituição, tais oficinas são desenvolvidas na sala de práticas educacionais.
-Educação Ambiental- Destinada aos estudantes e público em geral, objetiva promover a conscientização sobre a preservação do meio ambiente.

Essas são, portanto, as ações desenvolvidas pela Estação Cabo Branco - Ciência Cultura e Artes à população local e turistas.

3.2.1- Concepções da coordenadora de mediação e do educador

Entendendo que a mediação é um processo que vai além do ato da visita à exposições, requerendo planejamento, formação ou capacitação, foi aplicado um questionário à coordenadora de mediação e ao educador que mediou a exposição, objetivando conhecer seu perfil e concepções pertinentes a esse processo os quais descrevo no quadro a seguir:

Quadro 2 - Concepções da coordenadora de mediação e do educador

Formação	**Coordenadora**: Sexo feminino, graduada em Turismo (habilitação em planejamento). **Educador:** Sexo masculino, graduando em Letras Clássicas (Grego e Latim).
Tempo de trabalho na instituição / processo de seleção	**Coordenadora:** Seis anos na instituição e quatro na função atual. **Educador:** Um ano e nove meses. Sua seleção ocorreu através de análise do currículo e entrevista.
Perfil que o mediador deve ter para a instituição	**Coordenadora:** "proativo", sociável, imparcial, ter uma boa capacidade para estabelecer diálogos, cuidando das palavras responsabilidade, pontualidade, compromisso. **Educador:** Ter "um bom" diálogo, domínio de público e conteúdo das exposições, além de atenção às necessidades dos visitantes.
Sobre a formação e conteúdos abordados	**Coordenadora:** Conteúdos: O tema das exposições; as áreas de conhecimento; exigências dos artistas; critérios da equipe de curadoria. **Educador:** A cada nova exposição ocorre a formação, cujos conteúdos são referentes à exposição e a maneira como mediá-

	la junto ao público. Cada exposição e cada público requer atenção diferenciada.
Contato com o artista e curador	**Educador:** O contato com o artista se dá às vezes; já com o curador ocorre sempre. Esse contato é "crucial" para se entender o verdadeiro sentido da exposição em questão.
Sobre o planejamento da mediação	**Educador:** É feito pelo setor de gestão educacional por meio de agendamentos prévios
Perfis de público atendido e respectivas estratégias de mediação	**Educador:** Público de diferentes idades e "deficientes" com diversas necessidades. Para o público infantil costuma-se tentar entrar no mundo deles, dialogando de forma mais descontraída. Para os adultos e idosos, um diálogo mais sério com informações mais complexas. Para atender o público de "deficientes" a instituição dispõe de profissionais habilitados. Exemplo: intérprete de Libras.
Conceito de mediação	**Coordenadora:** "é o ato de intermediar um determinado conteúdo para o público". **Educador:**" a mediação funciona como uma ponte que leva o visitante a descobrir sozinho novos horizontes".
Conceito de arte contemporânea	**Coordenadora:** "uma variedade de técnicas, estilos, experiências e movimentos de várias correntes artísticas". **Educador:** " A arte contemporânea para mim é aquela que não está apegada em conceitos fixos e isso dá maior liberdade ao artista para executar suas próprias obras, sem precisar exprimir um sentido político ou religioso".
Mediação para exposições de arte contemporânea	**Coordenadora:** "Considero os assuntos das exposições, os critérios de curadoria e dos artistas. Promovo reuniões gerais a nível de capacitação e orientação sobre o conteúdo e a postura para determinada exposição". **Educador:** "Da mesma maneira que a arte contemporânea é mais livre, da mesma forma o mediador deve se portar".
Trabalho específico relacionado às escolas visitantes	**Educador:** Além da visitação às exposições são realizadas oficinas educativas para tornar mais lúdica a mediação.
Concepção da relação entre museu e escola	**Coordenadora:** "De extrema importância, pois as atividades não formais contribuem de forma lúdica e interativa, facilitando o entendimento e a interpretação dos temas abordados, além do que considero a arte fundamental para a construção do cidadão". **Educador:** "A boa relação pode proporcionar mais visitas e tornar o museu uma ferramenta importante na educação".
Quantidade de escolas que visitam as exposições por mês	**Coordenadora:** Em média 60 divididas nos três turnos
O retorno que as escolas dão de resultados em relação as visitas feitas às exposições	**Coordenadora:** Respondem a pesquisa de satisfação ao término da visita

Se há abertura de espaço na instituição para exposição de trabalhos dos estudantes	**Coordenadora:** Há abertura com prévia solicitação e planejamento junto à curadoria.
Promoção de formação relacionada as artes visuais para professores de arte e público em geral	**Coordenadora:** "Ainda não promovemos, mas já recebemos grupos de professores com esta finalidade".

Cruzando os dados contidos nos referidos discursos, percebo coerência entre eles em alguns aspectos em que não há contradição, mas complementação de informações quanto a metodologia das mediações, diferenciadas para cada exposição e público; conteúdos da formação, atrelados às exposições; perfil do mediador, entre outros. Quanto às concepções, também não apresentam divergência. Se tomarmos como exemplo o que disseram sobre o conceito de mediação, veremos que o sentido é o mesmo, sendo que o mediador acrescentou a expressão "por si só", atribuindo autonomia ao público visitante. Essa mesma coerência de pensamento pode ser constatado em relação ao conceito sobre arte contemporânea: o educador ressaltou a questão da liberdade intrínseca ou inerente à arte, enquanto a coordenadora apontou indiretamente para esse aspecto ao mencionar a "variedade de técnicas, estilos, experiências e movimentos de várias correntes artísticas", ao mesmo tempo em que isso aponta também para a apropriação, uma das características dessa arte. Em relação a mediação específica para a arte contemporânea a coordenadora afirma que realiza capacitação orientando sobre a postura para determinada exposição, indicando que esta (postura) deve ser diferenciada. Isto está condizente com o pensamento de Coutinho (2009) quando afirma que mergulha no universo da exposição como primeiro passo para elaborar estratégias de mediação. Já o educador diz que ele deve se portar assim como essa arte, ou seja, livre. Se esse "livre" significa desprovido de todo preconceito, como assim interpreto, essa postura deve ser para todas as mediações, não somente àquelas específicas a arte contemporânea.

Analisando as concepções da coordenadora e educador, mais especificamente sobre a relação escola e museu, percebo que ambos a consideram importante. A importância é atribuída "as atividades não formais", tidas como lúdicas e interativas e ao "museu" comparado a uma ferramenta importante na educação. O educador cita o aumento de visitas, dando a entender que a escola contribuiria nesse processo, trazendo seu público àquele espaço. Sobre isso estudo de Grinspum (2000) confirma essa contribuição, constatando um retorno ao museu de forma espontânea por 40% dos estudantes que tiveram a escola como incentivadora da frequentação àquele espaço.

Em se tratando das demais questões feitas sobre a relação museu e escola, constata-se que essa relação se restringe ou se concretiza basicamente através das visitas às exposições, não havendo por parte da instituição a realização de cursos de formação ou capacitação direcionada aos professores de arte. Sobre essa questão no corpo desse trabalho, através de Lima (2009), Orloki (2009), Barbosa, Coutinho e Sales (2005), entre outras, trago experiências de curso de formação realizados pelos museus, cuja consequência imediata é o fortalecimento e estreitamento dessa relação museu/escola. Em contrapartida, conforme a coordenadora, as escolas dão um retorno sobre os resultados da visita respondendo, no final, a uma pesquisa que avalia o grau de satisfação obtido. Entretanto a mim, isso nunca foi solicitado. A coordenadora também afirmou que aquele espaço é aberto à exposição dos trabalhos dos estudantes, com prévia solicitação. Isso eu constatei por duas vezes, entre as visitas que ali realizei. Uma das exposições - composta por desenhos, pinturas, assemblagens e uma instalação - era de uma escola de ensino Fundamental. A outra tratava-se de uma exposição de estudantes da UFPB – "Ambi-entes"- que relato neste trabalho, como experiência preliminar à pesquisa. Acredito que as escolas não dão esse retorno com mais frequência devido aos seguintes fatores:

A. Inexistência, nas escolas, de materiais de consumo, pois mesmo que sejam trabalhos com proposta contemporânea, onde todo e qualquer material pode ser utilizado, haverá frequentemente essa necessidade;

B. Ausência de uma sala específica para as atividades práticas. Esse fato foi citado pelos estudantes **O** e **S**, transcrito no terceiro tópico;

C. Número elevado de estudantes por turma (em média 40 a 45);

D. Baixa carga horária para a disciplina Artes (2 aulas por semana);

E. Elevada carga horária do professor que geralmente trabalha em duas escolas e alguns ainda estudam;

F. Falta de interesse em organizar uma exposição num espaço expositivo;

G. Falta de experiência ou conhecimento sobre como organizar uma exposição num espaço expositivo, gerando insegurança;

Tais fatores são hipóteses que levanto, fundamentada em minha experiência de duas décadas nas redes municipais de João Pessoa, Bayeux, rede estadual da Paraíba e atualmente IFPB. Considero interessante a realização de uma pesquisa para comprovar tais hipóteses. Por outro lado me coloco entre tais professores que visitaram aquele espaço expositivo, porém não deu o retorno

através de exposição dos trabalhos dos estudantes. No meu caso, considerando o contexto das visitas realizadas com o ensino fundamental, todos os fatores descritos impossibilitaram-me de dar esse retorno àquele espaço expositivo, dessa forma. Já no contexto atual eu elenco os itens B e G. Ao refletirmos sobre os itens acima elencados, chegaremos à conclusão de que apenas sobre o fator descrito no item G, a Instituição Cabo Branco pode interferir através do seu setor educativo. Tal interferência pode se concretizar por meio de cursos de formação para professores de artes visuais. Entretanto, se faz necessário que haja por parte desses profissionais, inclusive eu, o interesse e a iniciativa em procurar aquela Instituição com o intuito de adquirir tal conhecimento. Uma via com mão dupla: eis como entendo a relação escola e museu.

No tópico seguinte será abordado o resultado de todo processo educativo proposto nesta pesquisa-ação, envolvendo os estudantes do curso de Instrumento Musical do IFPB e a Estação Cabo Branco.

3.3 - PROCESSO EDUCATIVO PROPOSTO ENQUANTO PESQUISA-AÇÃO

A arte contemporânea é de princípios contraditórios àqueles já estabelecidos e não deixa de ser inovadora apesar de lançar o olhar para a história, citando e apropriando; arte do aqui e do agora comprometida com o contexto atual e suas problemáticas. Ela traz para a discussão todo e qualquer tema, até aqueles mais existenciais da natureza humana; arte que explora os sentidos fazendo pensar, refletir, que não dita regras, interagindo com o público num convite democrático à completa-la, a expandir seu significado, podendo provocar ainda, com essa experiência, transformação. Essa Arte, estritamente relacionada à vida cotidiana, se confunde muitas vezes com essa última e pode passar despercebida e quando se faz ser notada, é criticada, rejeitada, incompreendida. Que causas provocariam o não reconhecimento como arte, o estranhamento, a rejeição e a falta de compreensão, reações tão frequentes do público leigo diante dela? Relembremos, pois, o que alguns autores nos apontam como causas:

- As instituições expõem a arte contemporânea como se fosse tradicional, e o fazem entre pinturas, desenhos, esculturas, Chiarelli (2009);
- Essa arte é abrangente demais e muito próxima da vida, Cocchiarale (2006);
- Para Maria Tornaghi que também cita como causa de estranhamento o fato dela ser muito parecida com a vida, a arte separou-se do artesanato no século XVIII, ganhando autonomia, afastando-se do cotidiano e dificultando a comunicação com o público;
- O entendimento ou a verdade, arraigada pela história, que o senso comum tem sobre o que é arte, é outra causa apontada por Freire (2006);

- A existência de um ensino de arte voltado, com maior ênfase, para a arte clássica e moderna, é citada por Menezes (2007);
- Os hábitos culturais dos brasileiros – parte significativa não vai a exposições de arte, espetáculos de dança, teatro, show, cinema e não leem livro - é mencionado por Paulo Ghiraldelli.
- A educação escolar e a universitária não proporcionam ao público as informações especializadas para que ele tenha uma atitude diferente diante de obras contemporâneas, Canclini (2012). Novamente questiono essa afirmativa: seria verdade isso?

Diante desse quadro de respostas à indagação sobre o que provocaria a típica reação do público leigo frente a arte contemporânea, temos como contrapartida a mediação que se faz entre o público e a arte, seja na escola ou no museu. Ela se constituiria como instrumento através do qual seria possível proporcionar uma aproximação maior entre ambos, conforme mostra as pesquisas ou experiências aqui relatadas anteriormente, ao ponto de ampliar a compreensão acerca dessa arte. O processo educativo proposto aqui enquanto pesquisa-ação levou em consideração a dificuldade de entendimento sobre a arte contemporânea por parte de estudantes do Ensino Médio ingressos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, campus João Pessoa. Teria, então, este processo, contribuído para ampliar a compreensão dos estudantes acera da arte contemporânea?

3.3.1-Desenvolvimento das ações na escola IFPB e na Estação Cabo Branco

Com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor acerca do desenvolvimento das ações realizadas na escola e no museu, apresento-as dispostas em quadro, possibilitando uma visão geral ou panorâmica de todo este processo e a respectiva participação de cada estudante. O espaço de cor branca indica a participação do estudante na etapa e as letras substituem nomes como forma de preservar as identidades.

Quadro 3 – Etapas das ações desenvolvidas na escola e no museu

ETAPAS	**ESTUDANTES**								
	I	**B**	**E**	**K**	**A**	**O**	**S**	**M**	**R**
1ª Etapa: aplicação de questionário: Diagnóstico preliminar acerca da compreensão da arte contemporânea pelos estudantes do IFPB.									

2ª Etapa: apresentação de uma imagem pelos estudantes e relato escrito.									
3ª Etapa: 1ª visita à exposição.									
4ª Etapa: Debate e relato escrito sobre a exposição com escolha de uma de suas obras.									
5ª Etapa: Exibição do filme "isto é arte": relato escrito e debate. Dia 21/05/15									
6ª Etapa: Exibição do filme " o que é arte contemporânea? ": relato escrito e debate.									
7ª Etapa: Apresentação oral de imagens de arte contemporânea pelos estudantes e entrega de um relato escrito sobre essas obras.									
8ª Etapa: Modalidades de arte contemporânea									
9ªEtapa: Elaboração de uma proposta de um trabalho artístico									
10ª Etapa: Montagem e exposição de um trabalho artístico e elaboração de um conceito sobre arte contemporânea.									
11ªEtapa: 2ª Visita a exposição.									
12ªEtapa: Desdobramento da visita									
13ª Etapa: Aplicação de questionário									
Total de frequência nas etapas	7	13	6	7	8	13	8	4	10

Quero direcionar o olhar do leitor para que observe no quadro acima que apenas cinco estudantes participaram da 1ª e da 13ª etapa. Duas estudantes tiveram 100% de participação enquanto aos demais se verifica uma variação neste aspecto. A análise que eu farei será comparando a compreensão em arte contemporânea desde o início do processo até a etapa final daqueles que responderam aos questionários na 1ª e na última etapa. Esse foi, portanto, o critério que considerei para inserir os estudantes na pesquisa, por possibilitar dados que me indicassem o avanço que obtiveram na compreensão sobre arte contemporânea. A partir desse momento, portanto, mencionarei apenas O, B, R, A e S, estudantes selecionados (as) para análise, considerando o referido critério. Note que escolhi identifica-los através das letras que formam a palavra "obras". Para os demais estudantes citados no quadro 3, foram utilizadas letras de forma aleatória.

Apresento, então, a descrição das etapas de maneira detalhada e a análise dos dados obtidos.

3.3.1.1 - *1ª Etapa: Diagnóstico preliminar acerca da compreensão da arte contemporânea pelos estudantes do IFPB*

Fundamentada no questionário[17] aplicado no início do processo desta pesquisa foi possível fazer um diagnóstico sobre a vivência deles com a arte contemporânea e a sua compreensão sobre ela, foco ou objeto deste trabalho. Descrevo a seguir os dados obtidos através desse questionário, citando o estudante e suas respectivas respostas:

Estudante **O:** Do sexo feminino. Estudou todo o Ensino Fundamental em três escolas particulares, onde artes visuais e teatro eram linguagens abordadas por um professor de artes "provavelmente habilitado em artes visuais...e também formado em história". Na escola onde estudou o 6º e o 7º ano, não havia estrutura para as aulas de artes, como ela diz:" pintávamos quadros apoiados no chão". No 9º não se lembra de haver professor de artes, mas outros professores de disciplinas como literatura realizavam trabalhos com teatro e geometria com paródias matemáticas. Seu maior interesse é na área de música, tendo feito curso relacionado a essa linguagem. Tem interesse em visitar exposições de arte "para ampliar os conhecimentos sobre arte e aumentar a sensibilidade". Já visitou museus, galerias e espaços expositivos através da escola e iniciativa familiar. O museu do Louvre em Paris foi citado como um lugar que visitou, mas não citou quando. E o que aprendeu através dessas visitas? " Pude observar várias obras do mesmo artista e identificar suas semelhanças e diferenças, como também me apropriar do contexto histórico das épocas de cada obra". Diz que haviam obras de arte contemporâneas e afirma que na escola obteve conhecimento sobre essa arte, mas "muito pouco". Quanto à questão " o que você entende por arte contemporânea? Cite nome de três artistas; respondeu: "Movimento que ocorreu próximo a segunda guerra mundial, como introdução da arte moderna na sociedade que estava sendo reconstruída. Os artistas queriam revelar a verdade do inconsciente. Alguns artistas são Os gêmeos, Romero Brito e Beatriz Milhazes". Quando indagada se gosta de arte contemporânea, respondeu: "Sim, pois acredito que os artistas procuram expressar o seu interior sem se preocupar com a aceitação, seja através da dança, da pintura, da grafitagem, etc.

Estudante **B:** Do sexo feminino. Estudou todo o Ensino Fundamental em uma mesma escola particular (Instituto Pessoense de Educação Integrada - IPEI) onde teatro e música eram as linguagens lecionadas por um professor de arte habilitado em teatro. Seu maior interesse é na área de música, tendo feito curso relacionado a essa linguagem. Se interessa em visitar exposições de arte pois gosta de "observar pinturas e exposições e entender o que os artistas querem expressar". Já visitou museus, galerias e espaços expositivos através da escola e iniciativa familiar. A Oficina e Castelo de Brennand foram citados como lugares que visitou em 2014. Sobre o que aprendeu

[17] Apêndice A

através dessas visitas? “Não lembro muito bem, pois fui junto com a turma de especialização da minha mãe e as explicações foram bastante específicas da área”. Não soube dizer se haviam obras de arte contemporâneas e afirmou que na escola não obteve conhecimento sobre essa arte. Quanto à questão “ o que você entende por arte contemporânea ? Cite nome de três artistas; respondeu: “ Eu realmente não lembro se eles eram contemporâneos ou não, mas estudei sobre Van Gogh e Cândido Portinari. Respondeu “não sei” quando indagada se gosta de arte contemporânea.

Estudante **R:** Do sexo masculino. Estudou todo o Ensino Fundamental em uma mesma escola particular (Instituto Pessoense de Educação Integrada – IPEI) e cita teatro como uma linguagem lecionada por um professor de artes. Seu maior interesse é na área de música, não tendo feito curso relacionado a essa linguagem. Se interessa em visitar exposições “o conteúdo da exposição determina o meu interesse: estando a favor do meu gosto, possivelmente irei”. Já visitou museus, galerias e espaços expositivos através da escola, iniciativa própria e familiar. A “Estação Ciências” foi citado como um lugar onde visitou exposição a alguns meses. E o que aprendeu através dessas visitas? “ Tive contato multicultural e étnico e pude conhecer diferentes tipos de representações simbólicas”. Diz que haviam obras de arte contemporâneas e afirma que na escola obteve conhecimento sobre essa arte. Quanto à questão “ o que você entende por arte contemporânea? Cite nome de três artistas; respondeu: “ Não sei diferenciar muito bem arte moderna de arte contemporânea. Acredito que arte contemporânea se diferencia por utilizar recursos técnicos ainda não disponíveis na explosão moderna, tais como eletrônica. Os artistas: Egberto Gismoni, Stan Getz e Lars Von Trier”. Quando indagado se gosta de arte contemporânea, respondeu: “Arte contemporânea é ampla demais. Não gosto muito de artes plásticas em geral...minha afinidade se resume a literatura, teatro, música e cinema e algumas outras linguagens como quadrinhos”.

Estudante **A:** Do sexo feminino. Estudou todo o Ensino Fundamental em uma mesma escola particular (Instituto Pessoense de Educação Integrada – IPEI) e cita “artes cênicas e plásticas” como linguagens lecionadas por um professor de arte. Seu maior interesse é na área de música, tendo feito curso relacionado a essa linguagem. Se interessa em visitar exposições “principalmente as de Van Gogh, pois adoro as artes...e também exposição de arte contemporânea. Me interesso muito. ” Já visitou museus, galerias e espaços expositivos através da escola, iniciativa própria e familiar. A “Estação Ciências” foi citado como um lugar onde visitou exposição de artes e tecnologia em 2013. E o que aprendeu através dessas visitas? “Várias. Aprendi sobre épocas e pensar sobre questões sociais”. Diz que haviam obras de arte contemporâneas e afirma que na escola obteve conhecimento sobre essa arte. Quanto à questão “ o que você entende por arte contemporânea? Cite nome de três artistas; respondeu: “ Não lembro os nomes mas a arte contemporânea que eu me lembre não segue um padrão certo e pode utilizar de objetos como metais

e etc e o objetivo é despertar alguma interpretação da sociedade atual". Quando indagada se gosta de arte contemporânea, respondeu: "Sim, acho bem diferente e algumas criticam a sociedade atual".

Estudante **S:** Do sexo masculino. Estudou todo o Ensino Fundamental em uma mesma escola particular (Centro Nacional de Escolas da Comunidade) e cita "artes plásticas" como linguagem lecionada por uma professora de arte que " era mais da parte teórica, falava mais da história". "Não existia laboratório para as aulas de arte". Seu maior interesse é na área de música, tendo feito curso relacionado a essa linguagem. Se interessa em visitar exposições "para conhecer mais sobre as técnicas". Não visitou museus, galerias e espaços expositivos e afirma que na escola não obteve conhecimento sobre arte contemporânea. Quanto à questão " o que você entende por arte contemporânea? Cite nome de três artistas; respondeu: "Eu entendo que nela o artista é mais livre para fazer o que quer, sem ter que seguir regras. Não sei de artistas". Quando indagado se gosta de arte contemporânea, respondeu: "Sim, porque eu gosto dessa ideia de liberdade para com o artista. Eu acho que essa liberdade deixa a arte fluir mais".

Todos os estudantes como era já o esperado tem na música sua área de maior interesse, motivo pelo qual optaram por cursar o técnico em Instrumento Musical. A maioria – 4 – já tinha frequentado museus, galerias e espaços expositivos. Em se tratando da educação formal adquirida no ensino fundamental, todos são oriundos de escola particular, onde um professor de arte ministrava a disciplina, com exceção do caso da estudante **O** que afirma ter estudado arte através de professores alheios á área, ou seja, de Literatura e Matemática. Encontramos aqui um fenômeno que ainda se observa no Brasil e que não poderia deixar de comentar, já que trata-se de um fator que interfere na aprendizagem do estudante e causa indignação aos profissionais da área: a falta de valorização da disciplina arte no currículo escolar, traduzida no fato de qualquer professor ministrar conteúdos específicos de arte, burlando a legislação. Também percebemos uma prática voltada totalmente para a abordagem teórica da história da arte – verificada no depoimento de **S** – e a polivalência - depoimentos de **B**, **A** e **R**, estudantes de uma mesma escola - como uma prática ainda recorrente nas escolas brasileiras, que apresentam pluralidade de ações, citadas por autores como Barbosa (2008), Martins, Picosque e Guerra (1998).

O estudante **S** afirmou que na escola não obteve conhecimento sobre arte contemporânea e isso ocorreu apesar da professora enfatizar a história da arte. Provavelmente aqui ocorreu um ensino de arte voltado, com maior ênfase, para a arte clássica e moderna, fator apontado por Menezes (2007) como uma das causas da incompreensão e do distanciamento entre o público e a arte da atualidade. Canclini (2012) também atribui a esse fenômeno da incompreensão, falha na educação escolar, traduzida em falta de informações necessárias que esclareçam, quebrem preconceitos e promovam uma postura nova diante dessa arte.

A estudante **B** também afirma que não obteve conhecimento sobre arte contemporânea na escola na qual estudou durante o ensino fundamental, entretanto **A** e **R** seus colegas de turma, afirmam o contrário. Diante disso levantei as seguintes hipóteses: **B** teria tido contato com o conhecimento sobre arte contemporânea na escola, porém passou desapercebido e não chegou a assimila-lo ou de fato não teve; **A** e **R** não obtiveram esse conhecimento sobre arte contemporânea mas acreditam que tenham tido ou de fato tiveram. Analisando suas respostas quanto a questão "o que entende por arte contemporânea", **B** ao citar artistas pertencentes ao Modernismo demonstra falta de conhecimento sobre a arte mais atual, não sabendo responder se gosta de arte contemporânea. A estudante **A** se aproxima mais da compreensão desta arte quando a descreve como "diferente", e "algumas criticam a sociedade". O termo "diferente" é muito subjetivo e relativo, dependendo do ponto de vista ou dos referenciais de quem observa a obra, entretanto esse diferente é atribuído em relação à arte feita anterior a arte contemporânea. Menciona metais que pode fazer referência a questão da utilização de materiais inusitados na composição de uma obra contemporânea, embora o metal não seja de uso exclusivo de artistas contemporâneos, pois artistas de outros tempos também já utilizaram. Vik Muniz e Lígia Clark são exemplos de artistas que fazem uso do metal além de uma diversidade de outros materiais com uma proposta contemporânea. Para essa estudante a arte contemporânea não "segue um padrão certo", expressão que significa a existência de liberdade de criação. O estudante **S** comunga com a mesma ideia ao afirmar que " nela o artista é mais livre para fazer o que quer, sem ter que seguir regras". A estudante **O** também aponta a liberdade como uma característica dessa arte, entretanto a sua definição sobre arte contemporânea indica claramente que ela se refere ao Surrealismo. Ou seja, não distingue arte moderna da arte contemporânea. A falta de distinção ocorre com o estudante **R** que admite essa dificuldade. Ele considera que a utilização de recursos não disponíveis na era moderna, como os da eletrônica, seja uma das características da arte contemporânea. Ao afirmar isso não se refere as artes visuais, mas a música, citando, inclusive nomes de dois músicos, além de um cineasta, demonstrando sua preferência e gosto pela música e cinema. Diz não gostar de artes plásticas, mas cita a linguagem dos quadrinhos como uma de suas preferidas.

Concluindo este tópico, a avaliação diagnóstica obtida através da aplicação de questionário é a seguinte: os estudantes demonstraram entre nenhum e pouco conhecimento sobre arte contemporânea.

3.3.1.2 - *2ª Etapa: Apresentação de uma imagem pelos estudantes e relato escrito*.

A apresentação de uma imagem pelos estudantes teve como intenção ou objetivo conhecer o gosto estético de cada um ao mesmo tempo que me proporcionou mais informações

acerca do seu conhecimento de arte. Dos estudantes selecionados para fazer parte da pesquisa segundo o critério da participação, conforme já mencionado, apenas S não apresentou uma imagem.

As imagens trazidas pelos estudantes são exclusivamente de obras pictóricas. “Sagração de Napoleão e coroação de Josefina” de Jaques Louis David e “Noite estrelada” de Van Gogh foram as imagens apresentadas pelos estudantes, dispostas a seguir com os respectivos relatos:

Figura 13-Sagração de Napoleão e coroação de Josefina. Óleo sobre tela de Jaques LouisDavid-1805-07. 629 x 979

Fonte http://operamundi.uol.com.br/conteudoticias/11996/hoje+na + historia

“Escolhi essa obra porque quando viajei para Paris e visitei o museu do Louvre esta foi a obra que me chamou mais atenção por sua dimensão imensa e pelo realismo da imagem”. (**O**).

A estudante **O** trouxe uma imagem que teve contato no museu, especificamente, do Louvre em Paris, por ocasião de uma viagem com a família, conforme disse durante sua apresentação oral. A imagem apresentada é uma pintura neoclássica do início do século XIX. Nela as regras de composição as quais é submetida a tornam “perfeita”, proporcionando a fácil identificação dos elementos ali representados ao espectador/contemplador É um tipo de pintura que não causa polêmica entre o público leigo, especificamente o estudantil. Quando em sala de aula mostro uma imagem de estilo neoclássico, eles a admiram pelo domínio técnico do artista.

O justifica sua escolha por “sua dimensão imensa”, chamando-lhe sua atenção. Essa dimensão só foi possível perceber e causar-lhe impacto através do contato direto com a obra. Para Martins e Picosque (2012) “estar em frente ao original é muito diferente[...]é a minha relação com a dimensão, a nitidez e a qualidade das cores e formas[...]muitas vezes o espanto pelo tamanho é

enorme". (p. 10 e 11). Daí a importância da experiência em ir ao museu e outros espaços expositivos. Além da dimensão, o realismo característico da obra lhe atrai. Aqui percebemos também a importância da família na formação cultural que é citada por Martins e Picosque (2012) como nossa primeira mediadora diante da arte.

Coincidentemente a imagem escolhida por **B**, **A** e **R** foi a mesma: "Noite estrelada" de Vicent Van Gogh. Entretanto, coincidências tem seus fundamentos, fatores determinantes. Nada acontece por acaso. E o que, então, teria influenciado a escolha desses estudantes?

Figura 14-Noite estrelada. Óleo sobre tela de Van Gogh

Fonte: http://www.infoescola.com/pintura/a-noite-estrelada

"Escolhi Van Gogh pois aprecio muito o trabalho dele. Gosto de sua história, o fato dele ter ganhado fama e reconhecimento após sua morte. Gosto do jeito como pinta, sem regras e um jeito natural. Noite estrelada me passa uma certa tranquilidade, uma paz. Me lembra os trabalhos de Tim Burton, cineasta /diretor que eu gosto muito". (**B**).

"Escolhi esse artista pois eu gosto da história dele, de como ele não foi reconhecido na sua época. Gosto das pinturas saírem do jeito tradicional da época, gosto da fase louca e sombria dele e das texturas passadas nas suas obras. Acho que o fato dele não seguir uma métrica e sim se expressar e passar as coisas que pinta, à sua visão, fez com que suas obras tenham uma emoção maior" (**A**).

"A textura do quadro me agrada. Gosto de quando a vejo com os olhos semicerrados, a pintura adquiri realismo e um certo movimento. Me interesso pelo contraste de iluminação no cenário". (**R**).

Trata-se de uma pintura pertencente ao Modernismo, que pode ainda causar alguma polêmica entre o público leigo - mas nem tanto quanto ao que verificamos na arte contemporânea – por não estar mais comprometida com os cânones, regras de composição e uma representação fiel da realidade. A coincidência de escolherem uma mesma imagem tem uma explicação: foram colegas de uma mesma turma numa escola na qual existia um professor de artes que enfatizou a história da arte e mais precisamente o Modernismo e o artista sobre o qual estamos falando, conforme discussão em sala de aula. Isso contribuiu para que esse grupo desenvolvesse o gosto pela estética modernista e de modo específico, por obras de Van Gogh.

Percebe-se, portanto, a importância da educação informal (família), formal (escola) e não formal (museu, espaços expositivos, etc.) na compreensão da arte pelos estudantes, influenciando suas escolhas e preferências.

3.3.1.3 - *3ª Etapa: 1ª visita à exposição*

A visita à exposição ocorreu no espaço expositivo Estação Cabo Branco Ciências, Cultura e Artes, comumente denominado de Estação Ciências. Dos estudantes selecionados, apenas "S" não compareceu, lembrando que sua ausência também ocorreu na etapa anterior.

Figura 15-Ida ao Estação Cabo Branco-Ciências, Cultura e Artes com a turma do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPB (2015)

Fotografia: a pesquisadora

A proposta da ida ao Estação Ciências foi recebida pela turma com entusiasmo, embora nem todos puderam comparecer no dia programado. O agendamento ocorreu pessoalmente, mesmo podendo fazê-lo por telefone, pois era importante e me interessava ver as exposições antes dos

estudantes. Quanto a disponibilidade do transporte no Instituto, não encontrei dificuldade e isso se constitui num fator favorável à realização de atividade como esta. Segundo Vilela (2012),a falta de transporte é “um dos empecilhos mais determinantes que dificultam o acesso do público estudantil aos espaços expositivos” (p. 5).

Quanto à exposição trata-se de uma coletiva de arte contemporânea intitulada “Mostra Nordeste de Artes Visuais”, tendo como curador José Rufino, professor do Mestrado em Artes Visuais UFPE/UFPB (Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba), Para ele o que fortalece a arte contemporânea são os três pilares: “contato, referências artísticas e conceituais, além de uma produção constante”. Quanto aos critérios considerados na seleção foram o fato de todos serem nordestinos, com produções que não se limitam às questões regionais, além do diálogo que estabelecem entre criador, obra, público e contexto no qual estão inseridos. conforme constava em cartaz informativo sobre a exposição. E aqui nos deparamos com a importância de um material impresso como instrumento de mediação, proporcionando conhecimento diante da impossibilidade do contato direto com o curador.

Os artistas que participaram da coletiva foram: Ulisses Lociks e Jeanine Toledo (AL), Gaio Matos e Ieda Oliveira (BA), Valéria Américo e Yuri Firmeza (CE), Thiago Martins (MA), Christus Nóbrega e Íris Helena (PB), Bruno Vilela e Juliana Notari (PE), Jacob Alves, Bebel Frota e Cesar Costa e Elielson Pacheco (PI), Sofia Bauchwitz e Marcelo Ghandi (RN), Elias Santos (SE). As obras eram compostas nas modalidades fotografia, desenho, pintura e instalação e para expô-las aqui selecionei aquelas que chamaram mais atenção dos estudantes, foram citadas em seus comentários ou tomadas como referência em seus trabalhos artísticos. Também optei por mostra-las conforme forem citadas ou mencionadas na fala dos estudantes ou em seus trabalhos, pois dessa forma acredito que o leitor poderá fazer mais facilmente a relação entre os discursos e as imagens.

Na sequência abordo sobre a mediação direcionada a referida exposição.

3.3.1.3.1 - Mediação na exposição

Para melhor entender atitudes e procedimentos de uma prática profissional é necessário ter conhecimento acerca dos discursos dos seus agentes que podem ser um fundamento ou negação.

Na fala, abordada anteriormente, do educador -“monitor” pelo setor educativo do Estação Cabo Branco - apareceu “diálogo”, fator importante no ato de educar conforme Paulo Freire (2012) que faz opção pela educação dialógica ao mesmo tempo em que tece críticas à

educação “bancária”. No discurso de Martins (2006) mais precisamente em se tratando de mediação, há também a corroboração com a presença ou utilização do diálogo.

Se no discurso do educador o diálogo foi citado, como ele se concretizou no ato da mediação? Vimos através da descrição da experiência preliminar de mediação, que a atuação dos educadores foi de despejar prontamente todo conteúdo ou conhecimento sobre cada obra para os visitantes, sendo que um deles o fez com maior abertura para o diálogo. Neste caso o educador - que não era nenhum daqueles que nos atendeu na experiência preliminar - concentrou toda a turma diante de um quadro informativo que abria a exposição e ao mesmo tempo, diante da primeira obra que estava exposta abaixo dele. Expôs em linhas gerais sobre a exposição. Após essa explicação nos deixou à vontade e livres para percorrermos toda a exposição, dizendo que estava à disposição do grupo para esclarecer alguma dúvida, caso fosse solicitado. E assim ocorreu. Foi solicitado para tirar dúvidas em relação aos materiais da obra “Diário de bandeja”(figura 16).

Figura 16- “Diário de bandeja” de Juliana Notari, 2012. Pintura e desenhos sobre bandejas

Fotografia: a pesquisadora

O tempo do nosso “passeio” ou percurso diante das obras durou aproximadamente 35 minutos, mas foi suficiente para o grupo esgotar a curiosidade e fazer o registro através de fotografia. Percebi que os estudantes se detiveram mais diante da obra “Diário de bandeja”. Nela, além dos desenhos tinham frases que os completavam, nos dando pistas das ideias da artista. O educador perguntou se já poderíamos ir para outra sala onde haveria uma oficina. A visita à exposição se encerrou naquele momento.

Notem que apesar do setor educativo utilizar a terminologia “monitor”, a atuação do educador não se encaixa no conceito abordado por Pinto (2010), quando a este é atribuído a função de comandar o espectador dentro do espaço, determinando o percurso da visita, o olhar e a

percepção deste público, com exceção do ato de "conceder explicações". Sua atitude de deixar o grupo livre para observar as obras está coerente com o seu discurso, pois ao ser indagado sobre o seu conceito de mediação, arte contemporânea e mediação para exposições de arte contemporânea, falou respectivamente: " a mediação funciona como uma ponte que leva o visitante a descobrir sozinho novos horizontes"; " a arte contemporânea para mim é aquela que não está apegada em conceitos fixos e isso dá maior liberdade ao artista para executar suas próprias obras, sem precisar exprimir um sentido político ou religioso"; "da mesma maneira que a arte contemporânea é mais livre, da mesma forma o mediador deve se portar. O mediador irá levar o visitante a um conceito próprio, fazendo-o raciocinar por si só". A princípio eu questionei o limite dessa liberdade: não teria ele deixado solto ou livre demais? Deixar assim talvez não proporcione o que Martins considera como função da mediação: "ampliação de conhecimento [...]desenvolver o estético, estimulando e resignificando o conhecimento" (2005, p.76). Mas ao contrário, esta postura estaria se assemelhando ao chamado *laissez faire*, prática de arte educadores na década de 1970, que não resultava em aprendizagem, mas em acentuar as diferenças existentes. Senti falta de uma roda de conversa, dando um fechamento na atividade de observação das obras, momento oportuno para se colocar em comum dúvidas, ideias, pensamentos, sensações, expectativas etc a cerca daquela experiência como um todo e especificamente da exposição. Como afirmam Martins e Picosque (2012) " a presença do mediador é fundamental pois pode instigar, com questões provocadoras[...] a troca das impressões sensoriais, de interpretações, da socialização de perguntas que as próprias obras nos fazem" (p. 13). Isso seria interessante também como uma forma de avaliação e um retorno, imediato, daquele público àquela instituição. Entretanto ao analisar os questionários dos estudantes encontrei resposta positiva relacionada a postura do educador e que aponta sua contribuição e importância na aquisição do conhecimento. Isso pode ser verificado mais adiante quando faço a descrição e análise da questão "O que achou da ação do educador que nos acompanhou à exposição ?".

3.3.1.4 - *4ª Etapa: Debate e relato escrito sobre a exposição com escolha de uma de suas obras*

O debate e o relato por escrito sobre a exposição "Mostra Nordeste de Artes Visuais" com escolha de uma de suas obras foi fundamentado principalmente no que os estudantes viram através do contato direto, porém foram exibidas imagens das obras, atendendo a um pedido deles. Isso possibilitou ao estudante **S**, que não participou da visita, participar mais ativamente desse momento, tecendo comentários sobre a arte contemporânea e escolhendo uma obra de sua preferência.

Como optei por não gravar esse momento, temendo inibi-los, falarei de um modo geral acerca de suas impressões. Como já tinha percebido eles consideraram a experiência positiva, pois uma aula de campo sempre acrescenta algo mais. Alguns comentários mais específicos referentes a algumas obras também foi dito, como por exemplo sobre as fotografias da série cocô: ”Isso demonstra que qualquer coisa pode ser usada para fazer arte”. “Sinto nojo ao olhar isso”. “Ele editou essas imagens? Aplicou algum recurso?” (**S**). O nojo verbalizado foi acompanhado de uma expressão facial típica dessa sensação. Conforme Martins e Picosque (2012) “muitas vezes não apreciamos o que não faz parte do nosso repertório interno para compreender. E se esta significação não é mediada, o sentimento de rejeição fica instalado” (p. 16).

Figura 17- Fotografias da série cocô de Elielson Pacheco. Recorte cronológico com 8 das 123 fotografias feitas de 14/11/2011 a 03/04/2012

Fotografia: a pesquisadora

Não foi a primeira vez na história que um artista utilizou de um material tão inusitado como fezes[18], na elaboração de uma obra. E essa foi uma boa oportunidade para introduzir a questão da referência que o artista contemporâneo faz em seu processo de criação sem no entanto, deixar de ser inovador, uma vez que o faz conectado ao seu tempo utilizando, inclusive, recursos que lhe são disponíveis.

“Me sinto confortada ao olhar desenhos pequenos”. (**O**) “ Gostei desses desenhos...é interessante essa sequência”. (**S**). Tais comentários se referiram a obra de Valéria Américo, exposta e reunida num quadro a seguir:

[18] Piero Manzoni em 1961 criou “Merda de Artista”, enlatando seus excrementos.

Figura 18-Lugar para um corpo sensível. Desenhos nanquim sobre papel de Valéria Américo, 2008.

Fotografia: a pesquisadora

Essa obra composta por uma sequência de desenhos foi uma das escolhidas.

"A obra me chamou atenção por ser simples e ter várias interpretações. Gostei dos traçados mais simples, porém, bem feitos. Eu acho que a obra mostra um ser ou uma coisa se transformando em algo. Achei muito legal isso. Esse tipo de coisa que me chama atenção na arte contemporânea: as coisas feitas sem seguir regras, sem ter as coisas muito evidentes e deixando cada um ter a sua interpretação da obra". (**S**).

O referido estudante não participou da exposição e esse relato foi feito com base nas imagens exibidas através de data show em sala de aula. Aqui ele indica características referentes a arte contemporânea como o fato de não seguir regras, não deixar seu significado evidente e não ser fechada em si mesma, mas abrindo-se à possibilidade de múltiplas interpretações pelo público

A obra escolhida pela estudante **O** foi a de uma escultura[19]: "Minha primeira reação foi de susto, depois espanto e por último, mas não menos importante, tive medo ou quem sabe tristeza. A obra era o corpo de uma pessoa, aparentemente um homem, deitado (ou talvez jogado) no chão, com uma camisa social de mangas curtas o cobrindo até o tronco desde a cabeça, bêbado, mas provavelmente morto. A mistura de emoções causadas em mim ocorreu por causa de um choque que a obra me causou, como se fosse um banho de água gelada, um "banho de realidade". Pensei nos muitos indivíduos que morrem e são deixados por um tempo à mingua somente com algum material cobrindo-lhe seus rostos. Pensei em suas histórias de vida, seus nomes, seus gostos, os perfumes que usavam, seus caracteres e impressões que jamais conheceremos. Pensei e conclui mais uma vez que a vida é apenas algo que sempre está por um triz. Senti vontade de abraçar meus

[19] A imagem dessa obra está no anexo A. Não foi possível inseri-la no corpo desse trabalho por não conter as devidas referências exigidas pelas normas da ABNT. No ato da visita ao museu, por ela estar no chão, não percebemos o seu respectivo texto explicativo que foi colocado também abaixo. Apesar dessa lacuna, insisti em apresenta-la dessa forma por considerar a interessante interatividade gerada pela obra.

amigos que lá estavam, meu irmão e pessoas que já se foram, bem como pessoas que ainda não se foram, porém não vivem mais em minha vida. E essa é a pior das perdas, é a pior das saudades, que corta e dilacera". (**O**).

Aqui constatamos, através de palavras simples e pronunciadas por uma observadora leiga, que houve uma interação com a obra a qual despertou-lhe sensações e reflexões. As emoções sobre as quais a estudante fala foram motivadas porque esse tipo de arte aborda questões do seu tempo (ANJOS apud VERAS, 2009); é muito próxima da vida (COCCHIARALE,2006); muito parecida com a vida (TORNAGHI,); há uma interatividade - neste caso mental – com o público (SPRICIGO e SILVEIRA, 2007).

E é nessa interatividade, nesse diálogo, "tomando um banho de realidade" que as sensações, emoções e pensamentos surgem, completando o sentido, o significado da obra. Nesse encontro dialógico além das informações acerca da obra "o importante também é nosso olhar/corpo singular, o encontro entre nossas referências pessoais e sociais com o que nossos olhos veem, com o que nossos ouvidos ouvem, com o que nosso corpo sente" (Martins; Picosque, p. 13).

A estudante teve o contato com a obra na exposição e me questiono: se ela apenas a tivesse visto por imagem em sala de aula, sua reação teria sido a mesma? Acredito que não e se o tivesse, não seria com a mesma intensidade, pois uma imagem nunca poderá substituir o objeto em si. Uma reprodução será sempre a "representação" do real e por mais naturalista que seja, sempre será uma imagem modificada pela tecnologia, de modo que só será possível conhece-la como de fato é entrando em contato com ela. "Nada pode substituir as relações estabelecidas pelo olhar capaz de ver proporções, texturas etc. Sempre nos encantaremos com as formas e cores construídas nas penumbras e que são roubadas nas reproduções" (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 28). E quando se trata de modalidades –performance, happening, instalação, intervenção - que incorporam o espaço como elemento compositivo da obra, esse contato é fundamental e indispensável na experiência de apreciação e leitura.

As estudantes **B** e **A** também estiveram na exposição e escolheram a obra "Diário de bandeja" de Juliana Notari. "Essa obra que eu escolhi na verdade é um fragmento de uma maior. A peça maior era feita com materiais de cozinha (pratos e bandejas) pintados de preto e continham desenhos e frases um pouco pessoais. A que mais me chamou atenção foi uma que diz "a rede é o melhor lugar porque está entre o céu e a terra", que foi feita em uma bandeja rasa. Gostei dela, pois retrata um pensamento que eu já tinha formulado enquanto estava deitada em uma rede na minha varanda". (**B**).

Figura 19- Estudantes observando “Diário de bandeja” na Estação Cabo Branco

Fotografia: a pesquisadora

“Eu particularmente gostei da obra da Juliana Notari: “Diário de bandeja”. Foi uma das primeiras que eu vi e que me reteve a atenção. Essa obra constitui-se em frases, desenhos e poemas feitos pela autora com giz branco em bandejas e pratos pretos. O que me chamou atenção na obra foi sua extensão, ocupava uma parede inteira. Ela prendeu a atenção, pois tinham vários textos, imagens detalhadas e poemas subjetivos os quais faziam as pessoas pararem pra pensar sobre seu significado. Eu achei essa uma das obras mais interessantes da exposição. Gostei da ideia da artista e a execução”. (**A**).

É interessante como a recepção do espectador e esse encontro com a obra se dá de uma forma bem individualizada, pois cada pessoa é única, possuidora de uma história de vida. E assim o que moveu ou motivou a estudante **B** a escolher esta obra foi sua experiência pessoal, foi o fato da obra fazer referência a um acontecimento particular. E nesse encontro ocorre a empatia, a identificação do espectador com a obra.

Já a escolha da estudante I tem fundamento na obra em si, na ideia, na extensão, enfim, nos seus elementos compositivos. Tais elementos nos apontam para a importância desse contato direto com a obra, possibilitando ao visitante ter noção do tamanho, perceber detalhes que só com o “estar próximo” é possível.

Não constatei estranheza ou apatia pelos estudantes, mas interesse nas obras de um modo geral.

No final participamos de uma oficina de flauta que não a considerei como atividade de mediação, pois não estava relacionada com a exposição e era ministrada em outras visitas, independentemente do que estava exposto. Como afirma Coutinho (2009), num processo de

mediação "o primeiro passo é mergulhar nesse universo procurando fazer um levantamento das principais questões implícitas no contexto. São essas questões que vão direcionar os percursos e o desenvolvimento de estratégias que favoreçam a mediação." (p. 180). O universo ao qual a autora se refere é aquele das exposições.

3.3.1.5 - *5ª Etapa: Exibição do filme "Isto é arte": comentário escrito e debate.*

No filme "Isto é arte"? o professor de filosofia Celso Favaretto aborda sobre a produção artística contemporânea brasileira através de imagens de obras. O foco da abordagem é a transformação estética e conceitual da arte -paradigmas estéticos - do clássico para o moderno e do moderno para o contemporâneo. Todo discurso é direcionado para responder a questão: isto é arte?

Após a exibição do vídeo, cuja duração é de 10 minutos, pedi que organizassem por escrito suas ideias sobre o filme para depois exporem, compartilhando com o grupo, suas impressões.

O: "O vídeo foi bastante esclarecedor no que diz respeito ao conceito de arte contemporânea, a figura do artista e a representação social que esse tipo de arte tomou nos últimos tempos. Concluí que a arte contemporânea pode ser qualquer tipo de expressão sem se preocupar com a perfeição ou harmonia, mas ainda transmitindo ideias, sentimentos ou olhares diferentes do mundo, formas distintas de ver a realidade".

B: "O vídeo me ajudou a entender o conceito de arte contemporânea. Entendi que esse tipo de arte surgiu para quebrar os ideais da arte clássica que viam a pintura, escultura como algo semelhante ao real, com profundidade e simetria. Já a arte também retrata coisas reais ou não, com uma visão diferente. Entendi que o termo objeto de arte veio substituir a palavra "obra" para acompanhar a evolução dessa arte".

S: "O vídeo me mostrou mais a diferença entre a arte contemporânea e a arte clássica, embora eu já entendia um pouco essa diferença. O vídeo me ajudou a entender mais este tipo de arte, a forma como ela é feita e também como ela é vista pelos outros indivíduos. Inclusive é o tipo de arte que acho mais interessante".

No debate os estudantes expuseram praticamente o que tinham escrito e foram unânimes em afirmar que o vídeo foi interessante para sua compreensão acerca dessa arte. A estudante **O** lembrou: " de quando eu era criança e minha tia dava tintas e pincéis para meu primo e eu e nós fazíamos o que queríamos em uma grande parede branca da rua em frente à casa". Isso nos aponta para o que Martins e Picosque (2012) chamam de nossos primeiros mediadores: "com eles aprendemos a dar valor ou apreciar as muitas linguagens da arte. Talvez a curiosidade e a disponibilidade para estar em contato com a arte sejam os maiores ganhos" (p 27).

A atitude de levar para sala de aula material para embasamento conceitual a respeito de arte contemporânea através de vídeo, foi importante neste processo de mediação, pois facilitou-me uma discussão através da qual pude conhecer mais referenciais dos estudantes, além do entendimento sobre essa arte pelo grupo.

3.3.1.6 - *6ª Etapa: Exibição do vídeo "O que é arte contemporânea? O exemplo da bienal de 2014": comentário escrito e debate.*

No vídeo "O que é arte contemporânea? O exemplo da bienal de 2014" em uma visita guiada a arte contemporânea é explicada, através de exemplos, por educadores da Fundação Bienal.

Planejei exibir esse segundo vídeo receosa de ser repetitiva, mas os resultados foram satisfatórios. Quanto a dinâmica, segui a mesma da etapa anterior: comentário por escrito seguido de debate.

O: "O vídeo foi bastante esclarecedor no que se refere à arte contemporânea e à forma como lidamos com a própria contemporaneidade nos dias atuais.

A arte contemporânea rompeu com barreiras tradicionais em relação a caracterização das obras de arte; antes a obra de arte era feita em quadros ou papéis, hoje ela pode utilizar o ambiente. Por exemplo uma linha que outrora era feita com lápis, caneta ou carvão, hoje ela pode ser construída com metal, madeira, areia ou qualquer outro tipo de material, podendo utilizar até mesmo sombras. O entendimento dessa obra não depende (necessariamente) do artista; ele depende da minha perspectiva criada a partir dos meus referenciais; depende da minha história de vida".

B: "O vídeo conseguiu me fazer compreender exatamente o que é arte contemporânea, pois fala de uma forma simples e atual, com exemplos reais tanto de tipos de arte, como de sensações que uma obra específica causa em diferentes pessoas.

Além da cor do vídeo que é clara e viva, o local atraiu a minha atenção e consegui me prender a ele".

S:" Esse segundo vídeo foi mais esclarecedor do que o primeiro por conter exemplos de arte contemporânea e também por ter uma linguagem mais simples. No vídeo a entrevistada fala que hoje a arte não é mais um simples rabisco e sim uma coisa que está contida no nosso meio, que agora nossas vidas influenciam na maneira em que interpretamos a obra. Agora não só importa o que o artista quer dizer com sua arte e sim o que o público pensa e vê na obra".

A: "Eu gostei do vídeo, achei ele bem explicativo em relação a arte contemporânea. O vídeo entrevistava estudantes e pessoas que trabalhavam na área artística, numa exposição de arte contemporânea onde eles falavam sobre o que seria arte contemporânea. Entendi que arte contemporânea seria alguma ideia expressada de forma que passa-se algo para o observador. Entendi que para apreciar arte contemporânea não é necessário ter conhecimento da intenção do

artista. O mais importante é que ela cause em você alguma sensação e você pode interpretá-la da sua visão. Também entendi que a arte contemporânea está extremamente ligada ao seu dia a dia, então para entende-la ou cria-la você só precisa dar uma olhada no seu dia a dia e como você se porta dentro da sociedade contemporânea".

R: "No vídeo vimos como se deu a ressignificação da arte através da interação diferenciada entre artista, obra e público; a técnica, antes definidora do termo, dá prioridade à expressão simbólica. O subjetivo e o intencional ganham outras dimensões nas obras através da perspectiva de espectadores que deixam de ser, tornando-se participantes ativos".

3.3.1.7 - *7ª Etapa: Apresentação oral de imagens de arte contemporânea pelos estudantes e entrega de um relato escrito sobre essas obras*.

Foi solicitado aos estudantes que eles escolhessem uma imagem, considerando as características da arte contemporânea, até então, estudados por eles.

Figura 20-Tatuagem aquarela. Autor e data desconhecidos.

Fonte: wwwdiariodaregiao.com.br

A estudante **B** trouxe a apresentou uma imagem de uma tatuagem, justificando sua escolha: "Escolhi mostrar essa técnica, pois sou uma apreciadora da arte da tatuagem. E esta técnica representa bem o teor artístico da arte contemporânea pelo fato de apresentar uma certa renovação no ramo".

A estudante **O** trouxe uma imagem (figura 21) criada por Virginia Azzurra Di Giorgio[20]. E como justificativa argumentou: "ela tem três dimensões, trazendo uma rosa vermelha como

[20] Ilustradora italiana. Fonte: http://www.sortra.com/tiny-cute-illustrations-by-virginia-azzurra-di-giorgio/

vestido da garota e a folha verde da rosa como um instrumento musical. Me identifiquei porque toco violino e rosa vermelha é minha flor favorita".

Figura 21-"Virgola" de Virgínia Di Giorgio. 2015.
Desenho. Materiais: Flor, folha.

Fonte: https://www.instagram.com/virgola

A estudante **A** assim justificou: "eu escolhi o Tim Burton[21] pois além dele ser um artista que eu gosto muito, ele é muito inovador e conhecido por suas "estranhezas". Acho que suas obras são contemporâneas pois elas saem do padrão e tem formas estranhas".

Já **S** apresentou "Aldebaran de Ubella Preta[22]": "Eu considero essa música contemporânea, porque ela usa de instrumentos não convencionais. A música usa de gravações de sons de ações cotidiana como voz de pessoas falando na rua, sons de veículos, entre outros. A música só utiliza a guitarra para fazer efeitos, tirando isso, mais nenhum instrumento é utilizado".

Notem que **B** e **O** trouxeram uma imagem, enquanto **A** trouxe um nome de cineasta e **S** uma música, como exemplos que apontam para o alargamento do conceito de arte contemporânea para além das artes visuais, manifestando-se em campos como o da música, dança, teatro e cinema.

Estabelecendo uma relação com a arte contemporânea conforme eu solicitei ao escolherem uma imagem, **B** aponta o fator "renovação"; **A** cita os termos "inovador", "estranhezas" e obras que "saem do padrão"; **S** fala do uso de "instrumentos não convencionais"; **O** apesar de não escrever, durante a apresentação oral disse que a imagem é de arte contemporânea por ter objetos em sua composição.

---

[21] Timothy Walter Burton, cineasta norte-americano. Disponível em educacao.uol.com.br/biografias/tim-burton.htm. Acessível em 23/01/2016.

[22] Trio instrumental paraibano de música nativa experimental composta por David Neves, Felipe Nicolau e Victor Rama. A sua música se caracteriza por uma mistura sonora composta por várias influências: afrobeat - combinação de música yorubá, jazz, highlife, funk e ritmos fundidos- psicodélia, rock, dub, etc. Fonte: https://soundcloud.com/ubellepreta e www.last.fm/pt/tag/afrobeat . Acessado em 23/01/2016.

Essa atividade de apresentação possibilitou-me ampliar meus conhecimentos, pois desconhecia Virginia Azzurra Di Giorgio e Ubella Preta, trazidos respectivamente, por **O** e **S.** Aqui menciono Freire (2013, p.69) quando afirma que a construção do conhecimento do homem ocorre em comunhão uns com os outros e, portanto, numa relação horizontal, onde o professor não é o detentor absoluto do conhecimento.

3.3.1.8 - *8ª Etapa: Modalidades de arte contemporânea*

Essa etapa consistiu em aula expositiva sobre performance, happening, intervenção e instalação. Dentro do amplo e vasto universo que é o da arte contemporânea e pouco tempo disponível – duas aulas - tive que fazer essa seleção, considerando que tais modalidades são mais específicas à arte contemporânea. Além disso, performance e happening podem contemplar a música em sua composição e, por isso, tem uma relação direta com esses estudantes do curso Instrumento Musical. A abordagem feita foi através de data show, falando de origens, conceitos e exemplos, com exibição de imagens de obras.

3.3.1.9 - *9ª Etapa: Elaboração de uma proposta de um trabalho artístico contemporâneo*

Essa etapa foi iniciada por eles em sala de aula, porém concluída depois como atividade extra classe, pois precisaram de um tempo maior para fazê-lo. Propus que pensassem em um trabalho a ser elaborado com características de arte contemporânea. Escreveram ideias quanto a objetivos, materiais, modalidades. Eles teriam uma semana para trazer a proposta de trabalho e montar, deixando exposto por alguns dias. Esse tempo foi estipulado, considerando que a greve por parte dos professores da rede federal já havia sido acordada em assembleia, sem tempo determinado para o retorno às aulas.

3.3.1.10 -*10ª Etapa: Exposição de uma proposta de um trabalho artístico contemporâneo*

A exposição dos trabalhos deles foi realizada no corredor do NACE – Núcleo de Artes Cultura e Eventos – local onde ocorrem as aulas da disciplina Artes e do curso Instrumento Musical. Minha postura foi a de não interferir ou sugerir, exceto no caso de solicitarem, pois considerei que eles já haviam tido a base ou o fundamento suficiente para a realização do trabalho.

Dos estudantes selecionados para participar da pesquisa, apenas **S** não compareceu. Foi realizado um trabalho artístico contemporâneo e um comentário, por escrito, explicando a intenção e justificando o porquê do trabalho ser considerado contemporâneo. Os trabalhos elaborados, assim como seus respectivos comentários, foram:

O: “Quatro obras foram propostas como arte contemporânea para exposição, sendo estas sem título. O trabalho realizado foi inspirado na artista italiana Virginia Azzurra Di Giorgio, que faz fotografias de suas obras, as quais são desenhos simples com materiais inusitados compondo e/ou complementando partes dos mesmos. Para acompanhar o trabalho de Virginia ou ter acesso a algumas fotos de seus trabalhos, segue o link: https://instagram.com/virgola_/. A primeira obra foi pensada para fazer uma crítica a grande massa sonora de má qualidade com a qual convivemos diariamente nas ruas, paradas de ônibus ou até mesmo em âmbito escolar. O desenho utiliza o algodão com notas musicais sobre ele para realização de uma colagem, o que mostra o fácil acesso dos materiais selecionados. Essas notas foram retiradas de uma partitura da “*Moonlight Sonate*” do compositor alemão Ludwig van Beethoven e a proposta feita a partir da obra é que as pessoas, independente de seus gostos musicais, também escutem músicas tranquilas e que trazem uma áurea à alma” (**O**).

Figura 22-Sem título. De **O.** Desenho com colagem.
Materiais diversos.2015

Fotografia: **O**

“A segunda obra foi realizada, talvez, como justificativa da primeira. Utilizando uma almofada guardada há muito tempo e que não havia mais utilidade, a colagem sugere o descanso e a tranquilidade que a música traz a vida dos seres humanos”. (**O**)

Figura 23- Sem título. De **O**. Desenhos com colagem.
Materiais diversos. 2015

Fotografia: **O**

"A terceira obra foi feita a título de homenagem a uma grande cantora de voz potente e belíssima que infelizmente se perdeu no mundo das drogas. A letra retrata uma história de resistência e superação da cantora, ideais esses que são cabíveis para um indivíduo. Devemos ter sempre força para mostrar que "*When I come back you'll know*", ou seja, quando nós nos reerguermos e voltarmos ao estado natural do nosso Ser, o mundo vai saber. A colagem foi feita a partir de pétalas de flores vermelhas encontradas no jardim de um prédio" (**O**).

Figura 24-Sem título. De **O.** Desenho com colagem. Materiais diversos. 2015

Fotografia: **O**

"A quarta e última obra foi a que teve mais influências da atriz italiana Virginia. O desenho de uma garota foi feito de forma simples, seria talvez o que chamamos de "bonecos de

tracinhos". A colagem foi feita com folhas de uma planta também encontradas no jardim de um prédio e, especialmente, este material foi escolhido porque com o tempo as folhas se ressecam e vão perdendo coloração, dando ideia da estação do ano outono". (**O**)

Figura 25-Sem título. De **O.** Desenho com colagem. Materiais diversos. 2015

Fotografia: **O**

"Essas obras se caracterizam como arte contemporânea, pois trabalham com diversas formas, texturas e planos e quebram com o padrão que antes era proposto pelos movimentos artísticos, em que se buscava o perfeito e o explicável. Agora, com o movimento contemporâneo, o artista tem mais liberdade de atuação e suas obras não precisam seguir nenhuma regra ou modelo, o que demanda a subjetividade dos trabalhos" (**O**).

A estudante buscou referências dentro do seu universo de vivências, conhecimento, preferência e gosto estético. O seu trabalho faz referência à obra de Virgínia di Giorgi, quanto a utilização de materiais incorporados ao desenho e a própria forma; à música de Beethoven e Amy Winehouse, respectivamente através da citação de notas de partitura e da letra de uma de suas músicas. A estudante menciona a liberdade de expressão com ausência de um modelo a seguir e "subjetividade dos trabalhos", como características da arte contemporânea. Tais características também estão presentes na arte modernista, porém considerando as respostas anteriores da estudante quando ela menciona a questão da interatividade do espectador diante da arte contemporânea , acredito que a estudante esteja se referindo de fato a arte contemporânea e não a moderna.

B: "Nome da obra: "Sem Medo da Chuva". Material: recortes de revistas (alguns com sobreposição de desenho), papel A4, espelhos e linha. A instalação "Sem medo da chuva" foi criada com intuito de mostrar meus diversos sentimentos. Folheando revistas de uma antiga coleção, percebi que havia muitas imagens que me representavam de uma certa forma - desenhos, fotos de filmes, de artistas, e algumas frases. Recortei e com desenhos, interferi em alguns que achei necessário, uns por não quer que fosse possível reconhecer a pessoa na foto, outros por estarem

incompletos para mim. Dividi a instalação em três partes. Na da frente existiam dois desenhos pendurados por linhas vermelhas que se completavam, e que definiam as minhas "diversas personalidades". Na do meio, era o local de auto reflexão para os observadores, e de autocrítica da minha parte – continha frases e imagens que se completavam numa linha cronológica de acontecimentos. E na parte de trás existia uma única linha vermelha onde continham as minhas "inspirações" – cantoras que são exemplos de mulheres e de artistas para mim. A linha vermelha foi inspirada no clipe "Teto de Vidro" da cantora Pitty, onde ela também usa uma linha vermelha para costurar as vivências da sua vida. A minha instalação pode ser considerada contemporânea pois para a obra ganhar significado precisa da interação com o público - os espelhos foram colocados de forma estratégica para refletir apenas os olhos"(**B**).

A estudante **B** optou por fazer uma instalação, modalidade típica da arte contemporânea. Ela utilizou materiais diversos encontrados no seu cotidiano. Em alguns recortes interferiu – termo que ela própria mencionou- com desenhos e buscou referência no clipe musical "Teto de Vidro", fazendo uso de uma linha vermelha, costurando suas vivências.

. Uma linha vermelha também compunha uma instalação – figura 42 - da "Mostra Nordeste de Artes Visuais", visitada pela estudante. Embora ela não tenha mencionado essa relação eu acredito que essa utilização da linha não fora mera coincidência, mas influência daquela obra neste trabalho. A estudante fala da relação interativa entre obra e público, dando sentido a obra e justifica com isso seu trabalho como sendo contemporâneo.

Figura 26-"Sem medo da chuva". Instalação de **B.**
Materiais diversos. 2015

Fotografia: **O**

Figura 27 -"Último recorte". De Jeanine Toledo. Instalação com fotos, placas de acrílico e fio de linha. 2009/2010.

Fotografia: a autora

Os estudantes **A** e **R** elaboraram trabalhos, porém não entregaram os respectivos comentários:

Figura 28 – "Memórias de um instrumento musical". De **A**. Objetos. 2015

Fotografia: **O**

A estudante **A** não escreveu com um comentário sobre o trabalho, mas falou que ele era composto por um violino infantil, quebrado e com peças soltas. Ele fora o primeiro que ganhara. Sua intenção foi expor as peças desse violino, inclusive nomeando-as, de modo que as pessoas passassem a conhece-lo por partes já que, segundo ela, muita gente desconhece isso.

Quanto ao estudante **R,** disse que seu trabalho é inspirado no surrealismo. Ele utilizou lápis grafite sobre papel.

Figura 29 – Sem título. De **R**. Desenho com grafite.2015

Fotografia: **O**

Dos trabalhos apresentados, os três primeiros – de **O**, **B** e **A**- fizeram uso de materiais/objetos diversos em sua composição, ação de quem se propõe a experimentar outras possibilidades diferentes daquelas obtidas através dos chamados materiais tradicionais. Esse ato de experimentação teve início já no modernismo e se estende na contemporaneidade. Entretanto, a forma de **A** apresentar os seus objetos foi muito didática, explícita e direta. Já no trabalho de **R,** cuja técnica é tradicional-desenho com lápis grafite- há uma subjetividade interessante a exemplo dos trabalhos de **O** e **B**.

Nessa etapa, antes da montagem dos trabalhos, elaboraram um conceito sobre arte contemporânea que será citado no tópico "Compreensão da arte contemporânea pelos estudantes do IFPB". Tal elaboração estava planejada para ser feita após a visita a 2ª exposição, porém devido a deflagração de greve antecipei, pois não sabia se teria a oportunidade de realizar nova visita. Nesse momento não houve tempo deles responderem às demais questões contidas no questionário e dei por encerrada minha coleta de dados. Entretanto retornamos após três meses, sendo possível dar continuidade e realizar a 2ª visita à exposição, conforme o planejado. Fato que relato a seguir.

3.3.1.11 - *11ª Etapa: Visita à 2ª exposição*

Visitamos as exposições “Ressignificar’ de Aída Martins e “Singularidades” de Célia Gondim. A exposição “Ressignificar” era composta por pinturas e assemblages. A artista apresentou matrizes bordadas com materiais descartados e seus respectivos desdobramentos coloridos feitos com giz de cera, caneta esferográfica, pastel ou acrílica, tendo como suporte papéis ou tela.

Figura 30 –“Bom dia meu amor”. Assemblage e Pintura de Aída Martins. Lacres sobre Tnt, esferográfica, giz de cera sobre papel. 2015

Fotografia: a pesquisadora

Quanto a “Singularidades” de Célia Gondim, a exposição apresentava temas sobre o cotidiano através de pintura naif – termo que constava na exposição- com colagem, tendo como suportes tela e papelão, tinha bordados em bastidores, cuja linguagem era simples e explícita.

Figura 31 –“Menina com coruja”. De Célia Gondim
Técnica mista: papel de revista e tinta acrílica sobre papelão

Fotografia: a pesquisadora

Figura 32 –“Em cada 10 capturados 1 sobrevive”.
De Célia Gondim. Bordado em bastidor, 2015

Fotografia: a pesquisadora

Para essa visita não havia educadores para a mediação. Atrasamos 30 minutos em decorrência do atraso de uma estudante, de modo que o mediador designado para mediar a visita precisou atender um público que ali chegara, antes de nós. Realmente nesse dia percebi a presença de um contingente maior por lá. Isso nos foi informado pelo educador responsável por ministrar a oficina de flauta que também afirmou a existência de poucos monitores para a demanda de público. Como já tínhamos participado dessa oficina, decidimos aproveitar o tempo disponível apenas em visita às exposições. Naquela ocasião fui eu a mediadora: orientei para que observassem as obras, fizessem seus registros fotográficos e após isso, para finalizar a visita nos sentamos em círculo para colocar em comum as impressões, opiniões, dúvidas, etc. Demonstraram satisfação, como geralmente acontece, ao visitarem mais uma vez um espaço expositivo. A estudante **O** comentou que fora a primeira vez que vira em uma exposição o bordado, fato que a fez lembrar da avó que executa essa técnica. Comentei que quando criança tive uma experiência com bordado: uma vizinha emendava sacos de açúcar, formando uma colcha onde riscava desenhos, geralmente flores e folhas, e nos convidava, eu e minha irmã, para nos ensinar a bordar. Sentávamos no chão, cada qual em uma ponta. “Ponto atrás” era o ponto. O estudante **R** mencionou que achou muito interessante o efeito abstrato obtido, partindo das matrizes com objetos variados. Esses foram os ganchos para falar de conceitos como apropriação pelo uso de objetos e assemblage, termo que aparece na fala da estudante **B**, quando menciona o que aprendeu com essa exposição. Ali propus como desdobramento daquela visita a realização de xilogravuras.

3.3.1.12 – *12ª Etapa: Desdobramento da visita na escola*

Propus que realizassem xilogravura porque, além de estar presente em uma das últimas exposições - “Ressignificar” – os estudantes ainda não tinham experimentado essa técnica. É notório também que a arte contemporânea dialoga com a arte do passado, incorporando técnicas e

procedimentos. Podemos constatar isso nessa exposição pelas matrizes e bordados. Daí a importância de experimentarem essa técnica que é milenar na história da arte. A gravação foi feita com estilete sobre restos de madeira recolhidos na sala de oficina da marcenaria do IFPB/Campus João Pessoa. O tema é relacionado à cultura afro, pois estávamos em novembro, mês em que se comemora o dia da consciência negra, previsto no calendário acadêmico do Instituto. Os trabalhos foram expostos na Semana de Artes, Esporte e Cultura, evento que ocorre todo ano naquele Campus

Figura 33 –"Estudantes em oficina de xilogravura"

Fotografia: a pesquisadora

Participaram dessa atividade os estudantes O, B, R e S. O estudante **S** não compareceu no dia da visita ao Estação Ciências, mas viu na sala de aula as imagens das obras em exposição naquele museu.

Figura 34 - Xilogravuras dos estudantes

Fotografia: a pesquisadora

Figura 35 - Xilogravuras de **S**

Fotografia: a pesquisadora

Figura 36 - Xilogravuras de **B**

Fotografia: a pesquisador

Figura 38 - Xilogravuras de **R**

Fotografia: a pesquisadora

Figura 39 - Xilogravuras de **O**

Fotografia: a pesquisadora

À xilogravura, como referência às matrizes da exposição "Ressignificar", somou-se o tema afro, relacionando assim os conteúdos do museu e escola, possibilitando uma aprendizagem de qualidade na medida em que o estudante não vê a atividade fechada em si mesma ou isolada de um contexto maior.

Essa última visita às exposições foi um instrumento que gerou conhecimento teórico e prático, sendo mais uma oportunidade de estarem novamente em contato direto com as obras, enriquecendo o repertório cultural e ampliando a capacidade crítica e de argumentação.

3.3.1.13 - *13ª Etapa: Aplicação de questionário*

Como etapa final de todo esse processo foi aplicado um questionário aos estudantes visando estabelecer uma comparação entre seu conhecimento preliminar à ação e após. No tópico seguinte descrevo e analiso as respostas do referido questionário assim como o conceito sobre arte contemporânea no início da ação, na 10ª etapa e no final após a 2ª visita à exposição. Abordo também sobre o gosto deles sobre essa arte na avaliação preliminar e no final do processo.

Segundo a concepção dos estudantes, o que a eles foi acrescentado em termos de conhecimento e qual seria a contribuição da escola IFPB e do espaço expositivo Estação Ciências nesse processo educativo?

3.3.2 - Compreensão da arte contemporânea pelos estudantes e as contribuições do IFPB e do Estação Cabo Branco Ciências, Cultura e Artes

Mencionarei inicialmente algumas questões e respectivas respostas que nos apontam, na visão dos estudantes, as contribuições dadas pela escola IFPB e espaço expositivo Estação Ciências

nesse processo. Após isso apresento o conceito e gosto dos estudantes pela arte contemporânea. “Mas o objetivo não é verificar o crescimento na compreensão da arte contemporânea? Gosto é muito relativo e fluido”, alguém poderia me questionar. Entretanto, respondo que considero o gosto relacionado diretamente à compreensão. Geralmente não se gosta daquilo que não se conhece. E mais: não se pode afirmar que se gosta de algo que lhe é desconhecido.

Vamos, então, às contribuições do IFPB e do Estação Cabo Branco Ciências, Cultura e Artes a partir das questões:

- Que conhecimentos lhes foram acrescentados sobre arte contemporânea no IFPB?

Estudante **O**: “As aulas teóricas sobre arte contemporânea proporcionaram ótima base para um posterior entendimento mais concreto do que a mesma representa, mas foram as aulas práticas que realmente acrescentaram conhecimentos e experiências individuais sobre este tipo de arte, pois nos vimos diante em um campo de liberdade tão grande para realizar alguma obra que podemos observar a tamanha diferença e especificidade entre os trabalhos apresentados pelos alunos”.

Estudante **B**: “Todos. Não entendia a arte contemporânea, e no IFPB pude aprender um pouco mais sobre essa arte”.

Estudante **R**: “Técnica e criação”.

Estudante **A**: “Vários, antes eu não sabia exatamente como definir o conceito de arte contemporânea e agora está bem claro para mim”.

Estudante **S**: “Não muitos, pois eu já gostava muito de arte contemporânea, então sabia algumas coisas que foram vistas nas aulas, mas as aulas foram de extrema importância, me fez conhecer mais artistas contemporâneos”.

- Que conhecimentos lhes foram acrescentados sobre arte contemporânea na Estação Cabo Branco Ciências, Cultura e Artes?

Estudante **O**: “O ponto que me proporcionou um diferencial diante do que já havíamos estudado foi o trabalho de bordado realizado nos bastidores, pois não havíamos visto isso antes em classe como também pessoalmente eu não havia visto em outras pesquisas outrora realizadas”.

Estudante **B**: “Com as exposições pude entender melhor tudo o que tinha estudado dentro da sala de aula”.

Estudante **R**: “Conheci novas obras e formas de representação”.

Estudante **A**: “Eu pude relacionar mais claramente a teoria dessa arte com a prática”.

Estudante **S**: “Não fui às exposições”.

- Que exposições você visitou? O que aprendeu através dessas visitas? A arte contemporânea foi apresentada através de quais modalidades?

Estudante **O**: “Dentro das atividades propostas, na Estação Ciência, Cultura e Artes visitei a exposição *“Ressignificar”* da artista Aída Martins Assis e a exposição *“Singularidades”* da artista Célia Gondim”. Ressignificar: A artista nos remeteu a uma ideia de conscientização no que diz respeito a reutilização de determinados artefatos os quais julgamos inúteis depois que perdem sua real função, como por exemplo, lacres de garrafa pet, aros de sutiã, fuxico, missangas e folhas riscadas. Estes últimos foram reorganizados e transformados em arte com texturas variadas. No caso dos lacres de garrafa pet uma observação que pode ser feita é que vistos de longe, pareciam pinturas, ao menos à minha visão. Singularidades: As obras de Célia Gondim foram as minhas favoritas, pois apresentavam em alguns quadros um aspecto mais lúdico e em outros um aspecto mais reflexivo. As principais características foram quadros feitos em papelão a partir de colagens e pinturas de pessoas com um formato abstrato, utilizando as vezes uma só linha para fazer nariz e sobrancelhas, como também apresentando um contorno preto ao redor de toda a imagem; e quadros feitos em bastidores de costura a partir de bordados que possuem por tema a natureza e a preservação da mesma”. Modalidades: ” Instalação, fotografias, pinturas, vídeos, colagens e bordados”.

Estudante **B**: “Uma de pintura naif, "Singularidades", uma com a reutilização de materiais recicláveis, "Resignificar". Com "Resignificar" aprendi sobre a arte da assemblagem e vi como qualquer tipo de material pode se transformar em molde para várias outras obras. Modalidades: “Não sei”.

Estudante **R**: “Lembro-me de outras exposições cujo nome se perdeu, tal como as abstrações na entrada da Estação das Artes e as exposições de nossa primeira visita. Conheci novos tipos de representação”. Modalidades: “ Pintura, fotografia, desenho, bordado, instalação”.

Estudante **A**: “Visitei uma exposição na estação ciência de arte contemporânea na qual teve um guia, e uma atividade musical no final. Aprendi como identificar algumas artes contemporâneas diferentes e que na maioria delas a sua interpretação ou o que você sente vendo-as é o mais importante e não só o objetivo específico do artista que as fez”. Modalidades: “ Pintura, fotografia, esculturas diversas e escritas”.

Estudante **S**: “Nenhuma. Não aprendi nada nas visitas por não ter participado de nenhuma, mas aprendi bastante na aula”.

- O que achou da ação do educador que nos acompanhou à exposição? Na última exposição o educador do museu não nos acompanhou. Essa ausência prejudicou a visita?

Estudante **O**: “Nas outras exposições que fomos que tivemos o auxílio do educador a experiência foi bastante proveitosa, pois ampliou a nossa observação das obras além das plaquinhas

que indicam o nome do artista autor e o nome da obra, ou seja, pudemos entender um contexto mais geral e somar isso (ou não) às nossas percepções individuais. A ausência do educador na última exposição não prejudicou a visita, pois já tínhamos maiores parâmetros e conhecimento mais minucioso para entender os contextos representados nas obras e também como elas foram feitas, de forma que ao chegar à exposição já identificamos características presentes que havíamos estudado em sala de aula e também através de uma busca individual".

Estudante **B**: "A professora que nos acompanhou foi essencial para o melhor entendimento das exposições, pois nessas últimas, não havia uma guia nos acompanhando. Para as exposições que nós visitamos, não era necessária a presença de um educador, de um guia, pois em todas as exposições continham pequenas explicações do artista".

Estudante **R**: "Infelizmente não me recordo. A ausência não prejudicou".

Estudante **A**: "Na exposição que eu fui eu gostei, ele deu informações sobre algumas obras e outro fez uma atividade legal com flautas. Na última exposição não fui".

Estudante **S**: "Não fui às exposições".

A fala de S aponta para a importância da mediação do professor em sala de aula assim como as falas de O e B que além disso, valorizam também as "plaquinhas" onde "continham pequenas explicações do artista". A estudante A atribui importância a ação do educador.

Notem que os estudantes, em sua maioria, demonstraram necessidade de mediação realizada através do professor e museu, personificado pelo educador ou fazendo uso de textos informativos.

- Tem mais considerações a falar sobre o processo que experimentou, no museu e IFPB, acerca de arte contemporânea? Quais?

Estudante **O**: "O processo como um todo me aproximou mais da arte contemporânea, considerando que a minha experiência em outras escolas não foi de aprofundamento neste tópico. As exposições nos deram a oportunidade de estar realmente dentro desse cenário com a oportunidade de saber o que se produz atualmente no Brasil e a partir disso aprofundar e instigar outras pesquisas pessoais.

Estudante **B**: "Não".

Estudante **R**: "Sim, gostaria que tivéssemos mais aulas focadas no processo de criação, como as de xilogravura que tivemos".

Estudante **A**: "Gostaria de ir a mais exposições de arte contemporânea, talvez de um artista só com algum tema envolvido. Achei muito interessante pois utiliza de tecnologia também, fui a uns anos atrás a outra exposição de tecnologia e arte e gostei muito, pois podia interagir com

as obras. Acho que a arte contemporânea dá espaço para a criatividade e é bem atual, sendo assim muito interessante para as pessoas".

Estudante **S**: "No museu não tenho nenhuma consideração, mas no IFPB sim. Na sala de aula fizemos atividades que ajudaram no entendimento da arte contemporânea, assistimos vídeos sobre o tema. Foi bem interessante e deu pra agregar bastante conhecimento".

Na concepção dos estudantes a ação do museu e da escola foram importantes para esse processo de aprendizagem sobre a arte contemporânea. Na mediação ocorrida na escola foram citados os vídeos e as aulas, enquanto no museu mencionaram-se as exposições, a presença do educador e as "plaquinhas" onde continham informações, possibilitando uma certa intermediação entre a obra e o público.

3.3.2.1 - *Conceito e gosto pela arte contemporânea*

Respostas da estudante **O:**

Conceito preliminar: "Movimento que ocorreu próximo a Segunda Guerra Mundial, como introdução da arte moderna[...] Os artistas queriam revelar as verdades do inconsciente". **Gosto pela arte contemporânea**: " Sim, pois os artistas procuram expressar o seu interior sem se preocupar com a aceitação..."

Conceito na 10ª etapa (exposição dos estudantes): "A arte contemporânea é constituída não mais necessariamente de algo novo. Ela se caracteriza principalmente pela liberdade de atuação do artista que não tem mais compromissos institucionais que o limitem. Os artistas passam a questionar a própria linguagem artística, utilizando variados recursos materiais que podem até usar o próprio ambiente, podendo ser instalação, intervenção, performance ou happening. A arte contemporânea tem amplo campo de atuação, pois não trabalha apenas com objetos concretos e sim com conceitos e atitudes".

Complementação do conceito na 12ª etapa (final da ação): "a arte contemporânea se caracteriza principalmente pela liberdade de atuação do artista, que não tem mais compromissos institucionais que o limitem, portanto pode exercer seu trabalho sem se preocupar em imprimir nas suas obras um determinado cunho religioso ou político. Este tipo de arte pode utilizar texturas, colagens, pinturas, fotografia e até mesmo o próprio ambiente para concretizar uma obra. O ponto que eu poderia acrescentar é a utilização do bordado, pois não havia pensado nisso antes tampouco visto em alguma obra. **Gosto pela arte contemporânea**: "Sim. A possibilidade de liberdade e a variedade de utensílios que a arte contemporânea oferece ao artista passa exatamente esta mesma sensação ao público: sem restrições".

A estudante **O** participou de todas as etapas e se menciono tal fato é porque isso reflete diretamente no processo de aprendizagem.

No conhecimento prévio a cronologia está equivocada, pois a arte contemporânea surge após a 2ª guerra, consolidando-se a partir da década de 1960 e não surgiu introduzindo a arte moderna. No conceito elaborado na fase preliminar são citadas características referentes ao Surrealismo, embora a arte contemporânea possa apresentar esses aspectos, pois busca referências na história, estes não a definem como tal. Já no conceito elaborado na 10ª etapa verifica-se que ela conseguiu ampliar sua compreensão acerca dessa arte quando cita a liberdade intrínseca à arte, a utilização de recursos materiais variados, a inclusão do ambiente na composição de modalidades contemporâneas, que também são citadas. Além disso, em sua fala é mencionado o campo amplo dessa arte ao trabalhar também com "conceitos e atitudes".

Na complementação do conceito ela reforça o aspecto da liberdade, menciona novamente o ambiente como elemento compositivo da obra e cita técnicas utilizadas, inclusive o bordado, como sendo uma novidade antes não vista por ela em arte.

Afirma gostar de arte contemporânea e justifica citando a liberdade como fator. Isso foi citado na fase preliminar e final.

Respostas da estudante **B:**

Conceito preliminar: Não soube definir.

Gosto pela arte contemporânea: **"**Não sei dizer", afirmou.

Conceito na 10ª etapa: "É um tipo de arte que se apropria de coisas incomuns dentro da arte tradicional, exemplo: objetos incorporados num desenho. Ou quando objetos comuns são utilizados como obras de arte, mas inseridos em outro contexto, com uma nova visão, exemplo o mictório. Existem várias formas da arte contemporânea ser apresentada, mas o que mais me chamou a atenção são as instalações e intervenções, essas feitas com peças que saem do plano (3D), que é possível uma interação com o público e integração com as coisas já existentes no local da exposição".

Complementação do conceito após a 2ª visita à exposição (final da ação): "A arte contemporânea, além de fugir das normas da arte clássica, o artista utiliza suas obras como reflexo da suas ideologias e da sua identidade pessoal, trazendo para dentro delas coisas do cotidiano. Objetos que antes eram vistos apenas como objetos ganham uma nova visão, novas formas e significados. **Gosto pela arte contemporânea:** "Sim. Pois ativa meu senso criativo e minha imaginação."

A estudante **B** assim como **O**, participou de todas etapas. Não definiu, na etapa preliminar, o conceito de arte contemporânea e não soube dizer se gostava de arte contemporânea.

No percurso do processo quando é solicitada a elaborar um conceito sobre arte contemporânea ela a define apontando algumas de suas características: a incorporação de objetos à outras modalidades, como o desenho e sua inserção num contexto diferente daquele para o qual foi criado, com uma nova visão. E cita o mictório, numa referência a " Fonte" de Duchamp. Não é uma obra contemporânea, considerando a época em que foi criada, mas trata-se de uma experiência precursora importante. Menciona o fato dessa arte ser apresentada de várias formas, citando as que chamaram-lhe mais atenção: instalações e intervenções. Inclusive lembro aqui que uma instalação foi seu trabalho artístico para a exposição. Além disso menciona a questão da interação dessa arte com o público e sua integração ao ambiente onde é montada e exposta. E no final, complementando seu conceito, fala da liberdade do artista, tomando como parâmetro a arte clássica, que não se prende a regras, mas expõe através das obras " suas ideologias e da sua identidade pessoal, trazendo para dentro delas coisas do cotidiano".

E quanto ao gosto? **B** gosta de arte contemporânea? "Sim. Pois ativa meu senso criativo e minha imaginação". Confesso que essa foi a frase que mais me emocionou nesse processo ao compará-la com "não sei dizer", da etapa inicial, pois só é possível gostar (ou não) daquilo que se conhece e a estudante demonstrou que assimilou conhecimento sobre arte contemporânea, ao ponto de ser capaz responder e justificar sobre seu gosto.

Respostas do estudante **R:**

O estudante **R** participou de 10 etapas, entre as 13 desenvolvidas. No conceito da etapa preliminar menciona sua dificuldade em diferenciar a arte moderna da contemporânea e cita a

utilização, nesta última, de recursos eletrônicos como uma diferença entre elas. Já no conceito elaborado na 10ª etapa ele acrescenta um argumento novo: fala da construção da obra a partir de uma relação de interação onde objetos ganham novo significado, podendo se constituir numa arte engajada e de cunho político. Seus argumentos quanto ao gosto pela arte contemporânea mudou, ou seja, se antes ele afirmou não gostar de artes plásticas, agora ele argumenta que depende da modalidade a qual pertença e "particularidades da obra". Isso revela um despertar crítico, pois não dá para generalizar: cada obra e cada artista trazem em si suas especificidades.

Na complementação do conceito, não acrescentou mais argumentos. Embora pudesse ter avançado mais no seu conceito, citando outras características inerentes à arte contemporânea, o estudante acrescentou elementos que indicam ampliação de seu conhecimento acerca dessa arte.

Respostas da estudante **A:**

Conceito preliminar: " arte contemporânea não segue um padrão certo e pode utilizar de objetos como metais e etc e o objetivo é despertar alguma interpretação da sociedade atual. **Gosto pela arte contemporânea:** "Sim, acho bem diferente e algumas criticam a sociedade atual".

Conceito na 10ª etapa: "Arte atual que busca representar o cotidiano de forma livre e pouco convencional. A arte contemporânea não segue um padrão, estilo. O artista é livre para expressar-se usando formas, texturas e planos diferentes. Além disso, mesmo que o artista procure dar um significado a obra, o observador da obra pode encontrar outro por si só."

Complementação do conceito após a 2ª visita à exposição (final da ação): "A arte contemporânea pode ser bem abstrata e vir de várias formas diferentes, seu objetivo não é ter apenas um significado, mas que o observador tire várias conclusões em relação a ela. Não existe uma técnica específica de serem feitas, o artista tem livre escolha dos materiais que quer usar e como quer usa-los, a visão do artista sobre a obra, embora importante, não é o proposito principal e sim a do publico. Pode tratar o cotidiano de forma abstrata ou se tratar de algum acontecimento pessoal do artista. É subjetiva." **Gosto pela arte contemporânea:** "Gosto, acho que é uma arte que todos podem apreciar bem por não ter que ter algum conhecimento sobre o artista nem o contexto em que foi feita. Trata-se mais da sua visão sobre a arte.

A estudante **A**, participou de oito etapas entre as 13 desenvolvidas. No conceito elaborado na etapa preliminar, fala de uma arte que não segue padrões e utiliza materiais em sua composição, tendo como objetivo "despertar uma interpretação da sociedade atual" e logo a seguir

em seu argumento sobre o gosto, ela afirma gostar dessa arte por ser diferente e algumas fazerem críticas à sociedade. Na elaboração do conceito sobre arte contemporânea, reforça a questão da liberdade e traz elementos novos no seu argumento: o artista utiliza diferentes "formas, texturas e planos"; faz referência ao cotidiano; a obra pode ter outro significado atribuído pelo observador e diferente daquele intencionado pelo artista.

Nessa etapa justifica seu gosto por essa arte por considerar sua leitura acessível a todos, independente do conhecimento que se tenha sobre ela. Será mesmo assim? E por que tanta rejeição a essa arte? Quanto ao conhecimento e contextualização, seriam irrelevantes? É notório, como afirma Umberto Eco, "que a arte seja um modo de estruturar certo material (entendendo-se por material a própria personalidade do artista, a história, uma linguagem, uma tradição, um tema específico, uma hipótese formal, um mundo ideológico)" (ECO, 2012, p.33) e quando ignoro tais aspectos, fechando-me no que acho, eu deixo de conhecer algo mais e não amplio meus referenciais e consequentemente minha percepção, sensibilidade e poder de argumentação. Lembro aqui Vygotsky quando este afirma que é na presença do outro que o homem se constrói (VYGOTSKY apud FERRARI, 2003).

No conceito da etapa final a estudante acrescenta o caráter subjetivo e abstrato de uma obra contemporânea e reforça a questão da liberdade a ela intrínseca, se referindo a escolha, pelo artista, de materiais e técnicas. A estudante **A**, ao apresentar novos elementos a sua argumentação, demonstra que passou a entender mais essa arte.

Respostas do estudante **S:**

Conceito preliminar: "Nela o artista é mais livre para fazer o que quer, sem ter que seguir regras". **Gosto pela arte contemporânea:** "Sim, porque eu gosto dessa ideia de liberdade para com o artista. Essa liberdade deixa a arte fluir mais".

Conceito na 10ª etapa: Não elaborou pois não participou dessa etapa.

Complementação do conceito após a 2ª visita à exposição (final da ação): "Não tenho nada, a acrescentar, tudo já foi discutido na sala de aula". **Gosto pela arte contemporânea**: "Sim, gosto muito. O que me fascina na arte contemporânea é a liberdade que o artista tem e também a não monotonia das obras. As obras sempre chamam muito a atenção do público, pois são muito peculiares".

O estudante **S** participou de 8 entre as 13 etapas desenvolvidas, sendo o mais ausente em relação aos demais, inclusive não compareceu às duas visitas ao Estação Ciências. No conceito elaborado na fase preliminar cita a liberdade que o artista tem ao fazer essa arte sem ter que seguir regras. Na argumentação do seu gosto por essa arte justifica citando novamente a liberdade. As argumentações de **S** não demonstram ou indicam avanço na sua compreensão sobre arte contemporânea por não apresentar novos elementos que a caracterizem como tal, embora o estudante tenha afirmado "na sala de aula fizemos atividades que ajudaram no entendimento da arte contemporânea, assistimos vídeos sobre o tema. Foi bem interessante e deu pra agregar bastante conhecimento".

Portanto, ao analisar as respostas dos estudantes, verifica-se que todos, exceto **S**, demonstraram um avanço na compreensão sobre arte contemporânea ao acrescentar mais argumentos sobre essa arte, caracterizando-a como tal. Esse fato contraria o argumento de Canclini (2012) quando afirma que a educação escolar e a universitária não proporcionam ao público as informações especializadas sobre obras contemporâneas. Esse estudo mostra que é possível (re) pensar o papel da escola e dos espaços culturais na educação do olhar e aprimoramento dos sentidos. O avanço dos estudantes em relação a arte contemporânea é um fato que aponta para a importância da educação formal e não formal, numa relação de reciprocidade e complementação, onde cada um participa do processo educativo conforme a sua especificidade e competência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Um dos belos problemas que me estimulou a superação foi tornar o escrever fácil: comecei com uma letra maiúscula, terminei com um ponto final e no meio coloquei ideias, tentando explicar de modo simples o que entendi bem. (Conforme Nietzsche, Pablo Neruda e Albert Einstein).

Este trabalho ao chegar nesta etapa, considero-o como "final" (com aspas) e assim o será sempre, pois basta um olhar sobre as linhas já escritas para começar a deletar, substituir palavras, formatar, etc. Imagine, então, daqui a meses ou anos? A ele, no mínimo, novos autores serão agregados. Somos seres em constante mutação, transformação e formados pelo conhecimento que vamos adquirindo através das relações que estabelecemos com os outros e com o mundo. Essa produção realizada num contexto às vezes adverso, mais do que uma extensão de mim, é o resultado do que pude absorver dessas relações.

Nesse processo de busca e construção contínua do conhecimento, tentando superar minhas limitações, mesmo nos momentos de solidão, nunca estive só. O que processei nestes momentos a "sós" resulta de imediato, da minha interação com o curso de pós-graduação, nas pessoas dos professores- em especial minha orientadora-e colegas; interação na escola com os estudantes e no espaço expositivo Estação Ciências nas pessoas do educador e coordenadora do setor educativo. Isso sem mencionar outras pessoas com as quais mantive contato durante esse processo e que deram sua contribuição. Esse pensamento e sentimento de pertencer a uma rede de relações, de estar conectada de modo a influenciar e ser influenciada, me faz lembrar mais uma vez do grande educador Paulo Freire quando diz que "ninguém educa ninguém; ninguém se educa sozinho; os homens se educam em comunhão" (FREIRE, 2013, p.69). E relembrando esse percurso, tinha como meta e intenção inicial investigar apenas a contribuição do Estação Ciências para a compreensão dos estudantes acerca da arte contemporânea, entretanto foi através da experiência preliminar, relatada no corpo desse trabalho, que senti um certo desconforto e incômodo, pois me vi delegando a outros uma responsabilidade que também era minha. Compreendi que não havia sentido em ficar fora desse processo e o projeto inicial tomou outro rumo, outro norte: virou uma pesquisa ação.

A experiência preliminar possibilitou-me essa tomada de decisão e a oportunidade de estabelecer mais um contato com aquele espaço expositivo, pois já estivera lá diversas vezes com estudantes de outras instituições de ensino, porém desta vez tinha um diferencial: fui com um olhar não apenas de professora, mas também de pesquisadora. Oportunidade importante que me fez refletir que museu e outros espaços expositivos devem ser abertos a mostra de criações não apenas de artistas de renome ou tidos como profissionais, mas devem ser amplos no sentido de contemplar

trabalhos de estudantes sejam eles de arte, como foi o caso, ou de qualquer curso e nível escolar. Esse é um aspecto que pode estreitar mais a relação entre um museu/espaço expositivo e a comunidade entorno, especificamente a escolar. E minha reflexão se estende no sentido de pensar projetos onde a minha participação em relação àquela instituição vá além do visitar as exposições e participar das oficinas por ela oferecidas. Projetos de mostrar naquele espaço o que não apenas eu, mas os professores de artes visuais do IFPB, campus João Pessoa, estamos produzindo em sala de aula, quer seja ou não, trabalhos a partir das exposições. Isso seria uma forma de dar um retorno àquela instituição e de contribuir para o fortalecimento de uma parceria onde a relação de reciprocidade é fundamental no processo de aprendizagem. Além disso, ultrapassando dessa maneira os muros da escola através daquele espaço onde se recebe um grande público direcionado a ver e apreciar arte, estaria proporcionando para o estudante um ensino mais conectado à realidade do entorno e, portanto, mais significativo.

E em se tratando de aprendizagem significativa, eu atribuo esse carácter a essa experiência desenvolvida acerca da arte contemporânea. Concreta e especificamente chamo de significativa a experiência que amplia o conhecimento, promove o interesse, possibilita articulação com referenciais pessoais, instiga à reflexão, pesquisa, criação e interfere no gosto, no valor e nas atitudes. Essa arte já traz em seu bojo a possibilidade de aguçar uma aprendizagem assim. Quando falo de aprendizagem me refiro não apenas àquela relacionada aos estudantes, mas também a minha. Muito mais que teoria, aprendi e estou aprendendo a derrubar a barreira do preconceito. No ensino fundamental II onde exerci minha docência por 20 anos, salvo uma experiência – relatada na página 43 - não abordava arte contemporânea para esse segmento, por não conhecê-la o suficiente e principalmente por não aceitar como arte determinadas “estranhezas”. Desenvolver uma pesquisa acerca da arte contemporânea foi um desafio e ao mesmo tempo uma necessidade que me impus como profissional. E a experiência está sendo valiosa. Acredito que para todos aqueles que dela participaram. Continuaremos a viver um processo de contínua busca e aprendizagem, pois não existe lugar e hora marcados para depararmos com a arte contemporânea; a qualquer instante, quando menos esperar teremos esse encontro, porém ela não passará por nós de forma desapercebida ou estranha. Temos muito o que aprender, é verdade, estamos em construção, mas um caminho já foi percorrido e isso já faz em nós uma grande diferença.

Considero este estudo importante especialmente para os professores por abordar o tema da relação museu/espaço expositivo e escola, onde a arte contemporânea é vista e trabalhada nestes espaços conforme a especificidade de cada um. A este trabalho “final” soma-se às pesquisas existentes dentro dessa temática, podendo indicar ou suscitar outras que virão a agregar mais conhecimento e por conseguinte, ampliar esta discursão.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, V. P. de. O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. 2008. 97 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2008. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/86980. Acesso em 22/10/2015.

ARCHER, M. Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAY, D. M. D. Museu e Escola: um diálogo possível.2012. Artigo. Disponível em artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/. Acesso em 12/11/2015.

BARBOSA, A. M.. Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2008

_____ A. M. Ensino da Arte: Memória e História. São Paulo: Perspectiva,2011.

_____ A Imagem no Ensino da Arte. Editora Perspectiva,1999.

_____ Arte-Educação no Brasil. Artigo. 1989. Disponível em www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf. Acesso em 31/01/2015.

_____ COUTINHO, R. G.; SALES, H. M. Artes Visuais da exposição à sala de aula. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005

_____ COUTINHO, R. G. Estratégias de mediação e a abordagem Triangular. Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOSA, M. H. R. Arte/educação em museus: abordagens contemporâneas. Artigo. 2011 Disponível em http://ppgav.ceart.udesc.br/ciclo6/artigo18.pdf. Acesso em 26/02/2016.

BIGI, S. e STRECKER, M. G. Sentenças sobre arte conceitual. Disponível em http: //www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/2852,1.shl. Acesso em 02/05/2015.

BOURRIAUD, N. Estética Relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CANCLINI, N. G. A Sociedade sem relato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

CHANDA, J. Teoria crítica em história da arte: novas opções para a prática de Arte-Educação in

BARBOSA, Ana Mae (org) Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005

CHIOVATTO, M. O professor mediador. Artigo. 2012 Disponível em http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69320. Acesso em 17/0/2016.

CHIARELLI, T. Considerações breves sobre a arte contemporânea e o papel das instituições. Revista continuum. Março/abril 2009. Disponível em http://novo.itaucultural.org.br/materiacontinuum/marco-abril-2009-consideracoes-breves-sobre-a-arte-contemporanea-e-o-papel-das-instituicoes/. Acesso em 11/06/2015.

COCCHIARALE, F. Quem tem medo de arte contemporânea. Recife. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.

COUTINHO, R. G. Questões sobre a formação de mediadores culturais. Revista ANPAP,2009. Disponível em http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/rejane_galvao_coutinho.pdf. Acesso em 11/02/2015

_____R. Questões sobre mediação e educação patrimonial. Artigo. 2011. Disponível em http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/rejane_galvao_coutinho.pdf . Acesso em 19/09/20015

_____R.; NAKASHATO, G.; LIA, C.; ARANTES, T. Mediação Cultural: Uma estratégia performática para a exposição Yoko Ono. Artigo. 2008. Disponível em anpap.org.br/anais/2008/artigos/126.pdf. Acesso em 16/02/2016.

DANTAS, M. Catálogo da exposição “ Ciclo-Criar com o que temos”. Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). 2014.

DARRAS, B. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. In BARBOSA, A. M. (org.). Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais. São Paulo: Cortez, 2009.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? Revista Digital de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação do CETAC, Lisboa, n. 4, 2007. Disponível em: <http://revistas.uq.pt/index.php/prismacom/issue/view/N.%C2%BA%204. Acesso em 14/12/2015.

Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em 20/01/2015

De FUSCO, R. História da Arte Contemporânea. São Paulo: Presença. 1988.

ECO, H. Obra aberta. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FAVARETTO, C. F. Transformar a arte, mudar a vida. Artigo disponível em piwik.seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/2602/2255.Acesso em 11/02/2015.

FERRARI, M. Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social. Artigo disponível em http://revistaescola.abril.com.br/formacao/lev-vygotsky-teorico-423354.shtml?page=1 . Acesso em 20/10/2015.

FREIRE. P. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

_____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, C. Arte Conceitual. Rio de Janeiro. Zahar, 2006.

GRAEBIN, C. M. G. e PAZ, F. R. O museu e a escola: uma experiência de ensino. 2012. Disponível em file: ///C:/Users/Particular/Downloads/16115-74547-1-PB.pdf . Acesso em 13/02/2015

GHIRALDELLI, P. "Macaquinhos" – performance para falar de ânus, mesmo? Disponível em www http://ghiraldelli.pro.br/macaquinhos/ . Acesso em 30/11/2015.

GOHN, M. da G.,Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2006.

_____,Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. 1996. Disponível em www.http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/30405.pdf. Acesso em 13/02/2015.

GOHN,G. O ensino da arte contemporânea possibilitando mudanças nos modos de percepção da arte". 2009. Artigo Disponível em https://www.google.com.br/#q=Greice+Gohn+%E2%80%93+%E2%80%9CO+ensino+da+arte+contempor%C3%A2nea+possibilitando+mudan%C3%A7as+nos+modos+de+percep%C3%A7%C3%A3o+da+arte%E2%80%9. Acesso em 22/01/2015

GRINSPUM, D. Museu e escola-Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. Artigo 2012. Disponível in tp://artenaescola.org.br/salhta- de-leitura/artigos/artigo.php?id=69311 acesso em 16/09/2015.

_____,D. Educação para o Patrimônio: Museu e escola – Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. São Paulo: s.n., 2000. Tese de doutorado – Faculdade de educação /Universidade de São Paulo.

HIRSZMAN, M. A relevância de Lygia Clark. Artigo. 2014. Disponível em www.revista pesquisa.fapesp.br/2014/07/15/ relevânciadelygiaclark. Acesso em 13/02/2015.

HONORATO, C. Mediação para a autonomia? Artigo. 2012. Disponível em cayohonorato.weebly.com/uploads/8/4/7/3/.../texto_oifuturo_final.pdf. Acessado em 12/02/2015

_____C. Status e funções da mediação educacional da arte. Artigo 2012. Disponível emwww.forumpermanente.org › Eventos › Exposições › Documenta 12. Acessado em 12/02/2015.

_____. C. Arte para o público: Comédia ou Tragédia da mediação. Artigo. 2010. Disponível em http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/cayo_honorato.pdf
Acesso em 31/03/2015.

Isso é arte? Direção: Geraldo Santos. Intérprete: Celso Favaretto. São Paulo: Itaú Cultural, 1999. DVD (12'). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=KqZgBlBFs70. Acesso em 15/05/2015.

Lei 11.892/08 de 29 de dezembro de 2008 Disponível em http:// www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11892-29-dezembro-2008-585085-norma-pl.html . Acesso em 20/01/2015

LAVILLE, C. e DIONNE, J. A Construção do Saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: UFMG. 1999.

LIMA, A. C. Traços e passos: visitas ao Museu Lasar Segall in BARBOSA, A. M. e COUTINHO, R. G. Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP,2009.

LIMA, M. F. Escola de Aprendizes da Parayba à Escola Técnica Federal da Paraiba: Memória do Ensino Técnico. João Pessoa: ETFPB, 1995.

MARTINS, M. C; GUERRA, M. T. T.; PICOSQUE, G. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

_____,M. C; PICOSQUE, G. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo: Intermeios, 2012.

_____, M. C. (org.). Mediação: provocações estéticas. Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo, v. 1, n. 1, 2005.

_____, M. C. Curadoria educativa: Inventando conversas. Reflexão e Ação. 2006. Disponível em http://pt.slideshare.net/Andreia73/curadoria-educativa-inventando-conversas. Acesso em 26/02/2016.

_____,M. C. Arte só na sala de aula? Artigo. 2011. Disponível em http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/9516/6779. Acesso em 12/12/2015.

MENEZES, M. P. de. A Arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática do ensino de artes. 2007. Dissertação (Mestrado em Artes).SS

MESQUITA, I. A soma dos dias. Exposição de Carlos Carvalhosa. Revista Vitruvius. Ano 12. Novembro de 2011. Disponível em : http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/12.050/4112. Acesso em 05/01/2016

O que é arte contemporânea? O exemplo da Bienal 2014. Direção: Gabriela Portilho. Intérpretes: Educadores da Bienal 2014. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2014. DVD (9 min.)

ORLOSKI, E. Diálogos e Reflexões com educadores: a instituição cultural como potencialidade na formação docente in BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão. Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009.

OROFINO, K. Z. In: IV Ciclo de Investigações: Deslocamentos Reflexivos, 2009, Floria O Distanciamento do público em relação à arte contemporânea: a ação educacional em espaços expositivos.Nópolis / SC. 4º Ciclo de Investigações do PPGAV /UDESC, 2009.

Parecer CNE/CEB 39/2004 Disponível em http:// portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_parecer392004. pdf Acesso em 20/01/2015.

PARSONS, M. J. Mudando direções na arte-educação contemporânea. Palestra 1999. Disponível em http://ww2.sescsp.org.br/sesc/hotsites/arte/text_5.htm. Acesso em 12/02/2015.

PENHARBEL, S. F. O ensino de arte contemporânea na sala de aula: relato de uma pesquisa ação. Artigo. 2010. disponível em http://artenaescola.org.br/relatos-de-experiencia/relato.php?id=58879 acesso em 10/12/2015.

PILAR, A. D. A Educação do Olhar no Ensino da Arte in BARBOSA, A. M. Inquietações e Mudanças no Ensino de Arte. São Paulo: Cortez,2014.

PINTO, J. R. A mediação cultural e a avaliação no ensino não formal. Universidade Estadual Paulista – UNESP,2010.

_____, O Papel social dos Museus e a Mediação Cultural. Artigo (2012) disponível em http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/7/artigo_o_papel_social_dos_museus.pdf. Acesso em 21/09/2015.

PLAZA,J. Arte e interatividade: autor-obra-recepção. Disponível em www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_**plaza**/.../arte_e_interatividade.pdf. Acesso em 22/10/2015.

PLASTINA, M. Gramática Intuitiva de Élida Tessler. Artigo. 2013. Revista Luminus. Disponível em http://www.revistaluminus.com/site/2013/05/27/arte-contemporanea-brasileira-em-junho-na-fundacao-ibere-camargo**.** Acesso em 12/12/2015.

REIS, L. F. Fachadas com som, imagens e movimentos. Entrevista. Jornal O Globo, 2014. Disponível em http://oglobo.globo.com/cultura/teatro/fachadas-com-som-imagem-movimento-14338847 . Acesso em 21/01/2016

Resolução CNE/CEB 01, de 03/02/2005 Disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb001_05.pdf. Acesso em 22/01/2015

Resolução nº 22 de 21/11/2008 e nº 35 de 26/12/2008. Disponível em www.edu.ifpb. Acesso em 10/04/2015.

SGARIONI, M. A arte aponta aquilo que falta em você. Entrevista. 2009. Revista Continnum. Disponível em http://www.itaucultural.org.br/materiacontinuum/marco-abril-2009-a-arte-aponta-aquilo-que-falta-em-voce/ .Acesso em 20/04/205.

SILVA, Susana Gomes. Para além do olhar: a construção e a negociação de significados pela educação museal. In BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane Galvão. Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SPRICIGO, Vinícius Pontes e SILVEIRA, Luciana Martha. Ação comunicativa e participação do espectador na poética de Hélio Oiticica in Revista Tecnologia e Sociedade. nº 4, 2007. Disponível em https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2493/1607 files. Acesso em 12/02/2015.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2011.

URIARTE, Mônica Zewe. O Pibid como espaço de mediação cultural: uma sinfonia. Tese de doutorado. Disponível em http://www.univali.br/Lists/TrabalhosDoutorado/Attachments/77/M%C3%B4nica%20Zewe%20Uriarte.pdf . Acesso em 16/02/2016.

TORNAGHI, Maria. o que é isto?- in Revista continuunitaú cultural-19.Disponivel em www.itaúcultural.org.br/continuun. Acesso em 19/02/2015.

VERAS, L. Quem tem medo de arte contemporânea?. Artigo.2009. Revista Continnum. Disponível em http://www.itaucultural.org.br/materiacontinuum/marco-abril-2009-quem-tem-medo-da-arte-contemporanea /. Acesso em 12/09/2015.

VILELA**,** Teresinha Maria de Castro. Ensino de artes visuais e espaços expositivos: limites e possibilidades nas escolas públicas de cabedelo (PB). João Pessoa, 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). UFPB/UFPE.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES DA TURMA DO CURSO TÉCNICO EM INSTRUMENTO MUSICAL ANTES DO PROCESSO DE MEDIAÇÃO NA ESCOLA E NO MUSEU (DIAGNÓSTICO)

NOME: _____

ANO DE INGRESSO NO IFPB_____SEXO_____IDADE_____

1) Em que tipo de escola concluiu o ensino fundamental II?

a) ( ) particular b) ( )estadual c) ( )municipal

Onde estudou durante esse período? Escreva os nomes, os tipos de escolas e suas estruturas (físicas/equipamentos didáticos) e se havia professor habilitado para artes.

6ºAno:_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

7ºAno:_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

8ºAno:_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

9ºAno_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

2) O que você estudou no ensino fundamental II, nas aulas de arte? (Pode assinalar mais de uma opção, se necessário).

a) ( )artes visuais b) ( )teatro c) ( )música d) ( )dança

e) ( )outros_____ f) ( )não estudou g) ( ) Não lembra

3)Que linguagem artística desperta-lhe maior interesse?

a)( ) artes visuais b) ( ) teatro c) ( ) música d) ( ) dança

4) Fez ou faz algum curso relacionado a uma dessas linguagens fora da escola?

a) ( ) sim b) ( ) não

Se a resposta foi sim, cite o nome e o local do curso:

_____

5) Tem interesse em visitar exposições de arte? Justifique sua resposta:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

6) Já visitou museus, galerias e demais espaços de exposição de arte? (Pode assinalar mais de uma opção, se necessário).

a) ( ) sim, através da escola b) ( )sim, por iniciativa própria

c) ( ) sim, por iniciativa da família d) ( )não

Se a resposta foi sim, quando e onde correu a última visita?

O que aprendeu através dessa(s) visita(s)?

7) Havia obras de arte contemporânea nesses espaços de exposição?

a) ( )sim b) ( )não ( ) não sei

8) Obteve nas escolas algum conhecimento sobre arte contemporânea?

a) ( )sim b) ( )não ( ) não sei

8) O que você entende por arte contemporânea? Cite o nome de 3 artistas contemporâneos.

9) Você gosta de arte contemporânea? Justifique sua resposta:

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES DA TURMA DO CURSO TÉCNICO EM INSTRUMENTO MUSICAL APÓS O PROCESSO DE MEDIAÇÃO NA ESCOLA E NO MUSEU

NOME:_____

1) Que exposições você visitou?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

2) O que aprendeu através dessas visitas?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

3) A arte contemporânea foi apresentada através de quais modalidades?

( ) não sei

As seguintes:_____
_____
_____
_____
_____
_____

4)Você tem algo a acrescentar sobre o que você entende por arte contemporânea?_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

5) Você gosta de arte contemporânea? Justifique sua resposta:

_____
_____
_____
_____
_____

6) O que achou da ação do educador que nos acompanhou à exposição? Justifique

_____
_____
_____
_____
_____

7) Na ultima exposição o educador do museu não nos acompanhou. Essa ausência prejudicou a visita? Você tinha alguma questão (ou dúvida) a formular ao educador caso ele estivesse presente? Qual ?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

8) Que conhecimentos lhes foram acrescentados sobre arte contemporânea no IFPB?

_____
_____
_____
_____

9) Que conhecimentos lhes foram acrescentados sobre arte contemporânea no Estação Cabo Branco Ciências Cultura e Artes?

_____
_____
_____
_____
_____

10) Tem mais considerações a falar sobre o processo que experimentou, no museu e IFPB, acerca de arte contemporânea? Quais?

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EDUCADORES DO MUSEU ESTAÇÃO CABO BRANCO, CIÊNCIAS, CULTURA E ARTES

NOME:_____

CURSO:_____

1) Há quanto tempo trabalha nesta Instituição?

_____

2) Como foi o processo de seleção para ingressar nesse trabalho?

_____

_____

_____

3) Para a Instituição, que perfil deve ter um mediador?

_____

_____

_____

_____

4) Há formação para os mediadores?

Sim ( ) não ( )

5) Quando, com que frequência ocorre a formação e quais conteúdos são abordados?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

6) O mediador tem contato com o artistaexpositor?

às vezes ( ) sempre ( ) nunca ( )

7) O mediador tem contato com o curador?

às vezes ( ) sempre ( ) nunca ( )

8) É importante esse contato com o artista e curador? Por que?

_____

_____

_____

_____

_____

_____

9) Encontra alguma dificuldade para a realização do trabalho de mediação? Qual ?

_____

_____

_____

_____

_____

10) Faz algum planejamento da mediação?

_____

_____

_____

_____

_____

11)Quais os perfis de público atendido? Há variação das estratégias de mediação para cada público?

_____

_____

_____

_____

12)Qual o seu conceito sobre mediação?

_____

_____

_____

13) Que conceito tem sobre arte contemporânea?:-

_____

_____

_____

_____

14) Como você concebe a mediação para exposições de arte contemporânea?

_____

_____

_____

_____

15) Há algum trabalho específico relacionado com as escolas visitantes? Como você vê a relação entre museu e escola?

_____

_____

_____

_____

(Utilizar o verso da folha quando necessário expandir a resposta, indicando numeração da questão)

APÊNDICE D

QUESTIONÁRIO APLICADO À COORDENAÇÃO DO SETOR EDUCATIVO DO MUSEU

NOME:_____

FUNÇÃO:_____**FORMAÇÃO**_____

1) Há quanto tempo trabalha nesta Instituição e na função atual?

_____

2) Para a Instituição, que perfil deve ter um mediador?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

3) Há formação para os mediadores?

Sim ( ) não ( )

5) Que critérios são considerados no planejamento dessa formação?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

6) Que conceito tem sobre mediação?

_____
_____
_____
_____

7) Quantas escolas visitam as exposições por mês?

8)As escolas dão algum retorno de resultados em relação as visitas feitas às exposições de arte?

9) O museu abre seu espaço para exposição de trabalhos dos estudantes?

10) O museu já promoveu alguma formação (curso, palestra, oficina, etc) relacionada as artes visuais aos professores de arte ou público em geral? Poderia citar alguma?

11) Dê sua opinião sobre arte contemporânea:

12) Como você concebe a mediação para exposições de arte contemporânea?

13) Como você vê a relação entre museu e escola?

ANEXO A

IMAGEM DE OBRA